

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***DELBY FERNANDES DE MEDEIROS***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil

Entrevistado - Delby Fernandes de Medeiros (DF)

Entrevistadores - Tânia Fernandes (TF) e Fernando Dumas (FD)

Data - 25/03/1998 e 27/03/1998

Local – João Pessoa/PB

Duração – 4h58min

Responsável pelo sumário - Carlos Henrique Assunção Paiva

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MEDEIROS, Delby Fernandes de. *Delby Fernandes de Medeiros. Entrevista de história oral concedida ao projeto Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil*, 1998. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 88p.

## Sumário

### Fita 1 - Lado A

Aborda a sua infância, sua família e a farmácia de seu pai no Rio Grande do Norte; sua formação escolar até o curso de graduação na cidade de Recife; seu trabalho na Rhodya e a compra do Laboratório Rabelo; o trabalho de seu pai na farmácia da família e a intenção de escrever um livro de memórias; a criação da Faculdade de Farmácia em João Pessoa.

### Fita 1 - Lado B

Referência a equipe de trabalho no Laboratório de Tecnologia Farmacêutica (LTF); o sobrinho que foi estudar farmacologia na França; suas atividades docentes na Faculdade de Farmácia; a criação do LTF e a tentativa de contratação de cientistas brasileiros para trabalhar no laboratório.

### Fita 2 - Lado A

Comenta os problemas com os pesquisadores estrangeiros contratados para trabalhar no LTF; compara o curso de Farmácia de seu pai com o que fez e o que está montando; as cadeiras que deveriam ser extintas no curso de Farmácia; a relação do LTF com a Faculdade de Química.

### Fita 2 - Lado B

Faz referência as pesquisas realizadas no LTF; as patentes e o convênio da Rhodya com o LTF; as situação atual do LTF: investimentos e financiamentos; a relação das universidades estaduais paulistas com o setor privado e a atividade científica no Brasil; a constituição acadêmica da farmacologia e a farmácia; a diferença entre pesquisa básica e aplicada; referência a Laércio e Severino.

### Fita 3 - Lado A

Aborda o curso de Limpeza que organizou no LTF e a trajetória de Jonas, aluno do curso; as bolsas de estudo no LTF e a fundação da Faculdade de Farmácia; o Núcleo de Fitoterapia do Centro de Ciências da Saúde e sua relação com o LTF.

### Fita 4 - Lado A

Comentário sobre a criação e sua inserção na Faculdade de Farmácia; a mudança de catedrático para titular nas universidades; a relação do Laboratório de Tecnologia Farmacêutica (LTF) com a Central de Medicamentos (CEME); o Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco (LAFEP); a produção de fitoterápicos no LTF; o contexto político do período pós-64 e sua saída da direção do LTF; o processo de sucessão na direção do LTF.

### Fita 4 - Lado B

Referência ao seu trabalho na comissão de avaliação de projetos de laboratórios universitários; o convite do Estado do Tocantins para organizar um laboratório no Estado; seu trabalho na Universidade de Tocantins; sua indicação e seu trabalho na reitoria da Universidade de Tocantins; o vínculo atual com o LTF; suas atividades

atualmente e sua infância na fazenda da família.

#### Fita 5 - Lado A

Aborda a produção de medicamentos e a política da CEME; o Projeto Flora; a pesquisa com o “Ipê Roxo” e o princípio ativo em plantas.

#### Fita 5 - lado B

Comenta a diferença entre substâncias solúveis em água e em clorofórmio; o Projeto Plantas Medicinais do Nordeste como fonte de medicamentos; as áreas de interesse para as agências de fomento à pesquisa; o SIMPRONAT.

#### Fita 6 - Lado A

Sobre o êxito do LTF; o JAICA e a formação acadêmica do farmacêutico; os grupos de pesquisa que trabalham com plantas medicinais no Brasil e fora do país.

Data: 25/03/1998

### **Fita 1 - Lado A**

TF - Entrevista com o professor Delby Fernandes, no dia 25 de março de 1998, para o projeto Plantas Medicinais da Casa de Oswaldo Cruz. Entrevistado por Tânia Fernandes e Fernando Dumas. ... Fita número 1. Bem, professor Delby, então vamos iniciar a nossa entrevista. Gostaríamos que o sr. falasse da sua infância, da sua família, lá em Natal. Já sabemos que o sr. veio de Natal. Por favor.

DF - Bom, é ... a minha ... minha infância foi em Caraúbas, no Rio Grande do Norte, não é propriamente em Natal. Em Caraúbas no Rio Grande do Norte. E foi realmente uma infância diferente da que eu ... hoje encerro, estou encerrando como aposentado a minha luta científica e tecnológica, né? Porque a minha infância foi de um menino que gostava muito de fazenda, de boi, de cavalo e eu fui aquele que passei todo tempo sem querer inclusive estudar, era um dos desgostos que o meu pai tinha, porque eu não tinha realmente condições e eu era apaixonado por um cavalo e ele me deu esse cavalo bom. Então, eu até rapazinho de 15, 16, 17 anos, eu tinha mal feito o primário, né? E isso foi um dos choques que o meu pai tinha. Que ele era farmacêutico, era fazendeiro também, mas não queria que nós seguissemos essa linha da fazenda.

TF - Ele tinha uma farmácia?

DF - Ele tinha farmácia, ele tinha algumas fazendas. Ele gostava também disso... (ruído). Quem mora no interior... ou, não faz só uma coisa, ele faz alguma coisa e fazenda, né? Quem pode ter alguma coisa, compra a sua fazenda, vai criar boi, cavalo, plantar, né? Mas eu me apaixonei por isso, então não queria saber absolutamente de estudar. Mas ele, quando meu irmão mais velho terminou o curso de Farmácia em Fortaleza, ele ... ele botou na cabeça dele pra me arrastar de Caraúbas para Mossoró, para gente montar uma farmácia. E meu irmão me convenceu disso com tanta ênfase, etc, que me convenceu e eu fui com ele.

TF - Era uma farmácia comercial ou era farmácia...

DF - Farmácia comercial.

TF - ...de manipulação também?

DF - Sim, de manipulação. Porque naquela época se manipulava. Hoje está voltando, né, hoje tá voltando a farmácia... Mas passado de 50 até agora 1980, eu acho que quase nenhuma farmácia manipulava. Hoje está voltando as farmácias e muito boas. De forma que eu fui pra Mossoró. E com pouco tempo que eu estava em Mossoró, não é, sofri um choque: os meus amigos lá, aqueles rapazes da minha idade, trabalhavam durante o dia e de noite estudavam. Tinha a União Caxeiral, que era a escola de comércio, aquela... né, e estudando. Eu me sentia envergonhado porque eu ficava sozinho nas praças, ocioso, ali sem fazer nada e tinha vergonha de estudar porque eu só tinha o primário, né, não queria mais um rapaz já de barba, ir estudar

com criança, né?

FD - Quantos anos o sr. tinha nessa época?

DF - Era uns 17 anos. 17 anos, 18 ... Incompletos. Aí eu sei que resolvi estudar particular. Estudando... estudando Português e Matemática. Botei professores particular e comecei a estudar isso. E esse estudo com mais uns 6 ou 7 meses antes do fim do ano, apareceu, surgiu em Mossoró aquela... Não sei se vocês conheceram ou ouviram falar, o Artigo 91, era fazer o ginásio, primário e ginásio num ano, num concurso. Era um tipo vestibular que se fazia.

FD - Supletivo.

DF - Supletivo, é. E os professores de Matemática e de Português botaram na minha cabeça: “Delby, você está em condições de fazer esse negócio. Vamos fazer isso!” Me botaram e eu... a solução foi eu botar professor também para Geografia, História, Desenho, Inglês... enfim, botei para todas as matérias, aquelas matérias. Professores... particulares. E comecei a estudar e chegou o dia da prova, do exame, eram mais ou menos 38... 40 candidatos e passaram 12. Desses 12 eu estava no meio desses 12. Ah! Aí eu fazendo isso sem que minha família soubesse, porque eu tinha vergonha, na época, de dizer que tinha sido reprovado. Então era melhor que ninguém soubesse porque se eu fosse reprovado, elas por elas, né? Mas quando eu passei, aí o professor de Português que era juiz de Direito lá na minha cidade disse: “Delby, deixe que eu vou comunicar. Vou passar um telegrama a seu pai e vou comunicar a sua aprovação.” Aí ele fez um telegrama bonito... mandou para o meu pai... Ah, no outro dia o meu pai bateu lá, muito satisfeito, me abraçou, disse que não sabia, ficou surpreso. “Ora, meu filho estudando, você quer agora estudar aonde? Diga onde é para gente preparar...”. Aí eu disse imediatamente: “Eu quero continuar e vou para Recife fazer o científico lá no Recife.” Aí ele disse: “Pronto, pode ir.” Me arranhou, me financiou tudo isso, eu fui para Recife, deixei a farmácia e fui para Recife. Fiz o científico em Recife... é... e quando fiz com certa dificuldade porque eu não tinha aquela base. Eu passei no concurso, mas passei porque estudei muito, né, e... pronto, tive a sorte também. Mas quando chegou na hora de fazer o científico mesmo, normal, eu sentia falta daqueles conhecimentos básicos, né, que a gente não fez. Mas fui superando isso e consegui fazer o científico relativamente bem. Fiz o vestibular. Fiz dois vestibulares: um de Farmácia e um de Ciências. Passei nos dois. Mas não pude, não tive como acompanhar os dois, porque os horários eram iguais e então fiquei só com Farmácia. Só fiz um ano do outro, o que era de Ciências. Ciências Naturais.

TF - Era o quê, Biologia que o senhor fazia?

DF - Biologia, exatamente. Aí eu fiz Farmácia é... procurei trabalhar. Porque meu pai me dava mesada, me dava de tudo, mas ele tinha, nós éramos 12 filhos, 12 irmãos e ele não... não podia ser bem franco para todos eles. Tinha que regradar um pouco a coisa. Mas eu, já habituado a ter o meu dinheiro, então fui trabalhar. E esse trabalho me fez trabalhar de dia e estudar de noite no curso de Farmácia. Mas tudo isso eu superei. E passei, fiz o vestibular passei, eh... Farmácia. Terminei o curso de Farmácia, quando eu terminei o curso de Farmácia, a Companhia Química Rhodya Brasileira... uma multinacional, procurou lá no curso de Farmácia uns 5 elementos daqueles que quisessem trabalhar com a Rhodya que naquela época eles só contratavam profissionais formados. Na área de Farmácia, na área médica, na área de veterinária, na área

agronômica e... e Química. Então só tinha lá, todos eram formados, funcionários da Rhodya. E eles então me conquistaram. E eu com... com... resistência porque lá em Recife eu já tinha uma farmácia também, farmacinha pequena num bairro. E eu então resisti. E um dos diretores da Rhodya disse: “Olha, Delby, pode deixar que nós compramos essa farmácia e... mas tenho certeza que você, depois que começar a trabalhar na Rhodya, você não vai mais se interessar em sair da Rhodya nunca mais.” Porque a Rhodya era boa, pagava bem. Aí tudo bem. Mas eu vou passar 5 anos na Rhodya. Aí fiz essa... essa previsão: 5 anos na Rhodya. Mas com 5 anos eu ainda não tinha decidido, eu estava na Paraíba, eu vim trabalhar na Paraíba. E aqui um grupo de farmacêuticos, entre eles eu inclusive, ...

TF - O senhor deixou a Rhodya em... Pernambuco e veio trabalhar na Paraíba?

DF - Não, eu trabalhava na Rhodya aqui. Essa região era minha na Rhodya. Eu era um divulgador científico da Rhodya e... e essa região, esse setor era meu.

TF - Então o senhor não trabalhava com química na Rhodya.

DF - Era com farmácia. Que eu fazia cursos de preparo, todos os lançamentos de drogas, de medicamentos novos que havia... todos esses nós fazíamos cursos lá em São Paulo, em Santo André. E...

TF - E a Rhodya tinha pesquisa, divulgava...

DF - Tinha pesquisa... É...

TF - Explica melhor porque eu não estou entendendo.

DF - A Rhodya, a Rhodya era a... a linha farmacêutica. Era farmacêutica, química, de veterinária, agrônoma... agrônômica, eram essas áreas. Cada profissional na sua área. A minha era de farmácia, então era medicamentos e fármacos, né?

TF - Vocês faziam pesquisa?

DF - Não! A minha era divulgação.

TF - Divulgação.

DF - Divulgação científica aqui junto às classes médicas, farmacêuticas e etc.

TF - Mas era divulgação científica de um conhecimento geral dentro da Rhodya?

DF - Dentro da Rhodya. E na minha profissão, não é? Que essa, essa... por isso eles queriam farmacêutico formado, porque já tinha uma base toda de Farmacologia, né, e Química também. Então isso, eu passei 5 anos... e aí eu não tinha..., mas eu estava já aqui com um grupo fundando o Curso de Farmácia. A gente tava com... um programa de fundar um curso de Farmácia aqui. Aí no 6º ano, eu passei mais um ano daquilo que eu tinha previsto, no 6º ano agente fundou o curso de Farmácia e aí eu pedi demissão da Rhodya. Mas na Rhodya eles não acreditaram,

vieram aqui na minha casa, é... essa minha casa, óbvio, não era assim não. Mas eu comprei uma casa, pra vocês terem idéia assim de como a gente tinha... com o 1º prêmio de produção que eu ganhei, eu comprei minha casa. Quer dizer, hoje a gente não tem mais isso, né? Então eu tinha realmente uma vantagem muito boa na Rhodya. Eles não acreditaram que eu fosse deixar a Rhodya. Aí vieram aqui dois elementos e disseram: “Professor, brincadeira de mau gosto essa, etc...” E eu então disse: “Não é não. Nós estamos fundando um curso de Farmácia...” “Mas professor, isso não tem futuro, o senhor tá aí com dinheiro...! Tá faltando alguma coisa?” “Não, não tá não. Mas...”. Me ofereceram para eu ir para Santo André, para no mínimo em 6 meses eu assumir a direção, a coordenação do setor de produção industrial da empresa no setor que eu quisesse, né? Mas eu estava com a cabeça convencida de que o curso de Farmácia era com o que eu devia me preocupar. Conversamos eu com a minha mulher e... “Augusta, essa... essa decisão tem que ser nossa, não pode ser minha só, porque nós vamos ficar embaixo, né, sem o salário bom que a gente tinha da Rhodya.” De fato, a gente passou 6 meses sem salário nenhum, mas o que eu tinha reservado da Rhodya, eu não tinha nenhum problema nisso. Nesse ínterim, quando eu fiquei sem Rhodya e a faculdade também sem nada, eu compro o Laboratório Rabelo. É um laboratório de produtos... um laboratório de... fitoterápicos. E o principal produto dele era a Água Rabelo que é uma associação hidroalcoólica de: hortelã da folha larga, aroeira da praia, (inaudível) e o eucalipto.<sup>1</sup> É uma... uma, um produto básico do laboratório era esse. Mas tinha todos uns outros produtos já desativados: elixir de carnaúba e sucupira, cabeça de negro... Tinha tanta coisa! Mas a gente recuperou uns e outros não. Sei que criamos outros produtos, passei 11 anos nesse laboratório. Esse não atrapalhou o negócio da faculdade, porque era meu, eu era o diretor técnico de lá... eu ia... pronto, o prejuízo seria meu, não dava prejuízo a ninguém.

TF - Era um laboratório particular?...

DF - Particular.

TF - Ele fornecia para as farmácias? Como é que ele funcionava?

DF - Vendia às farmácias, é. Passamos 11 anos com isso, a produção... ainda existe aqui o laboratório, não meu, né? Água Rabelo, se você sair daqui, todas as casas da Paraíba têm Água Rabelo. É o remédio é...

TF - Indicado para quê?

DF - Ah! Até pra infelicidade no amor e queda de rede! (risos) Para tudo no mundo, sabe? É interessante. Água rabelo foi um produto, ele é o... velho Rabelo, Antônio Rabelo, ele é, ele criou esse laboratório em 1896. Ele é centenário. É um laboratório centenário. Ele criou e... essa Água Rabelo vem se mantendo, cada ano vendendo mais... Por isso, porque ela de fato, eu não acreditava, estava convencido de que era uma panacéia quando eu comprei. Mas de tanto receber cartas importantes para dizer, agradecendo a cura daquilo com Água Rabelo, aí agradecia fazia aquela carta para gente, que eu me... passei a me convencer de que o produto, também será que isso tudo é conversa...?

TF - Então por que o senhor comprou a... a firma?

---

<sup>1</sup> A Água Rabelo possui em sua composição ativa Eucalipto, Hortelã do Brasil e Aroeira da Praia. O Laboratório Rabelo, responsável pela produção do produto, foi fundado em 1889, na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba, por Antônio Rabelo Júnior.



DF - Hein?

TF - Por que o senhor comprou a firma, já que era...?

DF - Eu comprei porque era vantajosa. O velho tinha morrido e estava aí meio sem preço, né? E eu peguei, aproveitei, era uma coisa que eu gostava era da indústria farmacêutica, aí comprei, né? Fiquei sócio também com outros colegas. Eu sei que a gente foi desenvolver isso, eles que vendiam na época 500 vidros, 500 unidades/mês, eu quando vendi, já faziam mais de 10 mil/mês. Quer dizer, ainda ampliou muito. Fora, deixei 17 produtos na linha de produção, né? A gente...

TF - Vocês faziam pesquisa também, se associavam com a universidade...? Como é que era?

DF - Não! Pesquisa muito pouca! Mais controle, né? Mais um controle de qualidade para poder a gente manter o... Mas pesquisa mesmo não tinha condições. A gente não tinha.

FD - Como é que o senhor criou esses 17 produtos?

DF - Bom, os 17 produtos, uma boa parte deles já existia e a gente reativou, né? Eles não fabricavam mais e a gente voltou a fabricar. Eram produtos populares que no sertão e ainda hoje se usa muito, se compra muito.

FD - Tipo o quê? Dá um exemplo para gente.

DF - Elixir de carnaúba e sucupira composto, por exemplo, para simples...!

Augusta- Salsa, caroba e cabacinha.

DF - Salsa, caroba e cabacinha. Elixir cabeça de negro. Esses produtos são produtos popularíssimos! Feito de raízes desses... salsa, caroba e cabacinha. Quer dizer são 3 plantas: a salsa, a caroba e a cabacinha que fazia esse... esse... extrato, e era indicado para fazer limpeza no sangue em Medicina. Eu sei que a gente começou a fazer, eu fiz o Tussalerge que é um produto, um antialérgico, um produto à base de...

TF - Tussialérgico?

DF - Tussa... Tussalerge. “É um produto, é um nome só: ‘Tussalerge - tosses alérgicas’. E esse produto a gente deixou, vendia bastante para os hospitais, porque é um tipo: Fenegan, Benadryl... é um tipo, naquela linha. E a gente então, fez isso, estudando a Farmacologia de cada produto desses e lançou, né? Agora, esses não tinham aquelas exigências do Serviço Nacional de Vigilância, e... e a gente ia levando. Hoje teria sido muito difícil! Porque a Vigilância Sanitária hoje tá acompanhando *pari-passu* a vida dessas empresas, né? E isso tá sofrendo, a própria Água Rabelo hoje... lá no L.T.F., eles estão até é... sendo convidados a fazer parte deles lá, para poder garantir o controle da qualidade, né, dos produtos deles lá.

TF - E lá na farmácia do seu pai, lá em... Caraúbas...

DF - Caraúbas.

TF - ...a farmácia, a parte de manipulação... É... que tipo de receitas, como é que eram escolhidas essas receitas que vocês faziam...?

DF - A classe médica. O médico...

TF - O médico receitava...

DF - Receitava...! (inaudível)!

TF - Mas não tinha nenhuma produção que fosse de iniciativa da própria farmácia?

DF - Tinha! Tinha! Por exemplo: a... a... as pílulas de jalapa era uma... uma... iniciativa do meu pai. Ele fazia a jalapa, é purgativo, né, e ele fazia aquelas pílulas muito amargas, né, ele fazia aquelas pílulas e fazia uma camada adocicada para poder a criança ou a pessoa engolir aquilo, aquelas pílulas prateadas. Botava numa caixinha redonda que comprava-se na França. Quase todos os produtos eram, vinham de origem francesa, né? Portugal e França. E ele fazia aquilo. E eu nisso eu tenho uma recordação interessante da minha infância. Um dia nós descobrimos uma caixinha dessas cheias daqueles confeitinhos e eu e os meus irmãos todos começamos a chupar aquilo, quando chegava no amargo, a gente botava no mato, né? E aquela jalapa era uma fórmula que o meu papai tinha preparado para dar ao cliente dele. Quando o cliente chegou, ele foi buscar a caixinha, não tinha mais. Só tinha a caixinha e seca. “Quem foi? Quem não foi?...” E todos nós negávamos: “Não, não fui eu.” Ele disse: “Não tem importância nenhuma. Daqui a pouco eu vou descobrir.”

TF - Daqui a pouquinho ia descobrir.

DF - Quando o primeiro foi para o banheiro, ele foi para lá com a palmatória... meu pai não açoitava de chibata, essas coisas... Ele tinha uma palmatória pendurada no armador e ia: ‘pá, pá...’ Dava 6 bolos, 4 bolos, dependendo do castigo, né? Ele foi com a palmatória para porta do banheiro, os que iam saindo, ele ia com a palmatória. “Então você não...” “Só uma! Não sei quê...”. Pois é, pílula de jalapa... dava... realmente era purgativo. Ele tinha essas fórmulas, tinha uma Ibiraubi que ele fazia que era tintura de jucá. Jucá é o pau-ferro. O jucá... ela tem uma vagem e ela seca, pila, quebra aquela vagem ou no moinho ou no pilão e aquilo dá um produto excelente como antisséptico e cicatrizante. Muito rico em tanino, e papai foi, é um produto dele. O Ibiraubi, ele botou o nome de Ibiraubi. Agora não sei por que Ibiraubi? Ele achou bonito ou sei lá, ou se tinha algum motivo eu não sei. Não me lembro.

FD - O seu pai... ele fazia algum tipo de pesquisa para conhecer essas plantas ou ele usava o conhecimento popular?

DF - Popular. Ele tinha o Chernowis que era a farmacopéia, depois veio a farmacopéia. O Chernowis era uma farmacopéia portuguesa muito antiga e lá já tinha indicações. Naquela época, muito pouca coisa, a pesquisa que se fazia não é a de hoje. Era outra. Era mais em livro, era mais bibliográfica. Era uma pesquisa na literatura. Porque eles não tinham, o profissional

não tinha recursos para isso. As universidades não existiam na época, para financiar. Os Institutos de Pesquisa também não existiam. Então eles não tinham como financiar uma pesquisa, né? Então eles não tinham essa forma de pesquisar que a gente tem hoje. Mas o Ibiraubi, ele fez isso e ele confiava tanto nesse produto dele, que aconteceu um caso desses, dos que eu me lembro assim, com um trabalhador lá nosso lá de casa, ele cortando lenha.... não existia fogão a gás, era tudo à lenha. Aqueles fogões grandes assim, a lenha no forno... E ele cortando lenha, o machado deslizou: ‘pá!’ e foi em cima do pé. E partiu o pé dele assim em ‘bico de gaita’ como diz, por cima do pé. Ficou pendurado só naquele couro que não apartou, aquele couro solado, aquele couro grosso. E papai lutou muito com esse pé para ver se salvava o pé e acabou salvando. Ele não tinha médico, não tinha... na cidade só médico de 15 em 15 dias, e mês em mês... Aí ele juntou, lavou aquilo tudo com Ibiraubi, juntou as duas partes e atou com gaze, né, e botou aquelas coisas de papelão grosso, duro por baixo, em cima, de lado. E com muita gaze bem... e ficou alimentando esse... esse curativo aí, por 30 dias no mínimo, molhando dia e noite com Ibiraubi. Secava, ele molhava, secava, molhava, secava... Quando o médico passou, 15 ou 20 dias depois, ele mostrou ao médico, olhou: “Compadre (inaudível), quem lhe pensava!” “Agora você poderia dar uns pontos aí para...”. Aí ele olhou disse: “Não, não tem ponto a dar não. Tá muito bom. Agora, não deixe ele andar com 30 dias não. Porque se tivesse os pontos, ele talvez pudesse, mas como nele não foi dado ponto... passe mais tempo. Passe 45 dias, 2 meses...” Eu sei que ele ficou mais tempo deitado. Ficou dormente um pouco ali o lugar do... da cicatrização... Não tinha a circulação, ficou... sem circulação, né? Mas não teve gangrena, não teve nada. Então isso, com essas coisas ele provava que o produto dele era bom. Pois é, então a gente... no Rabelo, a gente ficou 11 anos, 11 anos e... e a faculdade...

TF - Mas deixa eu voltar um instantinho só. Quando o senhor veio para Recife montar sua farmácia, o senhor continuou com a manipulação, seguindo a sua proposição...?

DF - Não, na farmácia não. Muito pouca. Porque na farmácia lá no Recife, era uma farmácia de bairro e não tinha muito...

TF - Isso já era quando?

DF - Isso foi 53, 54, né?... Eu terminei em 55. E as formulações de lá eram muito pequenas. Era uma magnésia, uma limonada purgativa citro-magnesiana, que a gente fazia lá, era... óleo de rícino aromatizado... Era umas besteiras, né! Eu fazia o Ibiraubi porque esse Ibiraubi agora, passou, me acompanhou como me acompanhou até aqui no L.T.F. Aqui no L.T.F. não era Ibiraubi, era Tintura de Jucá, nós fazíamos ele como Tintura de Jucá. E como tem sido útil, foi útil e eu acho que continua sendo útil ao Hospital Universitário e ao invés de usar o iodo, usa o Ibiraubi, a Tintura de Jucá. Então gente, foi por aí, o nosso início na farmácia e na pesquisa com plantas. Aí eu comecei aqui, demos início ao curso de Farmácia, né? Com isso a gente criou uma estrutura tal, às custas da gente, porque nós é que mantínhamos...

TF - Quando o senhor fala curso de Farmácia é a faculdade de Farmácia.

DF - De Farmácia.

TF - Junto com a Odontologia ou separada? Porque em geral é junto.

DF - Não, mas ela aqui já nasceu separada. Porque já tinha a Odontologia aqui e já tinha com a Medicina. Só Farmácia não existia. E quando nós fundamos, já foi em pouco tempo, federalizou-se. E já federalizou isolada, né? Aí pronto, criamos o curso de Farmácia e a partir daí eu... Olhe, nesse início teve um bocado de coisa... muito interessante, pra mim. Eu estou tentando, eu tô tentando fazer um livro sobre memórias do laboratório, né? Parte da Universidade onde eu vou, onde eu vou citar é... a... os desafios que nós encontramos nessa linha, né? Como foi, por quê... eu quero contar isso, né? Eu já até comecei, porque eu estou terminando um livrinho sobre a família, não é a árvore genealógica da família, mas é um livro histórico das famílias que entrelaçaram conosco: Fernando Medeiros e Lemos, né? Nós estamos fazendo um livro... Já tá terminado esse, tá na revisão, eu acho que daqui pra junho ele sai. E paralelamente eu estou escrevendo um pouco sobre o laboratório. E isso vai ser importante porque a universidade vai passar a ter uma história diferente dessas que nós estamos acostumados a ler sobre a universidade. Vai ser uma... uma história toda documentada. Eu tenho toda a história do L.T.F. em recortes de jornais, em relatórios, é... fotografias... Tenho tudo! Tá tudo comigo aqui. Então eu vou fazer um livro, talvez escrevendo menos e documentando mais, né, para que a universidade passe a conhecer ou os novos da universidade passem a conhecer como funcionou, de fato, uma estrutura didático, científica e tecnológica, sem existir nas estruturas universitárias. Então isso vai ser uma coisa interessante. Eu acho. Mas... E tenho certeza que vai ser útil, principalmente para os historiadores, para as pessoas que querem... sentir como é que foi, como foi que afinal de contas isso nasceu. Por que razão?

FD - Conta aí para gente então? Como é que nasceu? De onde veio a idéia de fazer uma faculdade de Farmácia em João Pessoa tendo uma tão pertinho em Recife e que já tinha uma credibilidade muito grande.

DF - É. Exatamente. Isso é uma...

FD - Como é que veio essa idéia e como é que isso se desenvolveu?

DF - A gente tinha uma dificuldade no Recife, embora eu tenha terminado o curso lá, gostei do curso que fiz, mas a gente achava o povo de Recife muito fechado e a gente então teve a idéia de fazer um curso aberto.

TF - Fechado em que sentido?

DF - Fechado só para eles! Só para eles. Ninguém entrava ali, era... ninguém penetrava, sabe? A gente não vivia. Mesmo (inaudível) da universidade, da faculdade...

TF - Tinha muitos alunos de fora, de outros Estados?

DF - Tinha! Tinha muitos porque não existiam outras, né? E eu sei... tanto é que eles eram fechados, eu vou contar esse fato, que quando eu estou com o laboratório já aqui – isso eu vou chegar lá, mas vou antecipar isso. – quando eu estou com o laboratório aqui, mandando o meu pessoal fazer mestrado, doutorado lá fora, eu um dia eu recebi uma visita inusitada, de três professores lá de Recife. “Professor Delby, nós estamos aqui porque soubemos que o senhor tá mandando seus alunos, etc, fazer mestrado, doutorado lá fora... (interrupção da fita)

## Fita 1 - Lado B

DF - Aí ele disse: “Mas como Fernandes, é suicídio meu.” Se eu tenho uma formação.... Na época não existia pós-graduação é... ..*strictu sensu*, né? Mestrado e doutorado só veio aparecer na era, eu acho de 70, 75, né? Mas até lá só tinha especialização, aperfeiçoamento, essas coisinhas assim. Se eu não mandar meu pessoal fazer mestrado e doutorado lá fora, nós todos estamos naufragos num barco só. Eu e eles! Então, eu não tenho outra solução, eu tenho que mandar... “Mas eles vão chegar aqui sabendo mais que você e vão lhe botar, olhe, na sua traseira e você não sabe onde é que vai cair.” Quer dizer, isso aí é o tipo de fechamento deles. Não queria que ninguém entrasse. Só o filho do filho, do pai, do pai, não sei que e coisa... Aí aqui a gente acabou com isso. Era quem soubesse. Aqui entra quem soubesse. No L.T.F., depois de 30 anos eu dirigindo o L.T.F., só tem um sobrinho meu que hoje é o vice-diretor, não botaram mais por mim, porque já foi depois que eu saí. Mas esse mesmo ele entrou lá por concurso, porque eu ... a minha influência, porque eu fui à França e lá e procurei um centro bom para ele fazer o doutorado. Ele não tinha nem mestrado. Aí a gente então foi para França, Lyon, e... o doutor Jean Sassat, o professor, o orientador dele, me disse inicialmente que não tinha como aceitá-lo. Mas depois voltou e disse: “Ô professor, isso é uma indignidade minha. Por que eu não aceitar? O senhor vem à França, dirige uma unidade no Brasil. O senhor quer uma vaga no meu curso, por que é que eu não aceito? Eu vou aceitar. Agora, eu queria conversar com o senhor dar uma condição.” “Pois não. Que condição seria essa?” “Nós temos o DOA, né?” ... Na França eles têm um DOA que é o que vale ao mestrado, ele vai fazer esse DOA durante o primeiro ano, se ele acompanhar o DOA, ele fica para o doutorado, se não acompanhar ele volta.” Eu apertei a mão dele com muita força e disse: “Tá certo! É isso que eu quero. Eu não quero... não vim aqui pedir favor não. Eu vim pedir uma concessão para um estudioso, por acaso meu sobrinho.” Eu fui para visitar, porque nós estávamos fazendo um convênio, aquele CAPES-Fiocruz e eu era o coordenador, diretor aqui e... fui à França visitar umas universidades e entrar nesse acordo. Mas aproveitei o útil ao agradável e... Aí ele disse quando o Isaac fez o DOA, e fez muito bem, ele me fez um bilhete com 4 linhas apenas: “Professor Delby, o Isaac não voltará mais. Parabéns.” Um negócio assim, bem curtinho. Ele dizendo que o Isaac não voltaria, ia continuar. Pois bem, isso aí foi uma coisa que pelo menos a mim, valeu muito. Ele fez o doutorado no último ano, ele já com trabalho experimental feito, ele... o doutor Sassat faz parte de um grupo internacional de 25 doutores na área de farmacologia cardiovascular e esse grupo é um grupo fechado, não entra mesmo não. É um grupo bem fechado. Tudo que eles descobrem, eles... comunicam nessa, entre eles 25, sabe? Em cada ano é num país daquele e nesse ano essa reunião ia ser na Alemanha. Foi na Alemanha. Na Alemanha, o trabalho que ele ia apresentar lá era um trabalho do Isaac. Um trabalho inédito. Trabalho muito interessante, nas cardiovas... nas clínicas cardiológicas. E ele então, adoeceu, não pôde ir. Aí lembrou-se: “Isaac venha cá, você é capaz de ir para Alemanha fazer essa conferência, fazer uma conferência sobre o seu trabalho... no meu lugar, porque tá lá, eu vou ser um dos conferencistas, e eu não posso, estou aqui doente.” Ele foi à casa dele, aí o Isaac disse: “Pois não professor, pode deixar que eu vou fazer.” (inaudível) Pros alemães que são os papas da... (vozes de criança)

TF - Vou pedir para fechar...

DF - Ô, ô... (inaudível) Pois bem, então ele foi fez a conferência... um doutor daqueles, um

cientista do grupo inglês, solicitou ele, chamou, disse que tinha gostado muito. Ele, Isaac tinha 26 anos nessa época, um jovem, uma criança né ainda, cientificamente. Aí ele achou muito interessante Isaac ter feito aquela conferência em inglês para os alemães, na Alemanha. E convidou para Isaac passar uns três meses lá com ele, com o grupo dele. E o Isaac disse: “Olha, tudo depende do doutor Sassat lá em Lyon, o senhor telefona para ele, se ele permitir eu irei com muito gosto.” Eu sei que ele telefonou, Isaac foi, passou, quer dizer, Isaac passou a ser conhecido nesse grupo e internacionalmente com os trabalhos dele. Então isso, são coisas que nada me paga! Só isso tem me dado a compensação daquilo que a gente fez, de esforço que a gente fez. Nunca quis, nunca quis, eu, é... as vantagens que aquilo me proporcionasse. Nunca quis pra mim. Tanto é que todos os projetos de plantas medicinais como fontes de medicamentos... rapaz, tantos os projetos... esse com a FINEP, e isso foi repetido eu acho que umas 4 vezes é... continuado, né, e... a ponto deles me perguntarem: “Mas Delby, por que é que você, como coordenador de todos esses, você não pede nos projetos nenhuma complementação salarial para você, para o coordenador?” “Sabe para que é, por que é doutor? É para eu poder ter autoridade para FINEP, para o CNPq, para CEME, para CAPES, para tudo, para eu ter autoridade para pedir. Eu peço para minha equipe, para mim não! Eu sou diretor, eu tenho uma gratificação de direção, então eu me compenso com isso. Mas a minha equipe que ganha miseravelmente do governo federal, eu peço uma complementação para ela.” E eu acho que foi por aí, Tanita, que a gente conseguiu fazer uma equipe que prestasse. Porque quem dirigia não olhava para ele, olhava para equipe, entendeu? E isso, eu recebi até abraços de cientistas aqui, você citou alguns deles aí, nesse instante. “Delby, isso não há no Brasil! No mundo! Todos os cientistas que ganham lá, às vezes até escondem que ganham alguma coisa. Mas quem administra ciência e tecnologia, ele tem que administrar, desinteressado de umas tantas coisas, né? E esse desinteresse entra a financeira, entra desinteresse financeiro. Então eu... eu não sei se vocês conheceram, pelo menos de nome ou de literatura, Zeferino Vaz. Olha aquele homem eu conheci bastante, que homem para me dar exemplo... fantásticos! Aquilo que ele dizia, ele dizia que para administrar ciência e tecnologia no Brasil ele via 6 prioridades: a 1ª era cérebro, a 2ª era cérebro, a 3ª era cérebro, a 4ª era... bibliografia, a 5ª equipamentos, a 6ª edifícios. Ele... ele não elegia, ele não elegia é...: 1ª, 2ª e 3ª é cérebro. Então isso, Tanita, eu acho que foi uma das coisas que pra mim na universidade, foi... foi positivo. Porque quando eu... Bom, vou voltar um pouco à faculdade de Farmácia. Quando nós fundamos a faculdade de Farmácia a gente não tinha nada. Todos nós éramos professores, mas professor de graduação... Nós não tínhamos... bom eu tinha uma especialização em tecnologia farmacêutica que era a minha disciplina, porque a minha disciplina inicial era Química industrial farmacêutica. Que por uma iniciativa minha, o Ministério da Educação, desdobrou essa matéria, essa cadeira, em 4 disciplinas. Eu, numa reunião no MEC, eu dizia: “Olhe, como é que eu posso ensinar Química industrial farmacêutica onde está envolvida ali, além da Tecnologia farmacêutica e de cosméticos, estava envolvida a Tecnologia geral, Física industrial que é operações unitárias, tá em Simbiologias e a Tecnologia das fermentações, Biotecnologia. Quer dizer, como é que um professor só, vai dar essas disciplinas todas?” Eu sei que eles se convenceram e dividiram a disciplina em 4. É tanto que com poucos anos, eu acho que só dei Química industrial um ano ou dois. Consegui que fosse desdobrado e eu fiquei com a... como eu era o autor, era o fundador da disciplina, da cátedra de técnica... de Química industrial, me foi dado o direito de eu escolher das 4 qual é que eu queria. E eu queria Tecnologia farmacêutica e de cosméticos. Fiquei com isso. Exigi da universidade me liberar um ano, para eu passar um ano em São Paulo. Aí foi quando eu fiz a minha especialização lá, no curso de... da USP, né? E no Hospital das Clínicas com José Silva Simino de saudosa memória, e na faculdade de Farmácia era com o doutor Carlos Henrique

Liberári. Simino era o assistente dele. Duas pessoas fantásticas! Na época era quem mais sabia Tecnologia farmacêutica e Tecnologia química. Duas pessoas fantásticas! E eu então fiz esse ano lá com eles. Quando eu cheguei aqui...

TF - Isso foi em 65...

DF - Foi, mais ou menos 65, é, é.

TF - O senhor tinha mais alguém aqui que lhe ajudou a montar essa faculdade? Eu queria que o senhor falasse bastante dessa organização da...

DF - É, vou falar. Porque aí, a faculdade de Farmácia, a gente quase que... quando eu voltei dessa especialização, a gente desligou-se de Farmácia. Porque eu disse: “Bom, agora, eu vou pedir ao reitor para construir um bloco, uma mini-indústria, né, para gente produzir, ensinar fazendo. E aí valeu muito a força que a CAPES me deu. A CAPES me deu uma bolsa através da Doutora Maria Aparecida Puchet Campos. Não sei se vocês conhecem, é da área de alimentos da USP. Por sinal isso provocou um ciúme danado da USP com a gente, com a Aparecida porque... por que a Aparecida não dá isso na USP, vai dar a um professor da Paraíba, né? Porque ela veio aqui e sentiu o objetivo nosso, a vontade nossa e sentiu que aquilo era sério, né? Deu bolsa, deu tudo para gente, né? Aí eu sei que fui para lá... (ruído). Isso é manga ... Fomos para lá e quando eu voltei pedi ao reitor: “Doutor Guilarido<sup>2</sup>...” – Ele me visitou umas duas ou três vezes lá no Hospital das Clínicas. Fazíamos lá 500 produtos, tudo para aquelas clínicas, do soro ao... às tinturas mais simples a gente fazia lá. E o doutor Guilarido ele era médico gastroenterologista e reitor. Reitor-interventor. Foi na época da Revolução, não é? E ele...

FD - Aqui na Paraíba.

DF - Aqui na Paraíba. E ele...

FD - Doutor Guilarido que foi presidente da FIOCRUZ.

DF - Foi presidente da FIOCRUZ. Ele foi reitor aqui 7 anos. Porque ele era interventor, ele era da revolução. Quer dizer, ele não era da revolução, ele era um... um tenente-capitão da reserva. Ele era médico, uma clínica bonita aqui, uma clínica muito boa. E ele quando foi convidado para assumir a reitoria ele disse que não aceitava. Ele era médico, tinha a clínica dele, agradecia o convite e o comandante do grupamento de Engenharia disse: “Não Guilarido, você está enganado. Nós não estamos lhe convidando, nós estamos lhe mandando. Você é um militar, você é para assumir imediatamente a reitoria da Universidade da Paraíba.” Bom, aí, na revolução quem é que ia dizer não, né? Aí ele assumiu. Mas ele, profissionalmente, ele teve prejuízo com isso. A clínica dele era fantástica! Ganhava muito bem. Pois bem, aí a gente pediu ao Guilarido isso, ele viu e nós dizíamos para ele, o nosso argumento era esse: “O que o senhor está vendo aqui, essa farmácia pequenininha, toda desajeitada, improvisada ... Que Simino era fantástico nisso ... nós vamos fazer lá! E fazer isso para o Hospital Universitário de lá que o senhor está construindo.” Aí ele se entusiasmou com isso... Interventor, tinha dinheiro... Aí só

---

<sup>2</sup> O doutor Guilarido Martins Alves formou-se em medicina pela Universidade Federal da Bahia. Foi reitor da Universidade Federal da Paraíba de 1964 a 1971, e presidente da Fundação Oswaldo Cruz de 1979 a 1985.

foi tirar dinheiro de A, de B, de C, não sabe como é, e construiu o LTF. Com isso nós ficávamos... eu escolhi uma equipe, eu e mais dois farmacêuticos e essa equipe foi que nem ajudou a... a... montar o LTF, né? Só que, na lavagem, nesse estágio que eu fiz em São Paulo, eu fiz questão, e Simino achou isso fora... de propósito, ele achava que isso era absurdo. Eu fiz questão de passar 15 dias, 2 semanas no setor de lavagem, lavagem e despirogenização da vidraria. Como se lava um vidro, um balão, um material... ver como é que se esteriliza aquilo. Eu então disse... É um dos meus filhos, né? ... E eu então dizendo isso para ele, ele: “Mas Delby, você catedrático... – Na época nós éramos catedráticos, título desse tamanho, não era, depois foi que passou para titular isso, embora seja a mesma coisa, mas titular ficou mais simples. Mas catedrático, né? – Aí a turma achava isso fantástico, o catedrático passava o dia lá com os meninos. Aprendi coisas fantásticas com eles, aquela turminha que lavava, né? Por isso eu soube ensinar aqui, por isso eu soube montar aqui um laboratório. Entendeu? Então isso não se perdia nada.

TF - Me diga o seguinte: o LTF, ele é ligado à reitoria, não é ligado à faculdade de Farmácia.

DF - Não. Ele não é, administrativamente é à reitoria. Hoje é o CCS, é o Centro da Ciência e da Saúde. Mas no meu tempo era diretamente ao reitor. Porque não existia...

TF - Por que não era ligado à farmácia?

DF - Porque não existia essa estrutura e a politicagem que na época existia...

TF - Mas per aí um instantinho, quando o LTF foi criado, a faculdade de Farmácia já tinha sido criada.

DF - Já, já tinha sido criada!

TF - Há quanto tempo?

DF - Era!

TF - Uns 6 anos?

DF - É! Uns 5 anos. Mais, porque a Faculdade de Farmácia foi federalizada em 60 e nós só... só inauguramos ela em 68. Foram 8 anos. Não é isso?

TF - Mas aí por que a opção de não (inaudível), não fazer ela vinculada administrativamente à Farmácia e sim ao...?

DF - Por conta, para evitar a política. Olhe, mesmo sem ser afastada, sem ser, eu sofri muito para não ser o diretor daquilo. Para eu não fazer o que eu sonhei, o que eu planejei no laboratório. Sonhei muito, sofri muito, porque professores fundadores como eu, se achavam com mais prestígio e eu era um dos mais jovens, na época. E aqueles mais antigos lá da Farmácia, ora, queriam eles ser o diretor, né? Isso me bombardeava por todos os lados, né? Aí o reitor Guilardo Martins disse: “Não, uma portaria para Faculdade de Farmácia, é... lotando Delby, Laércio e Severino, diretamente ao LTF até 2ª ordem.” Essa 2ª ordem nunca chegou.



Então a gente ficou lá permanentemente. Damos o curso de Farmácia, porque o curso de Farmácia industrial é dado pelo LTF. É para Farmácia, mas damos pelo LTF. E lá nós não temos laboratório prático lá na faculdade, não temos nada, é tudo... Foi uma estrutura, Tanita, diferente, não existia isso em canto nenhum das universidades brasileiras! Foi o LTF que criou isso.

FD - O primeiro laboratório de tecnologia farmacêutica do Brasil.

DF - Do Brasil.

FD - É o LTF.

DF - É o LTF, exatamente. E quem primeiro veio dar o curso aqui de Tecnologia foi o Simino e Cláudio Darfi da Santa Casa de Misericórdia. Dois professores, nós fizemos esse curso para todas as universidades, os cursos de Farmácia do norte e nordeste.

TF - E a Faculdade de Farmácia, quando o senhor participou da organização, ela se estruturou baseada nas outras faculdades de farmácias? Como é que foi a estrutura dela? As cadeiras, os departamentos...?

DF - Todos os cursos como eram no Brasil. Porque a gente não tinha... como fazer diferente. O MEC tinha a estrutura curricular, a grade curricular, ele mandava para gente. Nós íamos lá e eles entregavam. A gente tinha de fazer aquilo. Na época a gente não podia ter muita liberdade disso não. Hoje é que nós temos ... idéias, até eu fui convidado pelo governo de Tocantins para montar uma estrutura dessas lá em Tocantins, né?

FD - Uma estrutura, uma Faculdade de Farmácia.

DF - Farmácia. E a minha idéia lá era de fazer o que eu pensei. Que aqui eu tenho até um quadro que a gente imaginou, né, que poderia ser o Curso de Farmácia. Curso onde a pesquisa de fármacos tivesse muita ênfase. Eu me entusiasmei muito pela pesquisa. Então isso...

TF - Então a faculdade tinha um grosso em pesquisa? Como é que era a fonte de financiamento de pesquisa na faculdade?

DF - A... na faculdade não tinha.

TF - Ficou só no laboratório (inaudível)?

DF - No LTF, exatamente. A pesquisa lá era pesquisa bibliográfica. Era... era coisas rudimentares, mas a pesquisa foi... que existia no Curso de farmácia, era no LTF.

TF - Ainda sobre o Curso de Farmácia. Aqui também tinha, quer dizer, lá no Rio é... tinha assim três áreas de especialização, não sei a partir de que momento a estrutura foi montada.

FD - (inaudível)

TF - Mas aqui existia também, quer dizer, a pessoa saía farmacêutico, saía químico, saía...

DF - E de alimentos.

TF - Tinha só essas duas áreas?

DF - Não! Bioquímica, Farmácia industrial e Farmácia de alimentos. Não! E tem a quarta, que é a comercial, né? A dispensação. Porque a dispensação a gente termina com 3 anos. Né? 3 anos termina o curso de farmácia dispensação. É continuar, faz Bioquímica ou Indústria farmacêutica, né? Então isso, isso a gente... a gente fez montando no LTF. E isso de fato foi uma coisa que agradou muito até àqueles que eram... faziam oposição a mim, agradou a eles porque eles passaram a ter no *ranking*, a Playboy tem um *ranking*, não sei se vocês conhecem, né?

FD - Tem ainda.

DF - ...As melhores faculdades. Eu acho que ainda tem, né? É... pelo menos durante uns 15 anos, eu venho acompanhando anualmente o... o nosso mestrado aqui, entre os 3, 4 primeiros do Brasil na área, né? Então isso era uma coisa que me dava muito mais força, dava uma credibilidade à universidade e deu nome à Faculdade de Farmácia. Porque a faculdade de Farmácia daqui, passou também a ser... uma das 10 melhores do Brasil. Então isso, o pessoal que fazia oposição a mim, começou a acreditar que de fato o LTF pesava na formação de lá, né? Eu comecei a formar doutores. Mestres e doutores. E esses mestres e doutores davam aula no Curso de Farmácia. Inclusive em outras disciplinas. Aí eles começaram a abrir mão mais disso. Pois bem, então...

TF - Essa posição aqui mesmo na Paraíba.

DF - Na Paraíba! Na Paraíba!

TF - Tinha um pessoal de Recife também, né?

DF - Era. Mas esse aí quando eu disse isso e continuei no... resultado desse do Recife, nós tivemos uma... uma dificuldade quando nós montamos o mestrado. Quando passou, em 68, foi quando inaugurou, com 10 anos, eu disse: “Olha, já é tempo da gente montar uma pós-graduação. A gente não... (inaudível) Eu já tinha um bocado de gente fazendo mestrado fora, um outro fazendo doutorado. Então eu disse: “Vamos fazer um mestrado.” E criei um mestrado em produtos naturais. Queria botar, nós íamos botar o mestrado em Farmácia. Aí fomos lá em Recife. Fomos a Recife e dissemos: “Olhe, nós vamos montar um mestrado lá e queríamos montar um mestrado junto com vocês e o Rio Grande do Norte. Fazer uma pós-graduação, uma trempe aqui. Onde o Nordeste tivesse um mestrado em Farmácia, forte. Os melhores professores do LTF, os melhores do Rio Grande do Norte, os melhores de Recife, se uniam e nós montávamos uma estrutura de pós-graduação para o nordeste.” O reitor nosso imediatamente: “Delby! Isso aí...” – era Linaldo Cavalcante. Acho que vocês conhecem o Linaldo. Foi presidente do CNPq, reitor nosso. Nessa hora ele era o nosso reitor, o Linaldo. Aí o Linaldo disse: “Olha, eu assino e incluo o que você quiser. Pode...”. Aí nós fomos lá, eles concordaram. Concordaram, acharam bom, mas foram falar com a direção, como eu fui falar com o reitor

aqui, eles foram falar com o reitor de lá. E o reitor de lá é... foi categórico: “A Universidade de Pernambuco ela é, a da Paraíba nós não sabemos se ela será. Então o mestrado é aqui. Se vocês quiserem fazer o mestrado é aqui.” Ah rapaz! E aí veio o professor Prista. Luís Vaz Nogueira Prista, um doutor da... estava lá em Pernambuco, de Portugal, da Universidade do Porto. E Prista veio, com muita tristeza: “Delby, olha me desculpe, desculpe a gente, a gente aceitava isso, mas direção não aceita. Diz que o mestrado tem de ser lá.” Aí eu disse: “Olha, então vamos fazer o seguinte: vocês fazem o mestrado de Farmácia e nós vamos fazer o mestrado em recursos naturais... produtos naturais.” Então pronto. Não vamos fazer um outro de mestrado, fazer aqui vizinho outro curso de mestrado, como tinha o de Farmácia, né? Aí criamos o Curso de Mestrado em Produtos Naturais: Farmacologia e Química.

FD - Qual a diferença entre os dois?

DF - É porque a de lá eles viam, eles viam mais o mestrado na área do medicamento, e nós aqui víamos... o nosso objetivo era fármacos e medicamento. Fármacos e fitoterápicos. Quer dizer, era o medicamento fitoterápico extraído diretamente da planta e os... a parte química, os fármacos, extraídos da planta também, mas a gente... Então a gente distinguiu com muita facilidade isso.

TF - E o LTF, ele trabalhava com fitoterapia, com... ..

FD - Plantas medicinais.

TF - ...plantas medicinais? Como é que era...?

DF - Bom, o LTF...

TF - Como é que é esse, eu queria que o senhor falasse o seguinte: como é que é essa diferença entre esse campo, é um pouco a pergunta que o Fernando fez, a diferença entre esses dois campos aí? Quer dizer, da tecnologia farmacêutica e da de produtos naturais?

DF - Olha, o LTF quando começou, ele começou fazendo 15 produtos alopáticos. Eram: soro glicosado, fisiológico, manitol; era xaropes expectorantes; era polivitamínicos; era... reidratantes, era laxativos, anti-alérgicos, é... alguns antibióticos: Tetraciclina... Eram uns 15 produtos que nós fazíamos inicialmente.

TF - Vocês produziam um medicamento e embasavam o... e iam até o final?

DF - É. E dispensava para os hospitais. Para um hospital inicialmente, só para o Hospital Universitário. A gente abastecia o Hospital Universitário.

FD - Tudo isso a partir de fórmulas consagradas na indústria farmacêutica, né?...

DF - É, consagradas! Na indústria...

FD - Nada de pesquisas com plantas do conhecimento popular não.

DF - Nada ainda não. Nada não. Nós começamos com isso. A partir daí foi que nós fomos buscar, eu falei com o reitor, o Linaldo, disse: “Linaldo, nós precisamos de doutores.” Ele disse: “Delby, você vá, peça aí passagem, diária e vá. Visite São Paulo, Rio, é... Minas, vá a Porto Alegre. Vá para onde você quiser! Mas contrate os doutores que você precisar.” Ele me disse isso. Aí eu... fui. Tanita, eu não encontrei um (ruído), um que quisesse vir para cá, para Paraíba! Alguns diziam: “Mas Delby, eu sair daqui para ir para Paraíba, onde só tem cobra! Pára com isso, arrastar a gente para esse negócio. Só tem mato só tem...!” Eu disse: “Não, não é bem assim não. Isso aí vai servir de objetos de estudo da gente. Esses animais, as plantas vão ser objeto de estudo da gente. A gente quer é gente séria.” Aquilo que o Zeferino Vaz dizia. Aí quando eu fui umas duas ou três vezes e me desenganei que não ia contratar ninguém brasileiro... Dizendo a Linaldo, Linaldo mais uma vez fantástico. Em matéria de credibilidade (ruído) ... .. Linaldo com uma credibilidade danada em cima da gente, né? Disse: “Delby, você vá para o exterior, faça o que você quiser, contrate os que você precisar!” Eu... não fui para o exterior, eu fiz duas notas... científicas, né, divulguei em *Science* e *Nature*... duas revistas de renome internacional e... botei convite para: “Professores e doutores com nível de doutorado que desejassem vir para o Brasil, particularmente para a Universidade Federal da Paraíba. É... e que tivesse a qualificação em Química ou Farmacologia de produtos naturais. E esse aí que me mandasse o currículo.” De Química eu recebi uns 30 e tantos currículos, de todo canto! Da Indonésia até Portugal. De Farmacologia eu recebi muito poucos. Recebi uns 6 currículos... doutores farmacologistas.

FD - Isso foi em 78.

DF - É. 79... 78, 79. Aí levei para Linaldo, elegemos aqueles pelos currículos, elegemos uns e levei para o Linaldo, ele disse: “Delby, você faça o seguinte: você pode trazer... diga a eles, telefone para eles e diga que eles estão contratados a partir de hoje. Que venham. Porque eles vão começar... (interrupção da fita)

## Fita 2 - Lado A

TF - Entrevista com o professor Delby Fernandes. Fita número 2.

DF - Aí eu fiz isso mesmo. Eu passei a telefonar, escrever para uns dizendo que tinha recebido, agradecendo o currículo, que aguardasse uma notícia nossa. E para aqueles que a gente tinha gostado, a gente já dizia para eles, se eu ligava, dizendo a eles que se quisessem vir para Paraíba já estavam contratados. Ele considerasse o contrato dele a partir de agora. Muitos acharam isso extraordinário, não sabe? No Brasil, né? Aí, pronto. Olhe, eu recebi aqui nessa época, do reitorado Linaldo, recebi 28 doutores estrangeiros, de todo canto! O LTF era... era um desafio para nós. O luxo era motorista de todas essas madames estrangeiras, né, para levar para comércio, para tudo... para escolher, para alugar casa. Nós éramos avalistas de todos, não sabe? E a fazer, tratar esse povo assim. Uns mereceram, outros eu tive que botar para fora quase que... não é?

FD - Porque?

DF - Porque não prestavam, eram gente... aproveitadores, principalmente os alemães. Eram os (inaudível) piores aqui, eram os alemães. Teve um aqui que tocou fogo no LTF. Eu não contratei a esposa dele, eu disse a ele que contratava a esposa dele, ela era de uma formação em controle de qualidade, eu contrato ela para trabalhar no controle de qualidade, mas ele queria ela para ser secretária dele. Eu disse: “Aí não, a gente tem recursos para trabalhar para isso. Vocês trabalhem, vocês recebem e todo dia eu boto perfume na cabeça de vocês, agrado tudinho... Mas se não trabalharem, eu também não...” Aí eu sei que eles, com essas exceções, né? A gente... Os melhores que mais se deram aqui bem, foram os portugueses e os indianos. Os indianos ainda hoje eu tenho, né? Inclusive um farmacologista fantástico: professor Thomas George e um químico na área de Química de produtos naturais, o professor Janana Brata Batasharia, nome esquisito. Mas esse sujeito me ajudou muito. Teve um polonês, o Jassek Karol (inaudível). Esse camarada veio com a esposa dele, também médica, doutora. Esse camarada ele... ele era desertor da Polônia, na época do comunismo forte lá, né, ele desertou. E ele estava aqui quando recebeu um precatório lá: “Se ele não voltasse, que a família dele lá pagava por ele.” E isso aperreou muito o Jassek, esse camarada só passou um ano, um ano e pouco comigo e voltou. Voltou para os Estados Unidos. Porque ele já vinha dos Estados Unidos, ele já estava nos Estados Unidos. Mas esse sujeito me ajudou muito. Pois bem, e por aí foi. Com essa... com essa trazida desses doutores, aí eu intensifiquei a saída dos meus, da turma daqui para fazer mestrado, doutorado lá fora, né? E com esse... vinda dos doutores, eu comecei a equipar, construí... Linaldo construiu o NPPN, que é o Núcleo de Pesquisas em Produtos Naturais e eu fui equipar, fazer projetos e equipar a área de pesquisa, né?

TF - Por que é que esse mestrado não ficou dentro do Laboratório, do LTF?

DF - E não é dentro?!

TF - É dentro do laboratório?

DF - É dentro do LTF. O mestrado é lá mesmo.

FD - Doutor Delby, deixa eu lhe fazer uma pergunta. O senhor falou que alguns pesquisadores não prestavam. O que é que é isso? Ele queria era levar conhecimento lá para fora, ele não queria trabalhar...? O que é que definia...?

DF - Se ele quisesse pelo menos levar o conhecimento lá para fora, era até louvável. Eles não queriam nada! Eles queriam era passear, conhecer o Brasil e ganhar o dinheiro aqui... entendeu? Eram uns vigaristas científicos! Currículos bons... esse que tocou fogo no LTF, Klauss (inaudível), esse alemão, ele... o currículo dele é lindo, eu me entusiasmei com o currículo dele, todos nós! Teve um, o primeiro deles que chegou, era Michael Von Ratiloff, nome imponente... E eu quando li aquilo disse: “Virgi, esse camarada é bom. Pelo nome!” Quando eu fui buscá-lo no aeroporto em Recife, né, ele disse que vinha com a esposa. Nós fomos e eu fiz um cartaz, fui com um cartaz, né: “A Universidade da Paraíba espera o doutor fulano de tal, assim, assim...” E eu fui com um indonésio, às 4 horas da manhã para Recife, porque o vôo chegava muito cedo, nós fomos para lá. E quando chegamos lá: “Ah, já saiu!”, chegou o avião logo, saiu o pessoal, passava na alfândega, ia saindo, ninguém era aquele. Só tinha lá uma meia dúzia, uns 8. E eu não vi nenhum com esposa. “Ih, o camarada não veio!” Mas eu fiquei lá, até o fim, para... E o indonésio era pequenininho, (inaudível), ele passou um elemento que nós não demos

muito valor a ele. O cartaz estava ali, ele olhou... ou não viu ou não leu. Passou. Quando os outros vieram, terminou todos... “Não tem mais ninguém?” “Não tem não.” “Pronto, o homem não veio!” Aí o indonésio disse: “Ô, professor, e aquele que passou que a gente não conversou com ele?” Aí eu brinquei com ele, disse: “Aquele, se for ele, eu vou deixar aqui mesmo. Não vou levar para Paraíba!” Era um sujeito de um cabelo quando... arrepiado assim, um medalhão no peito, coisa aberto... feito um *hippie*, não sabe? Aí eu digo: “Se for aquele eu vou deixar aqui! Mas vamos procurar.” Estava ele lá, olhando na porta...! “Michael Von Ratiloff?” “Oh, oh...” Era ele. Disse: “Mas...”. Aí eu olhei para o outro: “Mas rapaz... é mesmo um camarada!” Naquela época era Tony Tornado, né, que tinha aquele cabelo... aquele cantor, não sei... Pois a cabeleira era assim, aqueles... e ele veio sem a esposa. Mas aí nós trouxemos ele, foi um homem... ele não gostava de pesquisa... Mas ele deu as aulas, os cursos de orgânica: 1 e 2, tudo era ele que dava. Ele gostava muito de equipamentos...

TF - E ele dava aula em quê? Em inglês?

DF - Inicialmente sim. Depois em português. Era... um ‘portu inglês’... E, e... ..

FD - Por que doutor Delby, que tinha tão poucos currículos na área de Farmacologia? Porque tinha menos gente especializada nessa área ou porque essas pessoas já tinham, já estavam encaminhadas fora do Brasil e não tinham interesse de vir para cá. É uma área muito requisitada profissionalmente...?

DF - Olha, a Farmacologia de fato, há uma abundância de oferta de químicos, mas de farmacologistas...

TF - De químicos, não farmacêuticos, químicos. Químicos formados em Farmácia.

DF - Não, em farmácia, mas com a formação...

TF - Com a formação em Química.

DF - ...em Química. Por exemplo: Barbosa é farmacêutico, mas a formação dele é química, síntese e etc, né? Mas em farmacologia é muito menos. Isso em todo canto. Mesmo no exterior a farmacologia é menos... Aquinhoadá com cérebros. Os cérebros são bons, mas em menor proporção. É tanto que depois escreviam, eles mesmos escreviam para colegas deles procurarem, etc... Tinham dificuldade.

TF - Na área de Farmácia, o senhor diria que a subárea da Química é a mais... mais dominante?

DF - É...

TF - Tinha umas áreas...

DF - De Farmácia, dominante mesmo, é a parte de Bioquímica que é onde há mais procura, o aluno vai mais para ela, né? É a parte de análises clínicas. Então, enquanto de análises clínicas... o curso, essa modalidade, tá com a disciplina toda cheia, muitos alunos, vagas completas... o curso de indústria, onde a Química tá mais nela, então o curso de indústria é vago: é 10, 15,

12...

TF - Quantos alunos no curso de Farmácia por ano em média?

DF - Uns 150... por ano.

FD - Deixa eu lhe perguntar outra coisa, doutor Delby, puxa pela sua memória e vê se consegue fazer para mim uma comparação entre o curso de Farmácia que o seu pai fez, o curso de Farmácia que o senhor fez e o curso de Farmácia que o senhor montou. É possível fazer um paralelo?

DF - (risos) Vamos ver se faz, né? Mas olha, o que papai tinha, o curso de Farmácia dele, era fitoterápico puro. Ele quase que não tinha alopático, né?

TF - Ele fez um curso universitário?

DF - Bom, ele fez, eu não sei mesmo como era aquele curso, né, foi na Bahia, ele fez um curso é... até rápido – ele fez quase até como eu fiz o meu artigo 91, não é, e veio com diploma.

TF - Em que ano mais ou menos ele...?

DF - Em 1915, 16, por aí. Porque ele já veio para Caraúbas em 21, em 22 casou-se. É... mais ou menos... Pois bem, e era um curso baseado mais no Chernovis português. Não tinha quase tecnologia.

TF - Mas aí já tinha faculdade de Farmácia.

DF - Já. Mas era fitoterápica também quase e homeopática. Muita Homeopatia, não é? Os laboratórios industriais eram: Fontoura, Werneck, Moura Brasil... eram aqueles que eram do começo do século, né? Mas eram contáveis nos dedos. A não ser indústrias francesas... que as farmácias comparavam muitos medicamentos franceses e portugueses, né? Então enquanto eles não tinham a tecnologia, tinham mais a parte homeopática e fitoterápica, a nossa, a que eu fiz era mais tecnologia, não tinha é... quase nada de Homeopatia, muito pouca Homeopatia e Fitoterapia praticamente acabado. A que nós estamos montando, renascendo, é muita tecnologia... Química, é pesquisa química-farmacológica, é... e trazendo o retorno da Fitoterapia. Agora com outra roupagem, né, com uma roupagem mais científica. Controle de qualidade que isso não existia... Então a diferença, é isso aí. E a que nós queríamos... – Eu tenho um quadro aí que poderia mostrar. – ...eu propunha aí substituição de muitas disciplinas e acrescentar outras, criar novas disciplinas. Falta fitoterapeuta que nós não temos, né? Biotecnologia que nós não temos. E por aí vai... Então são coisas que hoje a Farmácia...

TF - Quais são as cadeiras que o senhor citaria como... sendo possíveis de ser extintas, substituídas? Quais seriam essas cadeiras?

DF - Olha, Farmácia galênica não tem mais muita razão de ser. Porque a tecnologia farmacêutica é uma farmacologia... uma farmácia galênica avançada. Então não tem mais, ah, é saudosismo, né? A Farmacologia é a Fitoquímica. Então para que Farmacologia mais?

TF - Mas tem a Fitoquímica?

DF - Já tem! Já tá! Na nossa mesmo já tem! Inclusive o Marcelo é professor de Fitoquímica. Entendeu? (inaudível) Então, é explorar, fortalecer isso aí.

TF - No curso universitário, o senhor tá dizendo.

DF - No curso universitário! É, universitário! Né? Então, esses aí são coisas que a gente vê patente, mas tem outras. Hoje com as disciplinas de te... era reforçar, olhe, as que foram desdobradas da Química industrial, todas essas precisam ser levadas a sério.

TF - Seriam as Químicas.

DF - As Químicas! Tanto em alimentos como em medicamentos, né, a parte química, operações unitárias... como é que um sujeito vai dar um curso de tecnologia farmacêutica se não se estuda as operações unitárias de infiltração, de... de... de... a reologia, o deslizamento das drogas, a lubrificação. Então, ele tem que ter a pressão, essas operações unitárias são todas básicas e que a Farmácia hoje aqui, ainda é carente, ainda deve isso ao aluno, né? Porque os professores que ficaram com essas cadeiras não se qualificaram. Então não passa de fazer aquilo fazer de conta, né? “Eu faço de conta que ensino, eu faço de conta que aprendo.” Então vai passando aí, fica a Farmácia, fica a profissão, desprovida de cérebro! E o que nós precisamos, Tanita, hoje, é cérebro! É cérebro! Na farmácia, na Medicina, em todo canto, não é? É cérebro. Aquilo que o Zeferino Vaz há 30 anos dizia é uma verdade, tá faltando isso nas universidades! Lógico, tá chegando, a gente já tem doutorado, agora mesmo aqui, nós começamos um doutorado, né, e lá no LTF vocês vão conhecer o doutorado... e tá começando, eu acho, bem. Mas é pouco ainda, ele tem que ser especializado naquilo para o qual ele vai... ensinar. Especializado mesmo. Então se eu vou ensinar a rosca do parafuso, eu não tenho nada com a cabeça, mas vou fazer uma rosca perfeita. Então, isso tá faltando, né? E em muitas disciplinas que é só fazer de conta, as bromatologias da vida que é de alimentos, hoje tem no... curso de alimento mesmo, estuda-se isso com muito mais... Então isso, com certeza, a gente deveria eliminar isso.

TF - O laboratório de tecnologia também vislumbra a parte de alimentos e cosméticos?

DF - Não. Lá é só cosmético e medicamentos.

TF - E medicamentos.

DF - É. A tecnologia química farmacêutica de cosméticos, de farmácia e cosméticos, né?

TF - Qual a relação do laboratório e da própria faculdade de farmácia com a faculdade de Química? Aqui tem Instituto de Química, não tem?

DF - Tem. Instituto de Química, tem. É o curso de Química, não é mais instituto nem faculdade, né? Todos aqui, aquela reforma... universitária que aconteceu para seguir o modelo americano...

TF - De que ano?



DF - Ham?

TF - De que ano? Passou para curso, não é mais faculdade?

DF - Foi! Isso acabou... não existe faculdade. Faculdade existe só, é... eu acho que na USP, que é uma universidade estadual autônoma, não é do governo federal, então ela se manteve. Na Bahia ainda tem Farmácia, mas por isso é um dos cursos talvez... mais... carentes. Eu dizia carentes, porque... não mudaram isso e o MEC teve uma época que fechou, não apoiava nenhum curso que não acompanhasse a reforma universitária. Né? Aí a Paraíba acompanhou. Então veio, mudou-se então...

TF - Lá só teve Instituto de Química?

DF - Nós? Tivemos! Tivemos Instituto de Química. Sem dúvida! E faculdade!

TF - Foi extinto... Sim. E ele foi extinto? Quando foi isso? (inaudível)

DF - Foi, extinto...

TF - E quando foi isso?

DF - ... .. Não me lembro.

TF - Não ficou, não durou muito tempo então.

DF - Não... Ele... a reforma foi na década de 70, comecinho de 80. Pois bem, ele foi extinto nessa época. Aí ficou curso de Química, né? Bacharelado e... Licenciatura.

TF - E qual é a relação entre vocês na Faculdade de Farmácia e na... no laboratório e no curso de Química?

DF - Olhe, você tocou num assunto que eu estava esquecendo. É... uma das grandes novidades que a gente criou no LTF, foi a integração, né, foi a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade. O curso de farmácia, o curso do LTF, de indústria farmacêutica no LTF, ele passou a ser o único no país a ser interdepartamental e multidisciplinar. De fato, porque nós tínhamos uma ligação forte com a Química, com a Farmácia... – Obviamente todos nós somos da Farmácia – ...com a Biologia, a Botânica e etc, né? A Biotecnologia com a Medicina. Então nós temos no mestrado, na pós-graduação, nós temos professores de Farmácia, professores de Química, professores de... de... é, Biologia, professores de Medicina, né? E isso não existe, em canto nenhum! Porque cada profissão dessa, como a nossa universidade era na época uma das mais novas, então nós não tínhamos ainda os donos dessas disciplinas. Aí facilitou essa coisa. Então, pronto...

TF - Mas eles vão, eles são só... eles vão lá, dão a aula, ou aluno vai a...

DF - Eles dão aula...

TF - ...até a faculdade?

DF - Não, eles vão lá dar aula! O curso no LTF. Eles vão lá dar aula, toda parte de pesquisa eles fazem no LTF também, algumas coisas que eles levam, aquilo que... Mas eles dispõem de toda estrutura do LTF. Lá nós temos a parte de... esses equipamentos para pesquisa, nós temos todos. Inclusive espectrômetro de massa, ressonância nuclear magnética, infravermelho, ultravioleta... temos tudo. Então isso tudo foi conquistado por nós através de convênios: com FINEP, CNPq, a SUBIM, né? A SUBIM nós descobrimos a SUBIM através de um amigo meu, daqui da Paraíba, ele era da SUBIM. A SUBIM é uma subsecretaria do Ministério da... da... de Planejamento, era do Planejamento. Do Ministério do Planejamento. E Afrimá Moraes, ele era da SUBIM, e um dia eu conversando com ele, mostrando a nossa... nossa... luta aqui, ele disse: “Então por que é que você não vai à SUBIM lá para gente estudar um projeto de vocês para...”. Aí eu disse: “E vocês têm condições?” Ele: “Tem! Porque a SUBIM, essas... essas integrações, relacionamento com o exterior, a gente pode buscar, trazer recurso do exterior também...” Ele me animou e eu fui. Preparei um primeiro projeto para lá... para angariar... uma... um financiamento para uma estação... é... elétrica, né? Uma subestação elétrica... de força. E realmente conseguimos recursos e comprei essa subestação, 500 KVAs (inaudível). Quer dizer, ainda hoje funciona lá. Quando a luz apaga, ela entra, ela entra...

FD - Tem um gerador.

TF - Tem um gerador! Tem tudo! Isso foi um recurso que a gente adquiriu com a SUBIM. E consegui outros... é, fisiólogos da Beckman umas coisas boas para Farmacologia. Eu sei que a gente conseguiu muita... E eu era muito assim de ir para o Ministério, ir para Brasília e eu não ficava no hotel, eu ficava nos lugares aonde podia ter dinheiro, não sabe? Ali eu ia catando, olhando, procurando, conversando como quem não queria nada e querendo, e ia descobrindo as coisas, né? E fazia o projeto e sempre obtinha! Pronto, montamos uma estrutura... interessante, novidade para o nordeste, por que não existe isso... Você tinha me perguntado por que, né, o curso de Farmácia aqui se já tinha em Recife. No Recife não tinha nada disso, era um curso de Farmácia fechadinho lá, aquelas aulinhas práticas de 1826 e acabou-se! Entendeu?

TF - Esse era o seu curso.

DF - O meu curso lá.

TF - Aquela analogia que eu pedi para o senhor fazer...

DF - É. Aí então, a gente aqui fez um curso aberto, um curso mais científico, né? Formando os professores, procurando formar os professores com qualidade adequada. E pronto, né? Eu... eu tenho, eu tenho nessa... nessa minha vida, uma... umas satisfações assim que... não afasto de mim: é ver o LTF crescer, mesmo eu agora aqui, ver o LTF crescendo porque se ele cresce é sinal de que ele foi bem criado, foi bem...

FD - É um filho seu.

DF - Não é isso mesmo? É um filho, tá lá. E a gente viu nascer, a gente planejou, planejou...

Quando lá na USP e no Hospital das Clínicas em São Paulo, o Simino tinha uma ligação muito forte com as empresas, as indústrias, essas indústrias farmacêuticas. E Simino me levou para conhecer, passar assim um dia ou dois, em muitas indústrias boas: (inaudível), Fontoura Wallace, Lafer, Le Petit, Rhodya... para todo canto. A Rhodya eu já conhecia bem, porque a Rhodya foi a minha primeira experiência assim. E eu então passei a conhecer a farmácia pedagógica, didática, científica, de pesquisa e conhecia também a parte tecnológica. Um alto nível da tecnologia, né? Então, aquilo me ajudou a montar esse laboratório. O que eu via no Hospital das Clínicas, era uma coisa que eu jamais poderia implantar no LTF. Porque, por exemplo, eu vi uma câmara séptica, para injetáveis, cheia de cadeiras na mão... ao lado da máquina de ampolar, de encher, dosar, testar, contar ampolas, né? Que deviam ser toda esterilizadas, livre até de correntes negativas de ar, tudo positivo para... E eu não podia implantar aquilo. Mas vi essas... essas câmaras lá nas indústrias. E aquilo me dava força e me dava: “Simino, me perdoe, eu vou montar lá no LTF não a sua, vou montar aquela ali!” Ele ria: “Pois monte, se tiver dinheiro monte.” Né? Mas o que me entusiasmava também lá com o Simino é que ele não tinha condição de fazer aquilo porque o Estado não liberava recursos para ele. Era ele fazer aqueles injetáveis e mandar para todas as clínicas do HC, Hospital das Clínicas, sem ter um óbito, sem ter um problema, uma contaminação num medicamento daquele. E ele me dizia, “Professor, eu vou lhe ensinar uma coisa, para o senhor, em qualquer situação... circunstância, o senhor faz o medicamento. A água, a água que a gente utiliza no injetável, é uma água bidestilada, mas ela para o injetável, ela tem que ser usada em no máximo em 4 horas. Porque eu me destilo essa água, ela está livre, é aprotogênica, ela não tem nenhuma contaminação. Mas, com 4 horas, a partir de 4 horas começa a aparecer as contaminações, do ar... às vezes da conversa, não é, apareciam as contaminações. Se você bidestila essa água e prepara o injetável em 4 horas, dentro daquele espaço e vai esterilizar, você tem um injetável que não tem nenhum problema.” Olha, eu usei isso mesmo no setor de injetável melhor do que o dele, eu usava, fazendo isso, nunca esperei que desse 4 horas para fazer isso não. Eu fazia isso. E por isso deu certo.

FD - E o... Sirino, né, doutor Sirino...

DF - Simino.

FD - Simino. O doutor Simino ele tinha um laboratório farmacêutico dentro do Hospital das Clínicas.

DF - É. Ele era o diretor do laboratório industrial da farmácia, semi-industrial, no Hospital das Clínicas. Era quem abastecia o Hospital. Ele só comprava fora aquilo que ele não fizesse, né?

FD - E o senhor quando pensou o LTF, o senhor já pensou ele acoplado ao Hospital das Clínicas, com uma finalidade, com um objetivo ou isso foi uma decorrência política ou de viabilização para construir o...

DF - Não. A gente já... já, foi um dos argumentos que nós utilizamos para o reitor, era dizer que nós podíamos, com a instalação do LTF, nós tínhamos... teríamos condições de produzir medicamentos para abastecer o Hospital das Clínicas. E dizia mais, e posteriormente estenderíamos essa produção para rede pública, para rede hospitalar do Estado e municípios da Paraíba.

TF - E isso aconteceu?

DF - Ah, claro! Agora se fornece para todo mundo.

TF - Só para hospitais ou para os centros de saúde?

DF - Só para hospitais, para farmácias a gente não.

TF - Centro de saúde não.

DF - Não, centro de saúde também. Mas eu digo: não fornecemos para farmácias.

FD - Para rede privada.

DF - Rede privada. Não.

TF - E me diga o seguinte: vocês têm um horto... de plantas medicinais?

DF - Tem. Lá tem. Pequeno, não sabe? Porque é num espaço pequeno também, mas eu criei o Horto de Plantas Medicinais como o de Matos. Só que o de Matos é mais, eu acho, eu não sei agora como é que está.

TF - É grande, né?

DF - É, já é grande. E ele tem uma dedicação...

TF - Então alguns desses produtos ativos vêm desse horto...

DF - Vêm daí.

TF - ...não todos os... abastecem...

DF - Não. Aí só tem plantas é... em pequena proporção, para pesquisa. Quando eu quero produzir ali, então eu vou buscar no habitat delas ou então eu planto. A universidade tem por exemplo, o campo de Bananeiras é uma fazenda enorme! O campo de Areias é outra fazenda. Então a gente planta nessas áreas... aquelas plantas que precisa e abastecemos a pesquisa ou a tecnologia leva com elas, né?

FD - Quer dizer, que então tem uma diferença básica entre o trabalho que o senhor faz e o trabalho que o doutor Matos faz?

DF - Tem!

FD - O doutor Matos é totalmente voltado para planta medicinal.

DF - Só para planta, é.

FD - E o senhor trabalha...

DF - Com farma... fármacos... em química, com medicamentos alopáticos também, com medicamentos fitoterápicos e trabalhamos com plantas e com a Biotecnologia. Nós lá no LTF temos também o setor de desenvolvimento da pesquisa biotecnológica, o tubinho, o tubo de ensaio, desenvolvendo a planta a partir de células, micro células, né? A gente...

FD - É pesquisa genética, né?

DF - Genética! Genética. Biotecnologia.

TF - Então o seu trabalho produz sintético também.

DF - Alguns produtos sintéticos. Mas os produtos sintéticos sempre são frutos das teses. Por exemplo, eu preciso de um produto para desenvolver, ou para reações, dentro do meu trabalho de pesquisa, eu preciso de alguns gramas de um produto, eu mesmo produzo isso por síntese, né? Teve, por exemplo, nós trabalhávamos...

TF - Isso é para pesquisa, né?

DF - Isso é pesquisa pura!

TF - Sim, mas aí se o senhor precisa produzir um medicamento, já que o senhor não tem, o senhor não utiliza necessariamente as plantas como é o caso do professor Matos, então o senhor faz o produto sintetizado, ou não? Como é que é essa...?

DF - Não, nós não temos realmente...

TF - E o produto ativo? O produto ativo vem de onde?

DF - A gente, nós compramos da indústria farmacêutica, a indústria química, né?... (interrupção da fita)

## **Fita 2 – Lado B**

DF - ... do cajueiro. Uma tese nossa, uma das primeiras teses do nosso mestrado foi o Anacardio acidentais. E ele, nós estudávamos, a aluna estudou a resina do cajueiro. E essa resina produz uma goma... idêntica, muito parecida com a goma arábica, muito utilizada na indústria farmacêutica para comprimidos, emulsões, suspensões... E a goma arábica vem do Ceilão, da Malásia, vem de longe. E... o cajueiro nosso deu essa goma. Então nós produzimos, porque lá gente passou a não mais usar nos nossos, nas nossas formulações, não mais usar a goma arábica, mas sim a goma do cajueiro, né? E aquela indústria de Pastilhas Valdas... Pastilhas Valdas, né, ela soube e mandou uma cartinha para mim na época pedindo para eu mandar umas amostras da goma que a gente estava produzindo do cajueiro. Mande uns 2, 3 quilos, não sei quantos

quilos eu mandei para ela. Aí com pouco tempo a indústria fez uma resposta, dizendo que tinha testado, tinha dado muito boa e que para começar ela encomendaria 20 toneladas por mês. (risos) Aí eu disse: “Meu amigo, eu nunca vendi em toneladas um produto, como é que...!” Então tive que explicar a ela que realmente na universidade a gente não tinha essas condições, que eu estava procurando, inclusive ela mesma podia ser uma das interessadas em produzir, que nós transferíamos para ela a tecnologia disso e etc... Mas aí ela tá ganhando dinheiro com a pastilha dela e não quer se envolver com isso, nem investir nisso, né? Aí não deu mais certo. Mas outras pessoas já quiseram, etc. E tem isso aí. Mas são raros os produtos que a gente realmente tem assim. A indústria química ela... gosta muito e se a gente tivesse mais... Nós tivemos um produto, um hipoglicemiante, é... da *Bromelia sartorum*... ela deu um produto que... redutor de açúcar no sangue para os diabéticos, não insulinos dependentes, esses ela combate, né? E a ... então a gente, era um ácido básico, e a gente então, fez uma comunicação científica, num desses congressos publicou-se numa revista e a Rhodya leu. Quando a Rhodya leu, telefonou para nós: “Professor, nós queríamos, nós lemos aquele artigo de vocês aí sobre a *Bromélia sartorum*, etc e nós queríamos conversar com os senhores sobre ela. Aquilo interessa à Rhodya.” Eu disse: “Pois não. Quando é que os senhores querem vir?” “Nós queríamos ir aí, o senhor é que marca.” “Não, o dia que o senhor vier, diga que a gente tá aqui esperando.” Eles marcaram e vieram. Fizemos uma reunião com os pesquisadores e eles foram bem claros: “Olhe, nós somos uma empresa multinacional e visamos o lucro. Então nós queremos, interessamos isso, queremos saber se vocês interessam fazer um convênio conosco para gente fazer a conclusão... – Fazer a parte de testes experimentais, a farmacologia toda, que isso leva 2, 3, 4 anos... – ...e nós, a Rhodya vai financiar tudo isso e vai colocar à disposição da gente também o... os laboratórios dele lá.” - Não dá certo aqui, viu, Augusta - Aí, eles explicaram isso e disseram: “Olha, e nós queremos apenas saber se os senhores querem e se os senhores quiserem façam um projeto, digam o que os senhores querem, que nós analisamos e nós voltamos a aprovar.” Fizemos um projeto, certos, convencidos, Tanita, de que eles não iriam topiar a parada. Era de uns 50 mil reais por ano, durante 5 anos, né? E com isso a gente comprava, modernizava os equipamentos, as máquinas, etc, o que a gente precisava. Inclusive biblioteca. E pedimos também a abertura do laboratório deles em Paulíneas, para gente concluir algum trabalho com eles, alguma parte experimental. Mas no fim a gente dizia que queríamos publicar o resultado. Porque para o cientista, a publicação é o maior... é o prêmio da coisa, né? Aí eles disseram: “Pronto. A Rhodya aprova tudo isso que vocês pediram, menos publicar. A publicação nós só damos quando a gente vê e diz: ‘Essa você pode publicar.’ Porque não interessa a gente.”

FD - É, porque assim perde a patente.

DF - É. Perde a patente, perde...né?

FD - Porque ele tá envolvido com a patente, não pode publicar, não pode titular... Tudo isso é... (ruído de palmas)

TF - Essa discussão da patente é uma discussão interessante. Nós gostaríamos que o senhor ...

DF - É. Pois não.

FD - O senhor estava falando da Rhodya...

DF - Pois é, aí a Rhodya, a Rhodya, é... não aceitou, né? Não aceitou e disse: “Consulte aí.” Aí eu fui consultar a universidade para saber se podia fazer sem o direito de publicar, né? Ah, Tanita, isso aí foi o fim! Para você ver o que é universidade. Eu falei com o reitor, o reitor disse que esse convênio para ser assinado com uma multinacional era preciso passar pelo conselho universitário, um conselho superior. Eu disse: “Mas, Jackson... – Já era outro reitor. – ...se fizer isso...” – Se fosse Linaldo não precisava de nada disso. Linaldo foi o reitor e Linaldo pensou 50 anos adiante de qualquer universidade brasileira! Foi o reitor mais arrojado que eu acho que o Brasil teve. Pois bem, aí nós fomos... e o reitor disse: “Não Delby, eu disse que não era possível mandar isso para o conselho universitário, o CONSEP<sup>3</sup>...” Disse: “Não, eu vou levar para o conselho curador que é o conselho só de... de... pequenininho, um conselho só para ver finanças, parte de finanças né, se há prejuízo ou não desse convênio para à universidade.” Eu disse: “Bom, se você vai levar só para o Conselho Curador e a gente conhece o... o senhor fala...?” Disse: “É.”. Garantiu que não ia haver nada. “Amanhã está aprovado.” Olhe, um conselheiro que era de Campina Grande não pôde vir, veio de lá então, um suplente que era um desses xiitas, não sabe? – Ah, meu Deus do céu! – Quando ele viu o projeto, o processo lá, ele... ele... ele pegou e disse: “Eu peço vista a esse processo.” Nenhum... no Conselho não se pode negar um visto de um conselheiro, né? Aí o presidente do Conselho deu o processo para ele passar para vista dele. No outro dia saiu estampado na primeira página do jornal: “Reitor vende laboratório à multinacional.” A partir daí, Tanita, passados um ano, um ano... para ver esse projeto ser aprovado pela universidade, a universidade permitir o convênio com a Rhodya, né? E isso mesmo tudo truncado, exigia a publicação... Ora! A Rhodya dizia (risos): “Não, meu amigo, a gente tá falando com pessoas sérias, não é de brincadeira. Eu já disse a você que a Rhodya é uma empresa multinacional, visa lucro. Eu procurei a universidade porque li numa publicação de vocês. Se o que sair daqui agora, que vai ser agora coisas melhores ainda, né, vocês vão publicar, o que é que sobra para mim!? Nada! Então não me interessa.” E não fizemos. Resultado: perdemos um convênio de 50 mil dólares por ano, né, estupidamente por causa dos xiitas da nossa universidade, né! Então, tudo isso a gente passou...

TF - Mas aí de qualquer forma a universidade ficaria sem esse bônus do pesquisador que é publicar a pesquisa.

DF - Sim, mas a gente publicava outras coisas, né! Outras coisas desse mesmo produto, a gente tinha outras publicações. Como ele mesmo citou, nós mesmos citamos, né, que já tinha sido... Agora, aquilo que interessasse à Rhodya essa, a gente não podia. Eles: “Vocês só podem publicar consultando previamente a Rhodya.” A Rhodya então examinava se aquilo interessava ou não e continuava publicando. Mesmo isso aí era um produto, e os outros, dezenas de professores pesquisando, trabalhando, não é? Quer dizer, não era monopolizar a pesquisa da universidade, era dessa droga, né? Eles estavam interessados nisso. Então isso aí a gente sofreu muito... porque os recursos na universidade eram poucos, como continuam sendo, aliás agora não é nem pouco, não é nada, né, não tem recurso... E, na hora que a gente tinha uma brecha para comprar melhor as coisas e... aí pronto, vem essa... Então isso a gente sofreu muito. Mas nunca, nada disso foi motivo de desânimo para nós. Nunca! Pelo contrário, acontecia isso, aí a gente ia por outras brechas para fazer outras, tentar outras formas, né?

---

<sup>3</sup> O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consep), é órgão da Universidade Federal da Paraíba formado por 38 representantes da reitoria, pró-reitorias, professores e alunos.

TF - E hoje nesse momento de crise, na pesquisa no Brasil, como o LTF...

DF - Muito difícil.

TF - ...tá vivendo?

DF - Olha, vivendo com muito sacrifício. Vivendo por causa da pesquisa! Vivendo independente da reitoria.

TF - E com o financiamento de onde vocês estão fazendo?

DF - Do CNPq, da CAPES, da... da FINEP... FINEP muito menos, porque a FINEP agora, é muito... não é amarrar? em fundo perdido, né? FINEP é muito associada ao BNDS, é mais, embora seja... subsidiado, mas quer retorno, né? Então isso é mais difícil para universidade, né?

FD - Mas as universidades estaduais de São Paulo, elas têm uma relação com essas instituições privadas, bem diferentes das públicas e que se enquadra nesse tipo de (inaudível) que o senhor ia fazer agora. Né?

DF - É. Exatamente.

FD - Como é essa diferença?

DF - Bom, é porque lá eles têm uma autonomia. Ah... o pesquisador na Universidade de São Paulo, é... recebe todo apoio da FAPESP, né, que é o CNPq de São Paulo, né? Da FAPESP e recebe também o apoio do reitor, dos órgãos superiores da universidade. É o Otto Gottlieb, era o Walter Mors, era Braz, era... Massaiochi. Para eu falar dos de Química, né? Então esse povo todo tem carta branca para fazer. Eu estava numa visita à Varian<sup>4</sup>, Varian, um ano aí, nessa época, e essa visita eu fazia com o doutor Otto Gottlieb. E lá estavam na Varian, dois doutores de um laboratório multinacional... – Eu não me lembro o nome deles. – ...quando viram o doutor Otto, eles disseram: “Doutor Otto Gottlieb?” “Sim!” “Doutor Otto, obrigado pelo trabalho que o senhor publicou no ano tal, sobre tal...” O doutor Otto ficou interessado em saber qual era o assunto. Porque o doutor Otto tem mais de mil assuntos publicados! Mas eles mostraram a cópia do trabalho ao doutor Otto, o doutor Otto lembrou-se. “Pois bem, por causa daquele trabalho, nós estamos aqui fazendo os testes finais desse produto tal, assim, assim, assim... por conta do seu trabalho.” Eles agradecendo ao doutor Otto a pesquisa que o doutor Otto estava fazendo, né? Então a multinacional aproveita as pesquisas que nós estamos fazendo! Se nós fizermos o convênio com ele, nós vamos usufruir alguma parte. Se nós não fizermos, eles fazem só, não tenha dúvida nenhuma! E eu acho que é isso que a Rhodya fez, foi fazer o trabalho dele só, entendeu? Sem a gente, né?

FD - Quer dizer que o pesquisador ele ... ele fica aí numa encruzilhada. Não é?

DF - Fica! Fica! Fica porque de um lado a universidade achando que ele está entregando a

---

<sup>4</sup> Varian Indústria e Comércio Ltda. sediada em São Paulo.



pesquisa, o segredo que eles descobrem, à estrangeiros... mesmo a nacionais nas empresas privadas. Por outro lado, a empresa privada não subsidia, não paga, não financia a pesquisa que o cientista faz, trabalha porque... não lhe dão direito de usufruir daquilo. Então o cientista no Brasil, ele é condenado a viver pobre, a viver falido, não é? Não é como aquele que fez em Ribeirão Preto, doutor Sérgio... Sérgio...Sérgio... ele descobriu uma... um antibiótico numa dessas pesquisas dele e ele não fez nenhum convênio com nenhuma empresa brasileira, foi para os Estados Unidos e fez lá. E ainda hoje recebe *royalties* por conta desse produto. Um produto importante, né, a multinacional vendendo para o Brasil, ele fez. Então ele vive bem! Sérgio Ferreira.

FD - Agora, ele acabou com a carreira acadêmica dele.

DF - É! Dele ele não tem, mas vive bem. Mas força-se isso para que o cientista que é mais... mais agoniado por um dinheiro, então se submeta a isso. Entendeu? Ao passo que se a gente tivesse uma... uma... um direito de fazer o convênio, convênio sério, convênio bom para aquilo, porque de qualquer maneira eles vão em cima e fazem. “Por que se Sérgio Ferreira fez por que é que eu não faço?” Lá tem milhões de dólares e centenas de pesquisadores para fazer aquilo, entendeu? Então: “Por que é que eu não faço?” Eles vão fazer. Só que o Sérgio Ferreira disse: “Não, se é deles fazerem eu... eu negócio com eles.” Entendeu? Não é uma das coisas mais... (risos). Mas eu estou dizendo, mostrando que ele vive, como é que vive o cientista. É num... num sanduíche: imprensado de um lado e do outro. Não é? E sobrevivem aqueles que... sobrevivem a seu modo, aqueles que tiverem consciência, essa ou aquela consciência.

FD - E antigamente era mais fácil para um farmacêutico, eu não vou nem dizer um pesquisador dessa área porque o senhor já disse que a pesquisa não era o ponto forte...

DF - Não, não era não.

FD - Mas era mais fácil para um farmacêutico antigamente ganhar dinheiro sem ter que abrir mão de um trabalho mais acadêmico do que hoje?

DF - Olha, antigamente não existia o trabalho acadêmico, essa é que é a verdade. Existia a formação teórica do profissional.

FD - Mas ele publicava, as revistas (inaudível)...

DF - Eram, tudo estrangeiras. Tudo estrangeiro. No Brasil mesmo não tinha as associações, né?...

TF - Esse antigamente que o senhor tá situando é aonde?

DF - É... começo do século.

TF - Quer dizer que ele tá mais perto?

FD - Não, tudo bem, pode vir desse século para cá. (risos)

DF - É, é... de 1800 e... Por exemplo, o Rabelo é de 1896. Mas isso até 1920, né, não existia praticamente nada assim, né? Eu me lembro do Otto Gottlieb e Walter Mors trabalhavam no Instituto... Agrônômico...

TF - De Química Agrícola.

DF - Agrícola. É, no Rio. Pois bem, e lá foi onde eles se sobressaíram, né, e depois vieram para as universidades e realmente são verdadeiros cientistas, né? Eu acho que são os melhores, os que mais produziram e produzem, no Brasil, na área de Química.

FD - E quando começou esse mundo acadêmico? Quando é que começou a se configurar esse mundo acadêmico para essa área de Farmácia, de Farmacologia?

DF - Olha, eu tenho para mim que é de 60, 70... década de 60, 70...

FD - No Brasil.

DF - No Brasil! Sim, ô! Eu falo no Brasil. Ah, lá no exterior é... 400 anos antes! Tem coisas mais antigas, né?

FD - Quer dizer que a formação desse campo acadêmico da área de Farmácia, Farmacologia no Brasil, coincide com a chegada, com a entrada pesada das multinacionais.

DF - Das multinacionais, das indústrias farmacêuticas. Multinacionais ou nacionais, porque a Fontoura era nacional, né, Moura Brasil era nacional... Depois é que transformou-se em multinacionais porque as multinacionais compraram.

FD - Mas elas são muito antigas, né?

DF - É, são antigas. São de é... é do fim do século passado, é. É de 1800... sei lá 80, 90...

FD - O senhor, isso é até curioso que no currículo do senhor dá para ver. Quer dizer, o senhor só começa a publicar muito tempo depois de formado.

DF - Ah, muito tempo depois! É. Muito tempo depois. Porque não havia...

TF - Lá no LTF.

DF - É, no LTF. Foi de 68, 68 não. De 78, quando começou a pós-graduação.

FD - É, 78. Mas não se tinha esse hábito de publicar...

DF - Não, não tinha não! Não era hábito porque não tinha recurso aí... não existia cultura disso.

TF - (inaudível).

DF - É, é.

TF - É isso?

DF - Não existia!

TF - É mais... mais pesquisa mais... fraca? (ruído)

DF - Era mais uma pesquisa bibliográfica. Era ler revistas francesas, alemãs, né, aquilo que existia por lá. E por ali se fazia, se deduzia, estudava e fazia...

TF - Mesmo em Campinas e na USP o senhor via essa...

DF - Não! Aí... Olhe, as universidades de São Paulo, a USP e a UNICAMP é... são diferentes. São universidades que nunca seguiram, elas tinham sempre uma autonomia do próprio Estado e... e por isso eles se arvoravam a fazer o que eles desejavam. Aí a pesquisa já começava em algumas áreas. Em Farmácia não! Em farmácia era muito pequena. A gente lê os livros de Liberalli professor Carlos Henrique Liberalli na área de Química, Maria Aparecida Pourchet Campos na área de Alimentos. É... Rodolfo Albino... Quer dizer, Rodolfo Albino foi um... foi um visionário, fazia farmacopéia, né, é uma pesquisa, mas uma pesquisa bibliográfica. Não é isso mesmo? Então eu acho que o... o... esse pessoal tinha a pesquisa dele, mas a pesquisa dele era... era uma pesquisa... não era essa pesquisa feita hoje, desmanchar uma planta, desvendar os segredos daquela planta. Eles tinham essa...

TF - Mas essa pesquisa hoje...

DF - ...não tinham nem equipamento nem...e...

TF - É, isso que eu estou dizendo. Essa pesquisa hoje já possibilita desmembrar, como o senhor mesmo tá dizendo, a planta ela tem um aparato tecnológico que veio sendo descoberto, criado, ao longo...

DF - No exterior. É.

TF - ... há uns... 25 anos...

DF - É. Exatamente. E tudo no exterior. Os equipamentos todos... foi quando começou a sair os elementos da USP primeiro, para ir para o exterior fazer um doutorado, fazer uma pós-graduação. Aí eles viam esses equipamentos e quando voltavam faziam força para que se comprasse um equipamento daqueles, né? Aí isso... foi começando a iniciar a parte de pesquisa. A pesquisa mais básica, né? A pesquisa aplicada ela existia assim... que eu acho até mais complicada do que a básica... em alguns...

TF - É, fala um pouquinho dessa distinção entre a básica e a aplicada.

DF - A... a pesquisa básica é essa que a gente tá dizendo, que você vai buscar lá na fonte e desmembrar, desvendar os segredos que ela tem. A aplicada você vai pegar um comprimido, você vai precisar fazer uma fórmula farmacêutica de um comprimido, de um injetável e você

vai dar a ela uma aplicação ou então um... um... um fármaco que você descobre e vai fazer toda a parte farmacológica, terapêutica dele, etc, farmacocinética, etc... Para ele dirigir para uma aplicação na área da Saúde, né, ou na área Química, no caso das anilinas, pigmentos, etc. Então, isso aí é a aplicada, a básica só serve é para desenvolver a inteligência, o cérebro do cientista e para dali, a partir daquele, a aplicada tomar rumo para ela, né? É tanto que o doutor Walter era muito contrário, o doutor Walter e o doutor Otto, muito contrário ao financiamento de pesquisa básica... de pesquisa aplicada. Ele gosta que, ele gostava que o CNPq, os órgãos de financiamento do governo só financiasse pesquisa básica, já que não tinha recurso para todos, deixasse a básica, porque a básica ela dava um substrato de conhecimento ao cientista e a partir dali outros iam pegando os estudos feitos, né, básicos para levar para uma pesquisa aplicada. Mas de uns anos: 10 ou 15 anos para trás, ou mais, o... o CNPq passou a aplicar, a investir mais na Aplicada do que na Básica, né? Porque é aonde eu dizia, o Brasil precisa do produto! Nós estamos trazendo tudo de fora! Aí vamos investir nisso! Mas a dificuldade é outro *fillo*. Viu? Então a gente tá... numa situação hoje, não é privilegiada porque hoje mesmo eu acho que nós estamos em decadência, né? O governo brasileiro apesar de ser um... um professor universitário, um cientista, um sociólogo... mas ele... esqueceu que foi... que é da universidade, que é um aposentado da universidade e que a universidade precisa que o governo olhe para ela, né? Ele esqueceu isso. Então, tá entrando numa dificuldade, num redemoinho, numa degradação, degenerescência da pesquisa e eu não sei aonde nós vamos parar com isso, né? Eu... eu tenho uma impressão de que ele mesmo tá fazendo isso por força de uma estrutura, esse neo-liberalismo que ele está implantando, implantou no Brasil e que esse neo-liberal, esse programa dele... ele precisa acabar para poder recomeçar uma outra história. Eu... eu espero, confio em Deus que isso seja verdade, que a universidade não entre numa bancarrota é... logo e vamos à falência, como todo mundo sabe que tá indicado para isso, uma falência na universidade brasileira, né? Dizer que o governo brasileiro tá... jogando, eles jogam o servidor público como o câncer dessa história, é o servidor público. Mas deixa que nas pesquisas que as próprias universidades, o próprio ministério fez para saber onde estão, onde está, a produção científica brasileira, 80, 85% está nas universidades públicas federais e estaduais, né! Na UNICAMP, a USP. Na universidade privada não tem pesquisa! Como é que ele abandona a universidade pública que é a universidade que dá formação ao rico e ao pobre?! E ele tira isso, essa liberdade, essa condição... Isso é um negócio que a gente fica sem saber por quê e aonde é que ele quer chegar com isso, né? Então, eu acho que nós estamos realmente numa situação difícil... nunca vimos a universidade brasileira nessa história, numa encruzilhada dessa, mas confio em Deus que ele, não nele, mas em Deus que ou ele ou um outro que venha vai voltar a repensar talvez de uma maneira melhor, mais séria, né? Porque também eu sempre fui contrário, minha esposa sabe disso, eu sempre fui contrário à vagabundagem no Serviço Público. Na Universidade Federal da Paraíba, o LTF era uma ilha. Uma ilha! Linaldo Cavalcante dizia no reitorado dele que a felicidade da Universidade Federal da Paraíba é que 15 % dos funcionários mantinham a universidade! Porque os outros não faziam nada. Ou quase nada. Faziam de conta que vinham, faziam de conta que aprendiam, faziam de conta... 15% mantinham a universidade de pé. Então a gente vê, eu era contra e nunca fui a favor da greve. No LTF nós não fazíamos greve. Nós sempre estávamos lá. O funcionário... o aluno, o professor, era livre, mas nós estávamos lá e eles sabiam por quê. Porque nós mantínhamos o LTF com recursos de fora. Não era da universidade. Quer dizer, com ou sem a greve, o LTF trabalhava porque nós tínhamos como trabalhar. E por isso mantínhamos um biotério com 5 mil animais, né, trabalhando sábados, domingos e feriados. Se eu passasse um mês, dois, três de greve, aqueles animais já não sobreviveriam mais, morriam todos, né? Então, a gente ia recomeçar e aquilo é um hospital para

nós. E por quanto sai um hospital, não é? Quer dizer, a gente ia destruir o que a gente, com muito suor a gente estava conseguindo. E com isso a gente mantinha a universidade, no LTF... o LTF na universidade sem fazer greve. Entendeu? Um ou outro que saía não pesava, tinha a sua liberdade. Também nunca cortamos o ponto dele também, ele tinha do mesmo jeito a mesma liberdade. Mas a maioria tinha essa consciência que o diretor tinha. De a gente manter aquilo, a gente por força, a gente tinha de manter aquilo. Então Tanita, eu acho que... é por aí...

FD - Doutor Delby, deixa eu lhe fazer uma pergunta sobre o LTF...

DF - Faça. Eu já falei muito! Vocês...

TF - Deixa eu perguntar o seguinte:...

FD - Mas a gente veio aqui para... (interrupção da gravação) O senhor falou para gente que o senhor e mais dois farmacêuticos foram fundar o LTF: o Laércio e o Seferino [Vaz]. Eu queria saber se o Laércio e o Seferino estavam no grupo que fundou a faculdade de Farmácia junto com o senhor ...

DF - Os dois...

FD - ...ou isso é um grupo que caminhou junto ou que caminha junto.

DF - Os dois foram alunos, foram alunos nossos na faculdade. Como eles eram aqueles que sobressaíam nessa área, eu os convoquei, né? Eu convoquei, chamei... tornou-se, o Seferino era militar, então ele não pôde ficar com a gente, ele passou um tempo e saiu. Foi transferido e etc. O Laércio não, aposentou-se agora há pouco tempo, como professor também. Ele era do controle de qualidade, químico, físico-químico, biológico, medicamentos, né? E ele então fez toda essa parte aí ele fez também como eu fiz um estágio de aperfeiçoamento, ele na área dele também, né? E formamos uma equipezinha técnica. Eu... quero dizer isso porque isso... isso... é uma beleza de depoimento, eu acho, não sabe? Pode ser que não tenha o valor para vocês que tem para mim. Mas quando eu estava construindo o LTF, da base, eu prestava atenção àqueles rapazinhos que trabalhavam na obra. Uns cabeceiros, outros pedreiros, outros não sei o quê... E tinha um jovem, jovem mesmo, que trabalhava carregando o barro na cabeça para levar lá para cima para... para o pedreiro assentar os tijolos. E esse rapaz fazia aquilo correndo, com a lata na cabeça, cantando, assobiando... E eu achava: “Como é que um rapaz jovem... – Jonas, né? – ...um rapaz jovem, com uma alegria daquela, fazia aquele serviço num sol quente danado, o sol descendo, ele... E aquilo.... (interrupção da fita)

### **Fita 3 – Lado A**

FD - Era bom o senhor repetir.

TF - Entrevista com o professor Delby Fernandes dia 25 de março de 1998, fita número 3. Pode continuar professor.

DF - Pois é, então... esse rapaz, quando eu fui fazer a seleção para o pessoal trabalhar no LTF, os laboratoristas, serviçais, etc, eu programei um curso sobre limpeza, sobre higiene, eh... esterilização de bancadas, vidrarias, tudo aquilo que eu aprendi lá na USP, no Hospital das Clínicas, né, que eles lá achavam graça, o catedrático lá, Lapa... Então eu dei um curso de todos esses negócios: câmara asséptica, antecâmara... ar negativo, positivo... e eu dei um curso para eles. E convidei o Jonas, esse rapazinho que era o tineiro lá da obra: “Jonas, você gostaria de trabalhar aqui?” Disse: “Ah doutor... – Ele rindo. – ...eu não tenho letra.” Ele não sabe ler. Ele fez, ele disse mesmo... “Eu não tenho letra, doutor. Eu não tenho nem essa pretensão, eu não tenho letra.” Eu disse: “Não, mas você tem uma coisa que poucos têm. Você trabalha num trabalho pesado desses que eu vi, todo tempo, você rindo, cantando, é... correndo, brincando etc e tal... trabalhando e com você rendia. O mestre de obras dizia que você dava, você atendia a 3 pedreiros. Raro um tineiro desses que atende a um bem e você atendia a três. Então isso me interessa, sua força de vontade. Isso me impressionou. Se você quiser você vai aprender comigo e vai trabalhar comigo.” “Ah, se o senhor quiser me levar, eu...” “Pois venha para o curso.” Aí marcamos, ele foi assistiu o curso. Tudo sem saber nada do que era aquilo, nada, mas nós fomos ensinando, ensinando...e ele foi. Eu sei que ele foi um dos selecionados, que eu selecionei muitos, particularmente. Esse rapaz passou a ser o braço direito meu em tudo, que era preparado lá. Toda novidade, um produto novo, uma coisa... era com ele que eu podia contar. Da limpeza de vidro até a... despirogenização de uma vidraria, de um injetável... tudo ele sabia. E como sabia bem, entendeu? Sabe aliás! Ele agora, veio um dia desses aqui, ele já tá aposentado: “Doutor Delby, eu recebi isso do CNPq...” É um dos nossos doutores que terminou e foi para o Rio Grande do Norte e chamou ele para dar uma bolsa do CNPq para ele ir para lá, para montar essas estruturas lá com ele. Ganhou a bolsa do CNPq, não sei... 900, perto de 1000 reais. Entendeu? Porque ele sabe fazer, é um técnico. Ele estudou, chegou até a terminar o supletivo. Mas no vestibular ele não passou. Mas continuou estudando, é uma pessoa que sabe, tem o seu carrinho, tem a sua casa, tem um bocado de filho, mas tudo lá, entendeu? Os dois primeiros anos, eles ganhavam a metade do salário mínimo porque a universidade não tinha recurso. Metade do salário mínimo. E eu: “Sustenta aí que isso vai melhorar, isso não vai ficar assim não.” Eles se sustentaram e hoje tá tudo aposentado, uma aposentadoria boazinha, não sabe?

TF - Quantos pesquisadores eram no início do LTF? Como é que foi... (inaudível)?

DF - Nós éramos os três farmacêuticos, uma secretária e mais 7 serviçais. Era esse o pessoal do LTF. Aí depois, foi realmente aumentando. Hoje tem cento e poucos funcionários, né, com professores uns 20 doutores, né, ou um pouco mais, contando com os que estão fora. E hoje com a diferença que antigamente os doutores eram estrangeiros, eu trazia de fora. Hoje é tudo daqui, né? Tudo jovem, com vontade de fazer.

TF - E com essa política atual do governo que o senhor estava falando aí, é...(inaudível) de uma universidade, de fazer muitas pesquisas, etc, inclusive retiradas das bolsas. Como é que tá a procura do mestrado e doutorado? Já tá, já tá aparecendo um sintoma dessa...?

DF - Não, olhe, nunca faltou bolsa para o LTF, sempre teve bolsa para os alunos que eram aprovados. Nunca tivemos falta de bolsas. O CNPq sempre acreditou no nosso curso e a CAPES também. Agora tá começando o doutorado. O doutorado ninguém tem bolsa, porque o doutorado tá começando e eles só dão a partir de, né, de uma avaliação primeira, né? Então nesses dois primeiros anos, eu acho que o doutorado não vai ter bolsa não. Mas também tá

começando o doutorado, mas com... fazendo um pouco de endogenia. Com o povo da casa, né?

TF - Com os de dentro?

DF - Né? Os da casa. Porque é lógico, é uma forma da gente treinar, da gente experimentar o curso e a gente dar mais uma dedicação àquele pessoal. E eles que moram aqui, não precisam da bolsa., né? Tem uma coisa, junta-se à outra... Então isso eu acho que foi, quando nós começamos o mestrado foi assim também, e o doutorado não vai ser diferente, né? Mas eu não acredito que o governo negue pão e água, ainda a pós-graduação, pequena que ainda o Brasil tem. O Brasil já tinha uma pós-graduação, ainda tem... é muito pequena. Pelo menos em algumas áreas muito pequena mesmo. Né? Então se ele negar isso...

TF - Já tá negando.

DF - É, já tá negando! Já tá negando! Infelizmente, né?

FD - Doutor Delby, e o grupo que fundou a Faculdade de Farmácia com o senhor, ele se dissolveu, ele acompanhou o senhor na sua trajetória profissional, na sua trajetória de vida? Foi uma coisa ocasional essa reunião para fundar a faculdade...?

DF - Olha, a reunião para fundar a faculdade é... de fato nos reuníamos os farmacêuticos, não queríamos saber que formação eles tinham, que maior conhecimento eles tinham. Os farmacêuticos da época, para poder ter o número mínimo que desse para fazer. A gente... nós fundávamos uma associação e essa associação foi quem deu nome ao curso de Farmácia. Depois o Estado encampa esse curso de Farmácia, isso em 57, 58, né? Encampa isso. E em 60 logo, o governo federal encampa também, federalizando tudo, onde o curso de Farmácia foi. Então a ... por isso eu digo, a primeira turma, as duas primeiras turmas do curso de farmácia, Virgi! Foram feitas com os conhecimentos de 1800 e pouco. Não existia, tudo gente feito ali, improvisado, né? Olha, então, mas eu acho que valeria, valeu à pena porque hoje o curso de Farmácia é um dos 10 melhores... do Brasil. Tá lá no *ranking*, né, entre os 10 melhores. E a pós-graduação tá entre as 3, 4, nunca fomos classificados no 5º, porque na pós-graduação diz os 5 melhores. Sempre era 3, no 3º ou 4º lugar, a pós-graduação. Em 1º sempre era a USP e Campinas, exatamente. Sempre é. Então isso é uma vitória para um curso na Paraíba, na Universidade da Paraíba. Uma universidade pobre, numa região subdesenvolvida, não é, isso eu acho uma vitória. Então eu acho que nós não temos muito a reclamar do esforço, do esforço feito. O esforço eu acho que valeu à pena. Eu repetiria tudinho de novo. Tudinho de novo! Né, sem nenhum arrependimento. Acho que é uma...

TF - Me diga o seguinte, na faculdade, o Centro Ciências...

DF - Da Saúde.

TF - ...da Saúde, tem um programa especial de treinamento em Farmácia, pelo que eu sei tem um núcleo de Fitoterapia. Tá certo isso?

DF - Tem.

TF - Como, é a relação desse grupo com o NPPN?

DF - É pequeno. Eu acho que até lamentável. É pequeno, mas tem. Porque os professores de lá, todos têm um mestrado nosso de produtos naturais, né? E uma delas tá até fazendo o doutorado agora.

TF - *Margareth?*

DF - Margareth, é. Então ela é médica e é farmacêutica e ela está fazendo o doutorado. É até aluna do Isaac. O Isaac é o orientador.

TF - Por que é que essa relação é pequena? O que é que o senhor quer dizer?

DF - Porque eles fazem...

TF - Poucos trabalham juntos...?

DF - É, não trabalhamos juntos. Você trabalha lá só quando qualquer uma coisa assim é mais... Então é aqui uma aproximação, é pequena. Eu gostaria de ser melhor essa aproximação. Mas também saí, deixei a coisa, me aposentei em 89...

TF - Esse núcleo foi criado quando, de Fitoterapia?

DF - Ah, ... foi na década de 80. Mas já mais para o fim mesmo.

TF - E por que é que ele foi criado esse núcleo de Fitoterapia se já tinha...

DF - Não, mas porque a Fitoterapia, ele tem esse núcleo e tem uma coisa junto deles. É... como é que chama-se? É... uma informação toxicológica, bromatológica, toxicológica... tudo que há no hospital sobre intoxicação de medicamentos e animais peçonhentos, plantas, venenos... Esse grupo dá a resposta e dá uma certa indicação para o médico, para sociedade, né?

FD - Esse grupo do núcleo, né? Quer dizer que esse núcleo não é só de plantas medicinais.

DF - Não, não é só de plantas não.

FD - Na verdade trabalha também com produtos naturais.

DF - Naturais. Exatamente. E eles... Animais e coisas, né? Mas isso é mais conhecimento também teórico. Eles não têm uma pesquisa aprofundada, eles não trabalham com equipamentos. Qualquer pesquisa mais aprofundada, eles vêm fazer no LTF, entendeu? Então é mais a parte da Fitoterapia que eles fazem nacionalmente esses encontros, né? E no Paraná é muito desenvolvida a parte de Fitoterapia. Mas tudo experimental. Não é com a pesquisa, a partir de uma pesquisa... Às vezes a pesquisa é precisa porque alguém fez. Mas não foram eles, né? Então há uma diferença bem marcante nisso. Eles trabalham mais com extratos e o laboratório mais com os produtos químicos obtidos do extrato, né? Ao laboratório interessa saber o princípio ativo daquele extrato. Eles não interessam muito saber o princípio ativo, eles



interessam saber que o extrato é para febre, para dor de cabeça, para uma gripe, para... né?  
Então isso...

FD - Por que é que esse núcleo não é uma divisão do laboratório?

DF - Pois é.

FD - Por que é que ele, foi uma questão política, uma questão pessoal...? Por que é que ele foi criado fora do laboratório?

DF - Olha, porque a gente, gente é a coisa mais difícil do mundo de se administrar é gente, não é? Então na hora que a gente diz: “Bom, venham para cá.”, eles se sentem: “Bom, mas nós podemos, nós precisamos ser nós. Nós não podemos ser o LTF. O LTF é o LTF, nós temos que ser nós!” Então eles têm que ter a identidade deles. Então não interessa essa unidade do... Isso é um julgamento meu assim, até certo ponto, que eu dou razão, porque senão podia ser ali, bom, o LTF é quem é conhecido mais cientificamente, então ficariam eles como, dando nome ao LTF ou... sem identidade pessoal de cada um deles, né? Mas a Margareth, a Rinalda, elas que são as fundadoras desse grupo, elas podem dar, se vocês conseguirem falar com elas...

TF - Rinalda também é farmacêutica?

DF - É farmacêutica!

FD - Nós vamos conversar com elas.

DF - É. E elas podem dar uma descrição que não seja a minha... (risos). Mas eu acho, eu falo assim... (interrupção da fita)

[Esta fita teve aproximadamente apenas 11 minutos, de gravação no lado A. O lado B não tem nada gravado.]

Data: 27/03/1998

#### **Fita 4 – Lado A**

TF - Entrevista com o professor Delby Fernandes, em 27 de março de 1998, para o projeto Plantas Medicinais da Casa de Oswaldo Cruz. Entrevistado por Tania Fernandes e Fernando Dumas. Fita número 4. ... Bem, professor, nós gostaríamos hoje de começar nossa entrevista, preenchendo algumas lacunas. E eu queria que o senhor falasse um pouco da sua inserção na Universidade, na faculdade de Farmácia da Paraíba. ...do Estado. Como é que foi, como é que é essa universidade, como é que é a Faculdade de Farmácia no Estado, aqui na Paraíba.

DF - A do Estado?

TF - É, o senhor não teve na Faculdade de Farmácia da Paraíba? Sendo um professor extra numerário?

DF - É...

TF - Eu entendi que era estadual.

DF - É, porque o Estado assumiu a faculdade, encampou. Depois essa é quem foi a federalizada. É...

TF - AH!

DF - ...a que eu pertencço, né? Eu nunca estive com ela...

TF - Ah! Eu não tinha entendido isso.

DF - Foi logo na... foi logo no primeiro ano, né, quando nós fundamos a faculdade...

TF - 60.

DF - ...que era particular. Aí com menos de um ano nós conseguimos que o governo encampasse. Ele encampou e com pouco tempo depois, isso foi em 57, 58, em 60 já foi federalizada, né? Então foi um tempo muito curto da faculdade de Farmácia estadualizada.

TF - Mas ela era particular ou era do Estado?

DF - Ela era particular. Fomos nós que fundamos. Preparamos toda com dinheiro, nós, os professores.

TF - Ah, bom! Não era do governo do Estado.

DF - Não, não era não. Ela nasceu particular.

TF - Porque aparecia no currículo que o senhor tinha sido nomeado pelo governador. Aí eu falei: “Então é do Estado.”

DF - E foi, e foi. Porque quando ele encampou, ele nomeou todos nós para faculdade, né? Aí depois de... da faculdade ser... fazer parte do Estado, pertencer ao Estado, então em seguida foi federalizada, pertenceu, está pertencendo ao governo federal. Ao Ministério de Educação.

TF - E o senhor nos falou ontem, agora me lembrei, o senhor nos falou sobre dessa mudança entre cátedra, né, que o senhor passou de catedrático para titular... O titular perdeu um pouco da importância...? Eu queria que o senhor falasse sobre isso.

DF - Não, porque na época...

TF - Eu queria que o senhor falasse dessa sensação.

DF - É. Porque na época, o professor catedrático, era o catedrático era aquela bandeira, era um *status*. E com a reforma universitária, acabaram com os catedráticos, os catedráticos eram os senhores absolutos daquela disciplina. Então passamos a ser professores titulares daquela universidade, né? Então, nós inclusive, poderíamos estar dando a disciplina como dar outra disciplina, desde que eu tivesse competência para isso, né? E o catedrático não, o catedrático era aquela pessoa... né, ... E foi nesse clima que nós entramos na universidade. Nós éramos os fundadores e como os fundadores... como tais, o governo federal e o Ministério da Educação... colocou todos os fundadores não só da nossa universidade, mas de todas universidades brasileiras, aqueles que fundaram a instituição, fundaram o curso, fundaram a cadeira, que ele torna-se catedrático. Não foi concurso, não havia concurso na época, né? Era um decreto do presidente da República.

TF - E os demais que foram sendo incorporados à universidade, já que não tinha...? Passou a ter concurso depois da...

DF - Passou, mas titulares não.

TF - Sim.

DF - Os titulares, titulares só quando havia vaga, quando um morria, quando um... né? Porque o governo federal recebeu uma faculdade completa, com professores de todas as disciplinas, ele encampou isso, ele federalizou isso. Então não ia ter sentido em aumentar... só em casos excepcionais de criação de uma nova disciplina, né? Então aquele não era titular porque ele não era fundador. Ele só passaria a ser titular é... quando fizesse concurso. É tanto que concurso aqui é...

TF - Mas é concurso interno, de extensão?

DF - É, interno, é... Bom, não é interno, porque é publicado para quem quiser vir fazer exame, né? Mas aquilo que eu falei de dificuldade de professor vir para cá, então continuou. Como isso era de todo Brasil, era em todo país, então aqueles professores do Rio, de São Paulo, Minas,

etc, Porto Alegre... faziam o concurso lá, né? Não vinham para Paraíba fazer, né? Findava fazendo concurso com o pessoal da casa ou dos estados vizinhos.

TF - Mas não era um processo de ascensão? Na carreira?

DF - Era de ascensão, exatamente. E ele começava como auxiliar de ensino, com aquele título, o título que ele tivesse a mais, ele subia, né? Quando agora, nesses últimos 10 anos com o mestrado e doutorado, quem tem o doutorado já passa para o professor adjunto, já direto. Ele é contratado como auxiliar de ensino, mas tem logo 3, 4... 3 ascensões, chega a adjunto. Aí pronto, para adjunto 4, ele consegue com mais dois anos. Ele não chega como adjunto 4, né? Vocês lá não têm essa carreira...

TF - Não, mas temos Ciência e Tecnologia.

DF - É, né?

TF - Na de professor. É, aí eu queria o seguinte, quer dizer, não sei se o senhor tem mais alguma coisa a acrescentar da universidade que a gente não tenha falado. Tem alguma coisa que o senhor gostaria...?

DF - Não, é... não me lembro assim.

TF - Aí o senhor em 71 foi representante da universidade na CEME, né? Aí eu queria que o senhor falasse um pouquinho. Quer dizer, isso foi um projeto fora ou não? Como é que foi isso?

DF - Não, isso foi um projeto do LTF, né, que nós fizemos para a CEME, porque se nós produzíamos medicamentos e a CEME, e a CEME estimulava as universidades que tivessem laboratório de produção para garantir a produção de medicamento que a CEME precisa, precisava para o país, né? Então nós fizemos um convênio com a CEME só que o nosso não foi diretamente para a produção. Mas o nosso convênio era para controle de qualidade e esse controle de qualidade nós ainda hoje mantemos. Agora, o... os outros convênios que fizemos com a CEME foi para recursos específicos para plantas medicinais, a área de pesquisa com plantas medicinais. E esse aí... permaneceu também um tempo bom. E aí eu passei a ser um dos, dos consultores da Central de Medicamentos, da CEME. Quando ela recebia convênios de outros, então me mandava para eu dar parecer, etc. Como assim eu me tornei também do CNPq e da CAPES, não é? Numa fundação do nosso curso de pós-graduação eu passei a ser o consultor também científico do CNPq e dava parecer. Ainda agora, depois do (inaudível) no fim do ano passado, ainda recebi processos do CNPq para dar parecer, embora desde de 89 que eu esteja aposentado, né?

FD - Quando que o senhor... quando que o laboratório, no caso o senhor também, começou a trabalhar com a CEME, em função da produção de medicamentos?

DF - Foi em 70... Sim, em função da produção?

FD - É.

DF - A produção nós... nunca foi... nós estamos tentando agora. Nós nunca trabalhamos com a produção de medicamentos para CEME, nunca produzimos para CEME.

FD - O senhor falou que o primeiro convênio com a CEME foi controle de qualidade e o segundo era produção de medicamentos.

DF - Não, o segundo foi plantas medicinais, o convênio.

FD - Mas... Ah, tá! Era pesquisa sobre plantas.

DF - É, plantas. Exatamente.

FD - Sem trabalhar com a produção, sem chegar à produção dos fitoterápicos.

DF - Sem chegar à tecnologia. É, exatamente.

FD - Por que é que vocês na época não procuraram fazer essa ponte para chegar no produto final?

DF - Porque a CEME não aceitava, a CEME não queria. A CEME tinha os seus laboratórios de referência para produção e que eles investiram nesses laboratórios. Gastaram muito! Nós gostaríamos que eles tivessem feito isso conosco também para produção. Porque só assim nós teríamos um laboratório bem melhor. Mas a gente passou esse tempo, eles muito satisfeitos com o nosso trabalho em controle e posteriormente com plantas medicinais. Mas em produção a gente não tinha. Nós nunca trabalhamos, eu fazia produção para CEME via LAFEP. Não sei se vocês conheceram o LAFEP?

TF - Não.

DF - Era o Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco, né? É um laboratório de referência da CEME também para produção.

FD - O LTF tinha um convênio com o LAFEP.

DF - É, exatamente. O LAFEP recebia uma quantidade grande de medicamento, um pedido grande, enquanto (inaudível): “Ah, Delby, você me faça 10 mil unidades disso, 20 mil unidades daquilo...” (ruído). Então a gente fazia para o LAFEP, não era para CEME.

TF - O LAFEP é da Secretaria de Estado.

DF - O LAFEP é da Secretaria do Estado.

FD - E esses medicamentos eles eram fitoterápicos ou eram esses medicamentos convencionais?

DF - Não, eram alopáticos.

FD - Alopáticos. Ah, tá!

DF - Alopáticos. Fitoterápicos... Eu não sei se as meninas sabem... vocês estiveram com...

TF - Sim.

DF - Não sei se elas sabem. Eu acho que só o Paraná, não sei se Fortaleza já tem alguma. Mas fitoterápicos é uma, é um esforço, embora no passado tenha sido forte, passou um período grande, né, sem atividade. E agora, acho que de uns 10 anos para cá, o fitoterápico tá tomando um novo impulso. Mas ainda é muito novo, não é uma coisa assim como o alopático que a indústria farmacêutica vem do fim do século passado, né, para agora. Então isso é de fato uma carência nossa.

FD - E o Marcelo colocou para gente que a meta principal do LTF agora é produzir fitoterápico.

DF - Fitoterápico.

FD - O senhor concorda com isso? O senhor acha que esse é o passo correto no caso?

DF - Eu acho que sim, eu acho que sim. Porque nós demos já, o que tínhamos de dar, obviamente que precisa... foi até feito, o próprio reitor, não foi a CEME, a própria universidade investiu o ano atrasado e o ano passado, na melhoria da... infra-estrutura... eu acho que vocês conheceram, né? E o Ministério da Educação, o Ministério da Saúde e a Central de Medicamentos, uniram-se os recursos desses e investiram um bocado de dinheiro na modernização de máquinas, só de equipamentos. Máquinas e equipamentos para esses laboratórios. O Laboratório de Tecnologia Farmacêutica na Paraíba foi, foi beneficiado com isso. Nós tivemos quase meio milhão de reais, né, para comprar, modernizar isso. Agora, infelizmente, infelizmente... a administração posterior à minha e anterior à de Marcelo, eles se descuidaram disso ou... não sei, mal assessorado. Porque o fato é que eles compraram mal esse equipamento. Não sei se Marcelo disse, inclusive máquina de ampolar, que a gente precisava de uma de 7 a 8 mil ampolas horária, a que veio para eles foi uma de 500 ampolas, quer dizer, uma pequenininha. Nós, a nossa velha que eu comprei, é bem mais é 3 mil e 500 ampolas/hora. Quer dizer, foi um absurdo, uma máquina caríssima, levou um bocado do dinheiro que se recebeu, mas não adiantou não serviu para nós. Está até em questão isso com a Justiça, sabe? O laboratório houve um engano aí dele ou foi enrolado. Assim foram outras máquinas também e assim o aproveitamento foi pequeno. Mas isso é foro íntimo lá deles e... e apenas laboratório sofre com isso, né? Eu erro, se o pagamento fosse só eu que tivesse que pagar, tudo bem. Mas quem fica pagando é a sociedade, é a comunidade, é o outro que vem...

FD - Dr. Delby, como é... conta para gente como é que foi essa sucessão sua lá. Como é que se deu isso? O senhor foi, teve...

DF - Eu me aposentei, né, eu vinha... todo reitorado tem 4 anos, né? Só o Guilardo Martins que foi o primeiro depois da federalização, não foi o primeiro, eles substituíram foi na Revolução de 64, o primeiro foi... foi... morreu há pouco tempo: Mário Moacyr Porto. Um jurista muito bom, foi quem... o primeiro reitor de fato. Teve aí outros reitores, mas assim... figuras como José Américo, pessoas que trabalharam muito pela fundação da universidade e ficaram um

período como reitor. Mas o reitor mesmo, Mário Moacyr Porto. A Revolução botou ele para fora porque achavam que ele dava muita asa ao estudante, era um subversivo, na linguagem... na linguagem militar. Então... Isso botou, e substituiu para o Guilardo Martins. Todos eles a partir do Guilardo Martins, terminou o mandato, Delby ia lá entregava a... a direção do laboratório. E nenhum recebia. “Professor, tá havendo alguma coisa? O senhor tá com alguma dificuldade? Se tiver me diga que a gente vai lhe ajudar...” Eu: “Não, não estou não. Mas o senhor vai entrar e quem sabe, tem a sua equipe e etc e eu acho que é ético eu ir lhe entregar, não esperar que o senhor me peça.” Mas todos me pediam. E assim eu fui até... Eu fui o único diretor até me aposentar, né, até me aposentar. Quando eu me aposentei então, foi numa fase inclusive complicada, porque eu nunca tive, eu dizia a vocês, nunca fiz greve no LTF. E isso era uma política contrária aos interesses do PT, do pessoal de esquerda da... E eu não era de esquerda. Eu fui na universidade, eu sinto isso na pele, eu fui um sanduíche. A Revolução, o movimento revolucionário me chamava de subversivo. Os petistas, de esquerda, me chamavam de... de reacionário. Um porque eu... eu trabalhava... dava... Outro porque eu não fazia greve, porque mantinha a equipe, né? Então, eu fui sempre sanduíche na universidade. Mas foi o único no laboratório, na instituição, nossa instituição, que sobressaiu em todas essas crises e hoje ainda é um laboratório, energia solar, teve seu auge, foi uma beleza a energia solar. Era o único laboratório em todo país, na América Latina, quem tinha energia solar era a França e os convênios que a universidade mantinha com a França eram extraordinários. Tivemos bombas solar de 30, 40 metros, né? Para energia solar. E isso tudo acabou, por politicagem, por greves, por essas coisas. Então, o LTF se sustentou, se sustentou. Eu... eu entregava ao reitor e ele pedia para eu ficar e eu ia ficando. Todas as visitas de presidentes de República, a embaixadores... que vinham fazer à universidade, o LTF era... o cartão de visita que a universidade mostrava para esse povo. A Escola Superior de Guerra (ruído) que anualmente visita as instituições com as novas turmas... quase anualmente nós fazíamos uma conferência para aqueles 50, 60 generais. Pessoas que estavam fazendo aquelas... e eu me recordo... de uma das últimas... que vinha um general que era muito... muito vinculado ao movimento revolucionário. E ele... ficou atrás de mim assim e eu botei uma maquete que tinha assim na frente e fui explicar como é que funcionava aquilo. E eu fiz toda a explicação que a gente podia dar, mais clara, possível, e dizia isso que aquela equipe era uma equipe coesa, irmã, não tínhamos ali... é, achávamos que nós trabalhávamos com medicamentos... uma indústria farmacêutica e se nós tivéssemos inimigos na equipe, não tivéssemos irmãos na equipe, era muito fácil uma contaminação, um camarada desses contaminar um medicamento e a gente pagar por isso, né? Porque mesmo a gente não sendo eh... indústria privada... A indústria privada, não! Tem... tem os elementos que são o olho do dono ali para olhar, para ver tudo e acompanhar a ação de cada técnico daquele. Mas nós não tínhamos isso, nós éramos do serviço público, diferente. Então ou eu tinha uma equipe boa, que eu confiasse ou não! E eu dizia tudo e dizia que não fazíamos greve... a turma trabalhava ali. Sábados e domingos nós tínhamos uma equipe de... de almoxarifado, de... de biotério, de biotério que trabalhava sábados, domingos e feriados. Eu sei que eu ouvi a conversa deles atrás de mim: “Mas como é que esse professor consegue isso numa universidade?” E eu ouvindo aquela conversa. E eu disse: “Bom, e eles naturalmente vão me perguntar isso. Eu vou responder isso.” E quando terminou dito e feito: “Professor, me responda, nós estamos aqui angustiados. Como é que o senhor conseguiu isso que nós vimos e essa explicação aqui na universidade?” Eu digo: “Sendo um amigo da equipe. Eu não sou um carrasco, um gancho para pressionar, eu sou um amigo, sou um do grupo. Apenas esse que planeja e que com eles chama: “Olha, se eu vou fazer uma... uma higiene num biotério, eu chamo a todo biotério. Eu não vou ditar a norma do biotério. Se eu for ditar eles vão fazer errado, porque vão fazer errado da minha... vão fazer

outra coisa que não a minha. Porque eu não sei, eles é quem sabem como que é! Então eles me... eu chamo a equipe, eles me dizem como é que querem fazer e eu dou sugestões, se eles acatarem eles vão fazer senão eu aceito a..." Então é uma coisa muito democrática. Não é? Quando eu terminei essa... um deles me chama assim, bota a mão no meu ombro: "Professor, eu estou admirado do senhor fazer isso, mas isso é um processo russo, o senhor tenha cuidado, isso é um processo russo!" Aí eu disse: "Bom... – general ou coronel, não sei quem é... eu nessa época eu nunca tinha saído do pátio do Brasil. – Eu não sei, eu não tive, nunca tive russo aqui. Mas se isso é russo, eu bato palmas a ele. Porque é por isso que os senhores hoje estão vendo um laboratório desse jeito, de uma universidade. Se não for isso, se eu não tiver uma equipe amiga, eu não teria (inaudível)." Mas é para vocês verem que realmente trabalhar em serviço público é diferente da gente trabalhar na indústria privada, que ali vai a força do dinheiro, se eu desconfiei de você, eu boto você para fora, né, imediatamente, né, e substituo por um de confiança. Então isso... isso me deu assim... muita força para eu continuar trabalhando até sair, até me aposentar. Porque eu nunca tive um problema, nunca substituí um técnico, nunca. Os técnicos eu aperfeiçoei, todos eles eu mande para fora. O bioterista o que vem trabalhar, todos eles eu arranjei bolsa. Mande passar meses... lá, numa instituição onde eles pudessem ver outra... processo, etc. E quando eles vinham eu dava toda força para cumprir tudo que ele queria, tudo que era novidade que ele trazia: "Ah, vamos fazer!" E eu arranjava dinheiro para fazer aquilo, prestigiar o esforço dele. E o LTF ganhar mais um aliado mais forte em conhecimento da vida.

Samuel - (inaudível)

DF - Ah, como vai Samuel? Entre. (inaudível) (interrupção da gravação)

DF - Aí eu sei que isso, isso me deu forças para gente continuar. Agora, não tenha dúvida de que toda a vez, e principalmente quando a política começou a ficar mais acirrada, então a gente tinha a oposição e uma meia dúzia mais ou menos lá no LTF. Nunca mais de meia dúzia! Porque eles se associaram por força da diretoria do SINTESP [Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior da Paraíba], sindicato, etc. Se associaram lá e eles tinham as benesses de passagens de ir para congressos e para sei o quê... E quem é que não gosta disso? Né? Então aqueles que..., mas uma grande maioria nunca aceitou uma função dessas! Eles eram satisfeitos com o LTF. Porque o LTF satisfazia. E isso era realmente a minha recompensa e é por isso que o LTF trabalhou e hoje é o que é. Graças a isso. Não sei se eu respondi... (inaudível)

FD - Não, acho que não.

DF - Não, né? Mas não me deixa...

FD - O senhor é... eu queria e vou colocar de outro jeito. O senhor conseguiu preparar o seu sucessor?...

DF - Não.

FD - ...Antes do senhor se aposentar, o senhor conseguiu encaminhar a sua sucessão na direção?

DF - Não. Eu fiz o seguinte: o reitor na época – Ah, foi isso mesmo, eu entrei em outro assunto



e deixei. – o reitor na época que era eleito do PT, ele quando viu ele eleito, ele então me chamou.

TF - Quem era o reitor?

DF - O reitor era Neroaldo.

TF - Neroaldo?

DF - Neroaldo<sup>5</sup>. Era da área de... de... Neroaldo era da área de Filosofia, de Letras..., não é? Pois bem, e o Neroaldo me chamou: “Professor, venha aqui no gabinete.” Aí eu fui no gabinete e ele me disse: “Olha, o senhor está aposentado, já está aí. Mas eu não quero fechar o LTF, eu não quero que o LTF se acabe. Mas queria que você... E para isso eu queria lhe dar uma incumbência.” Eu disse: “Pois não, Neroaldo!” “Você indicar uma lista de 3 nomes que eu possa, eu não quero que você me traga um nome, porque seria uma coisa assim muito deslegante também para um reitor. Mas me traga 3 nomes que... que o senhor conheça e que seja... bom para o laboratório e eu farei a escolha dentre esses três da sua indicação.” Eu já achei isso extraordinário e ele, ele me tem essa atenção, porque era minha opção, né? Ele mesmo foi lá me pedir voto e eu disse: “Neroaldo, eu não posso votar em você. Neroaldo, eu não posso porque você... eu não acredito no PT. E você é um homem comprometido com o partido dos trabalhadores. E eu aqui eu votei inclusive em Lula. Mas aqui na Paraíba eu não podia votar nisso! Eu conhecia a equipe. Então eu não posso votar em você. Você vai me desculpar, mas meu candidato é Damião, é outro.” E isso ele foi... Por isso eu achei que ele não me dava absolutamente nenhuma colher de chá. Mas não, ele me chamou e disse... logo a equipe de professores... – Isso eu soube posteriormente. – ...a equipe de professores, de funcionários foram a ele. “Professor Neroaldo, magnífico reitor, se o senhor não... não... trabalhar junto ao professor Delby, o LTF vai se fechar. Porque o que nós estamos ouvindo dessa meia dúzia... – Virgi! – ...os piores funcionários, eu não digo do LTF não, da universidade, estava lá, eram eles. Se tornaram. Eram funcionários bons... todos, porque todos eles foram indicados por mim, trazidos por mim... que na época não era concurso, era por indicação. Preparei um deles mesmo, mandei para fora, era um *expert* em ressonância nuclear magnética, em infravermelho... Pois bem, esse homem transformou-se num político e... então pronto. A minha sucessão eu não preparei, porque o... eu indiquei o Barbosa, esse estava preparado, esse que eu disse a você, o Barbosa. E indiquei o Reinaldo que era, foi um doutor também, que eu mandei para fazer doutorado na Escola Paulista de Medicina, era na área de Farmacologia. E o outro era a Célia Chaves que era uma doutora também. Mas três pessoas, doutores todos os três, e muito competentes todos eles. Agora há uma distinção entre competência científica e a competência administrativa. Aquilo, Zeferino Vaz, acompanhar o Zeferino Vaz é muito difícil. É muito difícil. Então, eu acreditava muito em Barbosa, mas não pude nem fazer reforço do nome de Barbosa. Não devia, já que o reitor tinha me pedido 3 nomes! Então eu botei os 3 nomes. Aí esses elementos junto ao sindicato, né, fizeram a cabala, né, para o reitor escolher Reinaldo. Porque Bernadete, a esposa dele, era, não sei se (inaudível) setor de Neroaldo, do reitor, né, e fizeram lá um compromisso de Reinaldo com o sindicato de não mexer com eles e prestigiá-los, né? No LTF. E isso ele fez, resultado: não saiu do campo. Então foi de fato uma decepção. Eu ainda cheguei a dizer: “Reinaldo, você...” o vice-reitor, o vice-diretor dele, era um de lá, o

---

<sup>5</sup> Neroaldo Pontes de Azevedo foi reitor da Universidade Federal da Paraíba de 1993 a 1996.

Ricardo. É... “Você botou como vice-reitor, vice-diretor do LTF o Ricardo!?” “O que é que tem, professor?” “É o pior funcionário do laboratório! O menos responsável, que não tinha responsável, não era assíduo, não era... (interrupção da fita)

#### **Fita 4 – Lado B**

DF -...Então isso... isso... foi um dos motivos pelos quais, eu acho, que o LTF perdeu, ao invés de crescer em 4 anos, ele estagnou nesses 4 anos. Graças a Deus, (ruído) (inaudível) ele conseguiu, ajudou ele, fez a reforma e adaptou a... as seções, fez aquelas reformas internas que a Central de Medicamentos estava exigindo. E... e nós fizemos parte da Comissão Nacional para analisar os projetos de 12 instituições que tinham laboratório, universidades que tinham laboratório. A Fiocruz entrou nessa também, né? Mas teve pouca coisa porque a Fiocruz já era grande, já tinha um laboratório: Far-manguinhos, tinha um laboratório muito bom, então foi besteira aquilo. Mas os outros que tinham entraram, tudo era na base, de no mínimo... meio milhão, 350, 400 milhões de cruzeiros, não era de Reais, né? Aí pronto, a gente fez essa comissão, trabalhei para que eles tivessem, recebessem essa ajuda para modernização... Fui para Brasília, mesmo aposentado...

TF - Essa Comissão era um fundo?

DF - Hein? Era um fundo dos 3: Ministério da Saúde, Ministério da Educação e CEME, eles se reuniram porque esses laboratórios de universidade...

TF - Era um departamento de verba para esses laboratórios...

DF - Modernizar os seus laboratórios e esses laboratórios passar também a fabricar para, para CEME, né? Porque a idéia do Ministério da Saúde era reduzir ao máximo...

TF - Isso foi quando? ... (ruído)

DF - ... 89... 90... Foi por aí, é perto. ... Pois é, (ruído) e esses laboratórios, tivemos esses recursos excedentes e eu fazia parte dessa equipe, éramos 7 elementos, eu era o único do norte e nordeste nessa equipe, o resto era lá do centro-sul.

FD - O senhor era consultor desse...

DF - É. Eu era um consultor dessa, nessa comissão dos projetos que a gente recebia de todas as universidades que tinham laboratório, né? Então, a gente ia analisar os projetos e aprovar aqueles que tinham condições, né?

TF - Quantos laboratórios tinham nessa época, o senhor se lembra?

DF - É... inicialmente 12, mas..., mas depois entrou um de... um da Bahia, que foi, politicamente teve peso. O ministro da Educa... da Saúde era da Bahia, né? Aquele... – Queria muito me lembrar o nome dele... não me lembro agora... – e pesou. Aí ele deu um telefonema para CEME,

para coisa... “Olha, vamos incluir a Bahia...” E parece que teve um outro, se eu não me engano do Pará. Aí ficaram, parece, 14 laboratórios. Isso, isso... dividiu mais um pouco os recursos, diminuiu para os que já tinha pouco. Mas é, foi uma boa ajuda, melhorou muito. O Hospital das Clínicas em São Paulo teve uma boa melhora também...

FD - O laboratório deles lá, farmacológicos.

DF - É. De... de medicamentos, né? Do Hospital das Clínicas.

TF - Sim, aí como é que foi a passagem então depois do...

DF - Bom, aí então...

TF - Fala, (inaudível).

FD - Deixa eu falar uma coisinha antes só. O senhor não acha que o senhor foi ético demais nesse processo, ou o senhor acha que faltou ética por parte do grupo que entrou na reitoria na época da sua sucessão?

DF - Como assim?

FD - O senhor não acha que o senhor ao não influenciar um nome da lista tríplice que o senhor apresentou, foi ético demais, ou o senhor não ...

DF - Ah, é... eu não sei se foi demais. E fui inclusive criticado por isso, né? Eu deveria... os meus amigos: “Não, Delby, você deveria ter pressionado...” Eu não tinha motivo, ou melhor, eu não tinha... é, razões nem força para pressionar ninguém. Eu estava diante de um reitor, opositor a mim, né? Eu não votei nele, eu disse a ele. Ele me fez uma visita cordial no LTF, ele e os amigos dele, me pediu voto e eu disse que não votaria, não podia votar nele. E disse os motivos, né? Então o que quer que fosse eu não tinha motivo para pedir nada a esse reitor. Eu achei que ele foi muito ético também, foi muito, foi muito.... cordato com os meus colegas que foram lá dizer a ele: “Olha, se quer que o laboratório continue, aproveite enquanto o professor Delby está por aí e converse com ele.” E ele atendeu isso e me convidou para ir lá, etc, e eu fui, já aposentado, né? E dei essas indicações. Então eu acho que eu, até por força das circunstâncias, eu fui ético, muito ético. Eu acho que a minha tática não foi, não foi exagerada, a meu ver. Não foi exagerada, não foi ética demais. Mas... eu fiz o que pude. Agora, não cabia a mim pressioná-los porque eu podia inclusive, se eu tivesse pressionado: “Não, tem que ser esse aqui!” Ora, ele me disse que eu não indicasse um nome, porque aí seria é... uma imposição de um professor para com um reitor, né?! A prática, a praxe, é a lista tríplice ou sêxtupla, né? Então... eu fui, eu entendi o pedido dele e atendi o pedido dele. Dei os 3 nomes.

FD - E o senhor tinha plena confiança nos 3 quando o senhor indicou? Qualquer um dos 3...

DF - Tinha, tinha... Eu tinha certeza. Foi uma surpresa desagradável quando o... o... Reinaldo indicou o Ricardo para vice e se acercou não dos doutores, não dos professores que tinham cérebro, (inaudível). Ele não se acercou deles e se acercou dessa equipezinha do sindicato. Porque esse tinha o prestígio político do PT, do sindicato lá que agradava a... a... umas áreas de

lá, né? Então por isso eles passaram os 4 anos do doutorado, né? Mas estagnaram o laboratório, não cresceu o laboratório. Fizeram a reforma no prédio, tem uma série... terminou, tá terminando ainda, tá fazendo outras coisas. Mas agora, aí não, aí houve uma eleição, essa eleição foi diferente, a eleição é... foi dentro dos estatutos, aprovada anteriormente pelos estatutos, que a gente um estatuto, que nunca tinha sido... nunca tinha sido ainda aprovado pelo conselho universitário, né? Era um estatuto antigo, mas que nós nos regíamos por ele. Porque o consultor jurídico disse que ele não tinha erros... erros jurídicos e pronto, a gente ia mantendo com isso. A universidade não pressionava a gente, né? Então a gente ia nos regendo por esse, que a nossa congregação tinha aprovado, né, só não tinha recebido a aprovação do Conselho Universitário.

FD - Por quê?

DF - Porque o conselho universitário devolveu isso e depois que... ia haver uma outra reforma curricular na faculdade e o CONSEP, não foi o Conselho Universitário não, o CONSEP achou que só deveríamos fazer uma modificação no estatuto ou criar um estatuto oficial com essa reforma. Aí pronto. Lá vai 5 anos, não sei quantos para modificar as cadeiras de disciplinas, de não sei quê. E quando... e quando terminou isso, estava mais ou menos, não houve pressão da reitoria e nem nós nos... nos... despertamos para isso, né? A gente achava que time que está vencendo não se mexe, se está indo bem então vamos terminar assim.

TF - Então o que determinou, professor, quer dizer, como é que foi a correlação de forças na gestão do Reinaldo para que esse estatuto fosse revisto?

DF - Esse estatuto foi aprovado já no fim da coisa por uma pressão muito grande dos professores.

TF - Do próprio laboratório.

DF - Do próprio laboratório. Eles pressionaram, cercaram fileiras e disseram: “Ou é isso ou nós não aceitamos e...”

TF - Caracterizava é... uma certa... – como é que eu vou dizer...

FD - Oposição.

TF - ...oposição ao reitor.

DF - Oposição ao Reinaldo. Exatamente. Não, ao Reinaldo, ele trabalhou (ruído) com a oposição e o corpo docente, né? Com exceção de uns 2 ou 3, né? Mas ele não trabalhou. Ele não queria conversa com o corpo docente! Ele não chamava o corpo docente. Ele fazia as reuniões de diretoria dele era com os técnicos... e o vice que era um farmacêutico técnico. Era (inaudível), não era um professor, né? Ele era um farmacêutico na área de controle biológico, mas como farmacêutico só, não era professor.

TF - E o senhor não teve interesse, quando se aposentou, em permanecer na universidade com cargo comissionado ou uma bolsa do CNPq, alguma coisa assim?

DF - Olha, quando eu terminei, eu fui convidado... – Isso foi uma coisa muito boa. – ...fui convidado pelo governo de Tocantins para ir para lá. Montar um laboratório lá. E isso o Linaldo, e isso foi através do Linaldo, porque eu não conhecia o povo de Tocantins, né, como é que eu ser convidado? Mas eles lá conversando numa reunião, e acharam que o que deveria lá ter de início era um laboratório desses que pudesse suprir as necessidades locais, de um Estado novo que não tinha nada na área da Saúde, entendeu? Pois bem, ele me chamou e me deu carta branca e isso foi uma coisa muito boa. E aquilo, e aquilo, Tania, foi a minha salvação, sabe? Porque se eu tivesse me aposentado e ficado aqui, eu tinha enlouquecido. Porque eu amava aquele laboratório e amo, como à minha mulher, meus filhos, minha família. Eu... eu... a prioridade em trabalho sempre foi minha, sempre foi o LTF. E eu dizia: “Minha filha, me ajude porque... se o LTF está bem, eu estou bem na minha profissão, nós na família estamos bem! E se eu não tiver, nós... a família também não está, né?” Então a gente... e ela sempre foi de uma... de uma... correção, uma fidelidade fantástica ao marido que depois de casado, já com filhos... só um, o mais novo, que ainda não tinha nascido ainda, ela estava grávida, passei um ano em São Paulo fazendo a minha especialização e ela agüentou tudo aqui sozinha, né? E eu fui para lá, no fim do ano é que ela foi para me dar... me dar apoio naquele fim, naquele mês e a gente fazia uma turnezinha, um passeiozinho... Mas eu tive, o que eu fiz foi porque eu tive uma mulher muito bacana.

TF - Aí Tocantins...?

DF - Sim, aí Tocantins, eu fui logo quando eu comecei aí me botaram logo para eu dirigir o Centro de Educação Tecnológica. Eu organizei...

TF - O senhor dirigiu ou o senhor organizou e depois dirigiu?

DF - Não, lá eu... já existia o Centro de Educação Tecnológica, e eu organizei a parte... a integração da universidade lá de Tocantins com as empresas, com as micro-empresas, micro, médias e pequenas empresas de lá. É tanto que eu deixei no Centro, uma série de... 68 empresas. Tudo recebendo tecnologia, recebendo *know how* da universidade.

TF - Esse Centro de Educação já era uma pré-universidade? Como é que era?

DF - Não, é da universidade. Era como fosse, lá esse Centro de Educação...

TF - Ham! Então já tinha uma universidade...

DF - Já tinha uma universidade! O Linaldo era um dos consultores dessa universidade, né? E...

TF - Com quantas faculdades dentro dela?

DF - Tinha 11 campus. 11 campus. Aqui nós temos 7. Lá existiam 11. E tudo muito distante, né? É tanto que tinha umas duas lá que para eu visitar tinha que ir de avião. O... o governo lá tinha uns aviõezinhos pequenos dele. E eu tive que ir várias vezes de avião. Um medo danado daqueles aviõezinhos cair por aí, não sabe?! Pois bem, e quando foi logo antes de terminar o primeiro ano, eles me chamaram para reitoria, para eu ficar na reitoria. Aí eu fiquei como

reitor... Mas eu só aceitei ficar por lá 2 anos. Porque a minha mulher não foi e eu lá sozinho na minha idade, para viver em hotel e tudo. Viajava muito para cá, para vir visitar, etc. Mas foi uma experiência que se eu tivesse menos idade teria ficado.

TF - E o senhor montou lá um laboratório no estilo do LTF?

DF - Não chegou a montar porque o laboratório, o novo governo que assumiu, não é, mudou o governo, o governo que assumiu era inimigo do outro, achou que esse, aquilo... quem ia aparecer era outro... E essas coisas de governo, né? Lamentavelmente. Mas estava uma coisa linda, muito melhor que o nosso aqui! Então lá...

TF - Está hoje?

DF - Não, não chegaram a terminar. Estão transformando em outras coisas, né? Em cursos... salas de aula...

TF - Mas então ele terminou, o laboratório não terminou?

DF - Não. Não chegou a terminar não. Então, eles fizeram o negócio... Me disse o Linaldo que acha que até o governador que estava quando nós fomos, ele provavelmente vai voltar, será ele o próximo governador. E ele talvez queira...

FD - Quem é o ... Siqueira Campos?

DF - Não, atualmente é o Siqueira Campos. É, foi quem assumiu no lugar do outro que era... – Como é nome dele?... Médico. Sujeito bom de danado....

FD - É o primeiro governador de Tocantins.

DF - É. O primeiro governador foi Siqueira Campos!

FD - Ah, sim! (inaudível).

DF - Porque ele era da casa de Goiás, né, e foi ele quem fez, lutou...

FD - Quem levou à frente a (inaudível)...

DF - E por isso ele foi eleito. Por isso o povo... Mas diz que ele era um desses de mandar dar surra no meio da rua... as peleja, os inimigos dele... Um sujeito muito temperamental, né? Eh... e esse outro era... Etelvino, não... – Como é meu Deus? – Esse era um *gentleman*, é um sujeito de uma educação fina... Aí pronto, pode ser que ele...

TF - Mas você chegou a ser reitor lá.

DF - Fui reitor lá.

TF - Por quanto tempo o senhor foi reitor?

DF - É... um ano, um ano e pouco, né? E... e... fiz então lá na reitoria, eu fui me preocupar com o cérebro. A universidade que não tinha cérebro, eu contratei professores estrangeiros como fiz aqui, eu contratei cubanos, né?

TF - Por que cubanos?

DF - E russos. Olha, o cubano muito apto de trabalhar e pouco apto de ganhar dinheiro, né? Aí eu contratei, lá em Tocantins eles trabalhavam muito menos do que lá em Cuba e ganhavam 10 vezes mais do que em Cuba, né? Ganhavam, eles muito satisfeitos, não sabe? trabalhavam pelos cotovelos! Embora não tivessem aqueles... os olhos grandes do governo de Cuba, que ali é tudo vigiado, né? Mas eu fiz grandes amizades lá. Graças a Deus! Organizamos um curso de... Engenharia, Engenharia... química. E essa Engenharia Química, ela hoje...

FD - É uma referência.

DF - Tá! É uma referência. A Cuba, nós temos um curso de Designer, espetacular, né? Eu levei professores aqui de Campina Grande, tudo mestre em Designer, né? O curso de processamento de dados... Então, lá nos tínhamos inclusive a Empresa Júnior, de processamento de dados, informática. Empresa júnior. Muito boa por sinal! E essas empresas que a gente tinha lá de... empresas de iniciativa privada, de marcenarias, é... laticínios... uns 4 ou 5 centros de laticínios, né, cooperativas de leite e derivados. É... nós tínhamos um setor de alimentos muito bom. Fizemos um curso de Alimentos. Eu levei professores do IPT [Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior da Paraíba] de São Paulo. Quer dizer, a gente tinha uma facilidade, contava muito com o apoio do CNPq, do MEC. E eu sei que...

FD - O senhor teve que fazer política para ser reitor lá?

DF - Não! Pelo contrário! Eu pensei em pedir para pensar se aceitava. Eu nunca quis... Olhe, política, eu sou político porque sou cidadão e todo cidadão é político, mas eu não gosto da política partidária, da... Eu acho que todos esses presidentes de República, senadores, devia ser tudo gente escolhida de dedo e eles sem ganhar nada. Eles serem para trabalhar pelo país. Não tem essa história do sujeito então fazer carreira... fazer profissão com a política que é para o povo escolher gente que tenha capacidade... Um Ermírio de Moraes e outros tantos que tem! O Brasil tem muitos, tem gente muito boa...para botar nessas funções. E eu não sou apologista da política, fazer política para ser eleito. Se é o meu trabalho que estou fazendo, se for visto e servir para uma comunidade, convoque, chame, diga que (inaudível), vamos fazer. Mas eu não vou pedir voto, não gosto disso não.

FD - E foi assim que o senhor foi indicado para reitor? Como é que foi essa indicação?

DF - Foi o... os professores. O reitor (inaudível) que estava lá antes de mim, era um elemento, Laurentino ... – Não sei se vocês conhecem, do CNPq. – ... mas ele tinha ido lá provisoriamente enquanto, né, ... Aí o CNPq apertou lá, chamou ele. Aí os professores e os alunos foram ao reitor, foram ao governador. Envolveram o Linaldo, Linaldo veio a mim me consultar, eu disse: “Não, não quero isso não!” Ao próprio Laurentino eu disse que não queria. Mas aí eles me convenceram. É tanto que eu... eu tinha uma bolsa quando eu fui para lá, o CNPq me deu uma

bolsa. E quando eu fui para... assumir a reitoria, a minha primeira... entrevista que eu fiz com o pessoal do departamento pessoal de lá, da incipiente universidade, a reitoria, né? Eu... eu disse: “Olhe, eu não quero um centavo de... salário aqui de reitor. Eu sou bolsista do CNPq e como bolsista do CNPq eu quero dar minha contribuição na reitoria.” “Mas professor, não pode...” Aí foi preciso uma consulta aos consultores lá do governo saber como é que eu ficava sem ter o salário, não sabe? Foi assim.

FD - E o senhor ficou sem salário.

DF - Sem salário lá! É! Eu acho que, e é isso que eu acho que deveria ser muita gente. Só que eu sou pobre! Mas os “Ermírios” de Moraes da vida são ricos! Esses é que não precisavam ter salário, entendeu?

TF - Diga, mas então a Universidade de Tocantins ela era estadual. Ela foi federalizada, não?

DF - Ela é estadual e segundo...

TF - Ela continua sendo estadual.

DF - Hein?

TF - Continua sendo estadual.

DF - Continua sendo. Só que... esse, o Siqueira Campos, está privatizando, lentamente. E lamentavelmente. Porque essa universidade foi construída para não ser federalizada. Ela ser... servir como a USP, a UNICAMP. Elas nasceram para desenvolver o Estado de São Paulo. E o Estado de São Paulo é de fato um Estado desenvolvido. Então, tudo isso nós dissemos lá e Linaldo confirmava isso com eles, não sabe? E pronto. Fechou, tá lá no estatuto: “Não se federaliza a UNITINS!” A UNITINS é...

TF - Me diga o seguinte...

DF - ... é para ser estadual para desenvolver o Estado. Mas...

TF - Mas está sendo privatizada. Mas o senhor falou no início que foi para lá e fez uma relação, travou uma relação com 68 empresas.

DF - Empresas. É.

TF - Como é que era essa questão?

DF - Essas empresas aí, elas tinham... elas tinham é... uma tecnologia a mais artesanal...

TF - Empresas de quê? Que empresas?

DF - Ah, de cerâmicas, muitas de cerâmicas, de madeiras, de marcenarias, é... padarias...



TF - Manufaturas.

DF - Manufaturas, não sabe? Porque lá era o Estado começando, viu Tania? Então nós deixávamos essas empresas tudo com tecnologia lá em cima. Nós fizemos um convênio com o PAP [Programa de Aperfeiçoamento Profissional], eu não sei se vocês conhecem. É com a FINEP [Financiadora de Estudos e Projetos.], FINEP, SEBRAE [Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas] e a UNITINS. E nós fazíamos esse convênio com o PAP. E o PAP me dava dinheiro sem retorno, a fundo perdido, para eu trazer os técnicos de onde tivesse. Por exemplo: eu queria um para secagem de madeira, porque lá a madeira é...

FD - Encharcada.

DF - Não é? E... e é uma região rica em madeira. O Norte é muito rico em madeira... E pronto. Então a secagem de madeira. Quem é pode dar um curso de secagem de madeira? Ninguém. Então nós convidamos um técnico do INPA [Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia] de Manaus, um professor, doutor em madeira e trouxemos ele. Passou dois meses lá, pagos: passagens, diárias, estadia, jetom... E ele dava as aulas, ele dava as aulas gerais e depois ia para sua marcenaria, para sua madeireira, para...para fazer lá com o seu operário. Quer dizer, a turma ficou... os de cerâmica eles usavam, em vez de usar a... a matéria-prima que fazia a telha, o tijolo, etc, a melhor que eles tinham lá, eles não sabiam, eles usavam exatamente a pior. Né? Aí o técnico de cerâmica veio da UNICAMP, né, do IPT, do IPT. Então veio, mostrou que aquilo... e provava, não sabe? Ele fazia e... Melhorou todas aquelas cerâmicas de lá, aquelas olarias que se chama, né? Então a gente deu uns passos, porque aquilo ali, se ele melhora de vida, ele vai recolher mais impostos, o Estado passa... Não é isso mesmo? E passa a fazia as cooperativas. As cooperativas de leite, de laticínios...Ah, nós entramos de cheio nesse negócio! Eu tinha lá doutores que, um desses doutores, João... doutor João... foi do IPT. Ele se aposentou e eu bati lá com a proposta nossa, né? E ele foi para lá. Ainda está lá! Foi ele que ficou no meu lugar lá no Centro de Educação Tecnológica. Né? Então, eu acho que é por aí, se a gente não puder fazer assim, é melhor a gente não pegar na (inaudível), não é?

FD - Doutor Delby, então eu queria voltar um pouquinho...

DF - Volte.

FD - ...à sua saída da universidade. Quer dizer, que o senhor quando se aposentou, o senhor não tinha perspectiva de continuar no laboratório com uma bolsa... ou um recontrato...

DF - Não, não tinha não. Sabe por quê, Fernando? Eu, além do mais... eu não tenho... eu não queria ficar lá aposentado atrapalhando. Porque aquele povo, aquela equipe que nunca, não tinha rodízio na equipe, que nunca viu outra autoridade lá, embora essa autoridade fosse um amigo deles... Então ficar Delby ali dando ordens ainda, ou censurando, criticando A ou B. Eu achei fundamental esse convite para eu ir trabalhar em Tocantins. Porque só assim eu fiquei logo dois anos ausente dali, né? Aí pronto, eles se acostumaram sem me ver e eu sem vê-los. Quando eu voltei, ou sempre que eu vinha aqui eu ia lá fazer uma visita (inaudível).

TF - (ruído) (inaudível)

FD - Como é o seu vínculo com o LTF hoje?

DF - Ah! É afetivo, né? É um vínculo...

FD - O senhor não colabora em pesquisa, o senhor não palpita assim (inaudível)...

DF - Não...! Eu hoje, eu hoje disse, quando Tania me telefonou do Rio, eu disse: “Olha, eu tô fora...” Ou foi com a Gilda que eu...? É Gilda é?

TF - Foi Gilda quem ligou.

DF - Gilda, né? Eu disse: “Eu tô fora. O que é que eu posso ajudar vocês nessa entrevista?” “Não, a gente quer isso mesmo, a doutora Tânia vai conversar com o senhor ...” “Tá bom.” Mas a gente saiu e eu hoje eu crio boi. Eu hoje planto fruto, eu faço fruticultura.

FD - O senhor voltou ao que o senhor gostava...

DF - À minha origem, ao que eu gostava. Interessante, né, isso, as origens, não sabe? Meu irmão achou de vender essa área. Augusta tinha uma fazenda, pequena, 250 hectares mais ou menos, que o pai dela... herdou do pai dela. E a gente disse: “Bom, antes que os ‘sem-terra’ cheguem, vamos chegar lá e ... vamos fazer isso.” (risos) Aí pronto, vim e comprei essa areazinha na cidade... E eu adoro isso! Vou para lá sexta-feira! Vou ficar o mês de abril, talvez até meados de maio. Vou ficar lá, vou fazer umas reformas, a casa é uma casa bem agradável, toda (inaudível)... tem muitos coqueiros, tudo ali ao redor, quase que da área a gente tira as frutas da... Uma beleza!

FD - Essa é a fazenda que a sua esposa herdou.

DF - Não. Essa é a fazenda que eu comprei ao meu irmão. Um pedaço de 4 hectares, dentro da cidade.

FD - Que cidade?

DF - Caraúbas.

FD - E a fazenda do seu pai?

DF - Era lá em Caraúbas.

FD - Sim, mas...

DF - Não, mas isso aí foi... na herança. Bom, papai, uma das coisas que ele dizia para todos nós, que... dizia para gente levar a sério isso: “Olha, meus filhos, eu não quero deixar um palmo de terra para vocês.” Papai chegou a ter lá umas 8 propriedades, tinha muito gado. Mas ele tinha muito aborrecimento com terra. Então ele: “Eu não quero deixar isso para vocês. Isso é briga, é... Eu quero deixar é educação. Eu quero que vocês façam seu curso. E por isso que ele tinha desgosto comigo porque eu não queria estudar. E morreu um ano antes de eu terminar o meu

curso, né? Isso eu... lamento muito. Porque ele teria dado... (interrupção da fita)

### Fita 5 – Lado A

TF - Entrevista com o professor Delby Fernandes. Fita número 5. Dia 27 do 3 de 98.

FD - E o seu pai antes de falecer ele se desfez das propriedades.

DF - Não de todas, mas de quase todas. O meu pai teve 12 filhos e criou mais 7, mais 6 adotivos. Éramos 18. Né? Morreu um, logo pequenininho, ficamos 17. Era muita gente. Tinha muita despesa com educação, com os filhos e os sobrinhos que ficavam lá, era uma casa, um quarteirão. Eram 9 quartos enormes, em cada quarto cabiam 5, 6 pessoas. Porque era um quarto... daquela garagem. Para cá era um quarto enorme. E... e é tanto que hoje a casa é o fórum da cidade, da Justiça. Isso é... cheia de cartório, cheia de coisa...

FD - E essa casa era na cidade, não era na sede da fazenda.

DF - Não. Nunca, nunca a família do meu pai dormiu na fazenda.

FD - Por quê?

DF - Pois é. Ele não queria porque ele dizia que não era o ambiente que ele queria que a gente ficasse, né? Então ele não permitia que fosse para dormir. Vamos para lá mas de noite volta, né?

TF - Era perto?

DF - Era perto, né? E nessa época, eu era menino, não tinha carro, né? Era raro carro. Era a cavalo. Então a gente tinha bons cavalos, né? Aí eu me entusiasmei com cavalo. Mas eu não perdi nada do que aprendi como vaqueiro. Eu gostei muito, e hoje, que coisa boa, ver, pensar, imaginar que.... voltar àquele tempo. Aí eu digo aos meus netos: “Olhe o vovô aqui...” Aí mostro fotografias. Era o único vaqueiro de óculos. Vaqueiro todo encorado, aquela roupa... – Não sei se vocês já viram vaqueiro encorado, né?

FD - Hum, hum, era o vaqueiro típico do Nordeste.

DF - Nordeste, é. O chapéu de couro e de óculos. Porque desde menino que eu uso óculos. Ia arrebanhar o gado de óculos e quantas vezes eu perdi os óculos no mato, enganchado com... Pois é, mas eu não disse uma coisa a vocês da... da... não sei se vocês viram também o ocorrido, pode até ter visto. Uma das homenagens que eu recebi aqui, de um dos estrangeiros, professor Bacachari, foi isso: ele publicou... ele, uma das teses que ele orientou era da *monieria trifolia* e ele isolou a compostos inéditos, não conhecidos nenhum, da monieria, dessa planta. E ele então, como era *monieria trifolia*, ele botou o nome de um dos alcalóides de: ‘montrim folini’. Montrim folini que vem da *monieria trifolia*. E o outro alcalóide ele botou Delby, (risos) em homenagem a mim. E isso já está... foi logo no outro ano quando ele publicou (inaudível). Isso

o “*Chimical Abstrat*” que é um dicionário internacional de produtos químicos, não é? Inéditos, no outro ano já na separata do “*Chimical Abstrat*”, já vinha o Delby né lá, né, um produto. Eu achei isso muito bom! Eu Delby fiquei orgulhoso! Agora, eu ontem vendo lá um negócio, aí vi aqui a (inaudível), a revista, aí eu disse: “Eu vou mostrar à Tanita e Fernando.” Então, eu passei – graças a Deus – uma vida muito gostosa, muito boa. Aborrecimentos, muita luta. Mas toda essa luta foi... foi boa. (inaudível) coração. Como eu acho que deve ser (inaudível). Mas a sua lista aí é grande. Diga. (risos)

TF - Doutor Delby, eu estava falando o seguinte: eu não me recordo do (inaudível) (ruído) queria que o senhor falasse do projeto de plantas com a CEME.

DF - Olha a CEME, a CEME nós fizemos uns dois projetos e tínhamos recursos a fundo perdido, a fundo perdido. E esses projetos foram de fato, um deles foi positivo, né, e o outro não. Porque pesquisa, ninguém pode pesquisar dizendo que...

FD - É da CEME?

DF - É. A cidreira, né, ou capim ci... cidreira mesmo, como se diz...

FD - Capim santo.

DF - Santo. E aquela, aquela outra... Pois bem, o professor Thomas é que estudou isso. Era farmacologista e ele foi quem estudou isso. Mas a CEME fez inclusive um concurso, não sei quê. E quando terminou, eu acho que isso está lá na CEME como resultado positivo desse trabalho nosso. Mas é tão pequeno! É como... é como...

Augusta - (inaudível)

DF - Bota aqui no chão mesmo. A... trabalhar Farmacologia, Fernando, é lento demais. É lento demais. Então esses produtos já vêm sendo trabalhados, já vêm sendo colocados à venda, independente dos estudos farmacológicos. Porque os testes em animais deram positivo, né? E do Paraná até Manaus eu acho que se vende isso. Mas é...

FD - E isso é um conhecimento popular!

DF - Popular!

FD - Foi comprovado cientificamente.

DF - Cientificamente. Exatamente. Então, e eles tão lá não foi pelo conhecimento científico, eles tão lá pelo comércio, né, por causa do conhecimento popular. E por isso, os Zeferinos e etc, essa turma aí dos fitoterápicos, vão trabalhando com isso e vão produzindo os extratos, né? Então a gente... agora o LTF [Laboratório de Tecnologia Farmacêutica] mesmo, ele não... não tinha como objetivo produzir o produto sem as informações. Linaldo Cavalcante que é meu amigo particular, ele quis muito que a gente fizesse isso. Eu disse: “Não Linaldo, nós não vamos fazer isso, porque...”

FD - Fazer o quê?

DF - Fazer, transformar num produto terminal, num produto... um fitoterápico mesmo já para... sem que as comprovações farmacológicas, terapêuticas, estivessem absolutamente comprovadas, né, nós não fazíamos. E como nós não tínhamos condições de comprovar isso, não tivemos, demorava muito, então... Nunca tivemos um produto assim. Nós tivemos a ecogenina de cisal, aí isolamos a ecogenina de cisal. E isolamos a diogenina do inhame. Diogenina do inhame é um produto para síntese de hormônios esteroidais, não é? Corticosteróides, hormônios sexuais, anovulatórios. Então, nós isolamos isso, purificamos isso. Deu tese de mestrado. Então esse a gente tinha comprovado, mas barrou a produção... com a produção. Aquilo da goma do cajueiro esbarra. Porque na hora de dizer vamos produzir para produzir, né, aí a gente não tem condições.

FD - Por quê?

DF - Não tem condições porque... as... a estrutura que se precisa para se fazer essa produção em escala, pelo menos semi-industrial, nós não temos como montar uma fábrica disso! Quem pode é a Merck para utilizar aquela do... lá do Maranhão, né, bilocarpina, né? Então aquilo ali sim. Mas esse laboratório de universidade, nós nos damos por satisfeitos quando temos um espectrômetro de massa, uma ressonância nuclear magnética para determinar as estruturas químicas dos compostos. Então isso, isso... Virgi! Isso é uma alegria muito grande, quando chega um pesquisador, chega corretamente à estrutura desse composto. A indústria é quem tem de fazer isso, né, essa outra parte... .. A nossa experiência com a Rhodya foi frustrada, porque ali nós poderíamos ter iniciado, desencadeado um processo não só para aquele produto, mas com aquele produto nós iríamos ter inclusive experiência. Saber até aonde nós poderíamos chegar com uma multinacional dessa, não é isso? Então, nós fomos... nós fomos... – Ô minha filha, pega aqui. – nós fomos tolhidos na base por conta dos... – você já preencheu? – e... e... o fato é que é difícil sair um produto. É tanto que uma indústria, indústria farmacêutica mesmo, farmacêutica, não bota no comércio um produto em menos de 10 anos. 8, 10 anos. 8 anos quando é um produto mais simples...

TF - Mas o senhor não acha que a CEME deveria ter bancado isso (inaudível)?

DF - Podia, devia, devia! Mas não bancou.

DF - E... E quem sabe?! A política da CEME. A CEME, ela entrou nessa de apoiar a pesquisa farmacológica, já no fim quando estavam fechando a CEME! Mas antes ela não queria saber de outra coisa senão comprar medicamentos. Às multinacionais e às indústrias nacionais para repassar para Secretaria de Saúde.

TF - Ela envelopava.

DF - Ela envelopava, entendeu?

TF - (inaudível).

FD - Mas o Projeto Flora que a Tânia falou, ele é um projeto que foi bancado... – o senhor

conhece o Projeto Flora? O senhor conheceu? – projeto bancado pela CEME e pelo CNPq, que é do começo da década de 80. Ele é um pouco posterior à criação do LTF.

DF - À criação. Mas você sabe que ela nunca desenvolveu esse projeto. A CEME mesmo. O CNPq apoiou, apoiou o Projeto Flora. A FINEP aprovou o Projeto Flora. Nós tivemos um projeto... “Plantas medicinais do Nordeste como fonte de medicamentos”, esse projeto nós renovamos ele duas vezes. Fizemos até uma terceira vez. Vimos primeiro e mais duas vezes. Tudo financiado pela FINEP. A última vez, a FINEP, eu prestei contas, mandei relatório, tudinho e o doutor ... Chagas, Wilson Chagas<sup>6</sup> – Conheceu o Wilson? Conhece?

FD - Não.

DF - Doutor Wilson Chagas era um dos diretores. Eram três diretores lá, de cada área. O diretor Wilson Chagas me perguntou: “Professor, não vai renovar o seu projeto?” Eu disse: “Vou. Mas eu queria renovar esse projeto, doutor Wilson, convidando o senhor aqui e outros técnicos aqui da FINEP, para nos visitar e saber o que nós fizemos nesses... com o recurso desses dois projetos. Se os senhores acharem que nós estamos indo bem, se aquilo valeu, se aquilo era o que a FINEP esperava, então nós fazemos o outro projeto, pedindo a renovação e... Se os senhores disserem que não, não vamos fazer o projeto. Vamos pedir outra coisa.” “Ah, Delby, muito bem...”

TF - Mas aí era só da FINEP, não tinha a CEME no meio.

DF - Não, esse não. A CEME apoiava! Sabe o quê que entrou nisso aí? A CEME entrou nele. Como era um projeto, esse projeto não era de propriedade da FINEP, nem da CEME, nem do CNPq. Era um projeto nacional, né, Projeto Flora, com o apoio de todos esses órgãos. Então a CEME era solicitada a dar parecer na aprovação do projeto.

FD - Só?

DF - Só.

TF - E isso na Flora que o senhor está dizendo.

DF - Na Flora! Na Flora! Projeto Flora!

FD - Participação da CEME era essa.

DF - Era!

TF - Mas ele não financiava?

DF - Ultimamente já estava começando...

TF - Ultimamente quando?

---

<sup>6</sup> Wilson Chagas de Araújo. Atualmente é diretor do Instituto de Biociências da Universidade do Grande Rio (Unigranrio).

DF - Assim... quando já estava perto de fechar as portas. Era com Cyrene já. Você conheceu a Cyrene?

TF - Não.

DF - Era muito bom você conversar com a Cyrene. A Cyrene não tá mais porque fecharam a CEME, né? A Cyrene conhece bem o problema da... Pois bem, então a gente nunca usufruiu um dinheiro muito bom assim da CEME para pesquisa. Coisas... pequenas.

FD - Mas o Projeto Flora, ele rendeu resultados...

DF - Rendeu.

FD - Expressivos. Foi feito um enorme Banco de Dados sobre a flora brasileira.

DF - Olhe, eu ... no que pese os “senões” do Banco de Dados, eu acho que foi a única ou uma das únicas coisas boas que ficou com o Projeto Flora foi o Banco de dados de fato.

FD - E tá onde esse banco de Dados?

DF - Quem sabe?! ... Por isso que eu digo: os “senões” são esses! Viu? São esses. Que alguém se... (ruído)

TF e FD - Se?

DF - Ah, sumiu, sei lá... essa coisa... Que eu não sei quem é!

TF - O projeto sumiu é isso?

DF - É...! O Banco de Dados estava em Fortaleza, estava lá com o Matos, né? Depois estava, o Banco de Dados estava no Rio de Janeiro, na URJ, né? Como é?

FD - UFRJ.

DF - UFRJ. É... Tinha Banco de Dados lá também...

TF - Aonde da UFRJ?

DF - Não, não!...

TF - Da farmacologia? No NPPN?

DF - No NPPN, né, lá, né?

FD - No Emílio Goeldi...

DF - Emílio Goeldi... No Pará...

FD - Mas isso era o quê? Eles, cada lugar desse concentrava um pedaço...?

DF - Um pedaço, é.

FD - Nunca (inaudível)...

DF - Mas isso... Pois é isso! Isso era para ser, por exemplo, ficar na FINEP ou ficar na CEME, ficar... Né? Devia ter sido... Eu me encarregava, por exemplo, das leguminosas. Então eu fazia um estudo bonito sobre as leguminosas, um banco de dados bonito sobre as leguminosas. Outro fazia sobre as (inaudível). Outro fazia sobre não sei quê... Entendeu? E aquilo, alguém, um órgão desses, ia e botava num computador. Hoje, que ficou muito disseminada a parte de informática, eu acho que esse projeto hoje, daria, teria dado muito mais resultado. Porque naquela época todos nós tínhamos muita dificuldade, inclusive em conseguir um equipamento, um... um computador.

FD - Nem se tinha computador de pequeno porte.

DF - Nem se tinha. Pois é, pois é. Então isso era feito...

TF - Então... a Flora não foi informatizada. Ou chegou a ser?

DF - Não... Acho que não. Eu perdi de vista isso, né? Então...

FD - O senhor chegou a trabalhar com o Projeto Flora?

DF - Não. Fizemos alguma coisa para o Projeto, mas não tivemos.

TF - Mas aqui na Paraíba estaria aonde então? Então não estava na Paraíba.

DF - Não estava na Paraíba. Era em Fortaleza. Acho que era em Fortaleza que estava.

FD - O Nordeste estava centralizado mais com o Matos.

DF - É, mais em Fortaleza com o Matos, é.

TF - E com o senhor teria ficado o...

DF - O Matos, o Afrânio, né?

TF - O senhor deu exemplo das leguminosas, isso era um exemplo fictício ou era isso?

DF - Fictício, fictício.

TF - O que é que tinha ficado com vocês então na Paraíba, de fazer?



DF - Não, a gente nunca pegou nenhuma família... para trabalhar aqui não. Nós não tivemos o Projeto Flora como tal.

TF - Mas qual foi a sua colaboração com o Projeto Flora? Ou não...

DF - Aquelas plantas que a gente tinha trabalhado, que nós arrolamos, fizemos uma relação com todos os dados, para o Banco de Dados e mandamos para... – não sei se o que nós mandamos... – eu acho que nós mandamos para CEME mesmo. Foi num dos relatórios nossos.

FD - Isso era tudo feito dessa forma. Quer dizer, um pesquisador ou um centro de pesquisa desses, escolhia uma família, trabalhava essa família... Colocava isso em relatório e mandava para um órgão desses: CEME ou CNPq ou FINEP.

DF - É. Esses. É, mandava para o órgão que tinha financiado o projeto dela. Que às vezes era a FINEP. Às vezes o CNPq, às vezes era a CAPES.

FD - Num relatório escrito.

DF - Escrito. Exatamente.

FD -E com esses resultados...

DF - Com esses resultados, é.

FD - ...o que teria o Banco de Dados...

DF - ...Dados seria isso.

FD - ...primeiro estava escrito.

DF - Como nós não tivemos assim, nenhum projeto, que me, eu Tania ... que eu tenha conhecimento, nenhum projeto específico para o Projeto Flora. Aqui uma pessoa que também podia falar, falar com vocês, mas ela não está aqui. Era a Fátima Agra.

TF - Fátima o quê? Aga.

FD e DF - Agra.

TF - Agra.

DF - Ela é a pessoa de... Ela tá fazendo doutorado no Rio, né? E... Fátima, ela conhece melhor o problema do Projeto Flora do que eu.

FD - Por que ela estava envolvida no projeto?

DF - Sim, porque ela era botânica, ela é farmacêutica, mas trabalhava com sistemática vegetal. E como tal, a equipe de sistemática, os botânicos etc... pedia a... a colaboração dela naquilo que

ela tinha. Ela tem um herbário feito, no LTF mesmo, toda... tudo que nós trabalhávamos que eu acho que hoje sobe a mil plantas, ela tem tudo (inaudível), né. E com cópia no outro...no... com cópia no... (inaudível), no... no Herbário Geral da universidade. Nós temos no LTF e temos no Herbário Geral da universidade. E Fátima levou muito também, muito mesmo para o Rio para o Museu Nacional, né? Muita coisa para lá. Então o Projeto Flora foi um projeto muito dirigido para os botânicos, para essa área....

TF - De identificação de plantas, não é isso?

DF - De plantas. Exatamente. Identificação e... selecionar as plantas, principalmente as medicinais, não é?

TF - Então tinha uma prioridade no Flora para as plantas medicinais.

DF - Para as plantas medicinais

TF - Tá. Tinha uma prioridade ou era uma...?

DF - Tóxicas, tóxicas e medicinais, né?

TF - Tinha uma prioridade ou era direcionada, sobre isso?

DF - Não... não era... uma coisa rigorosa, mas era pedido que as plantas medicinais não deixassem de fora, né?

TF - Então a perspectiva do Flora seria identificar todas as plantas brasileiras, seria isso?

DF - Brasileiras, é! Um projeto bonito. E outra coisa, com ele, com esse Banco de Dados informatizado, tudo direitinho... Ah! Eu vou... classificar uma planta, eu vou puxar aqui e me dava o que é tudo... Porque olhe, o que é uma das coisas difíceis para gente, é trabalhar com uma planta que eu não sei qual é a planta, não é? Teve um senhor aqui que trouxe uma planta, riquíssima em alcalóides, flavonóides. Riquíssima. O Barbosa mesmo foi quem trabalhou com essa planta só que ele parou! Porque não sabe que planta é! Como é que eu vou perder tempo...

FD - Teria que fazer toda a sistemática da planta...

DF - Tudo!...

FD - ... para depois poder fazer o trabalho dele.

DF - Ele só pode fazer... Dele. Entendeu? É um trabalho que é dele que é, tudo bem, eu preciso mais de planta. "Que planta é?" Ah, o nome é esse, é... aroeira... aroeira branca, não era?...

Augusta - Não sei...

DF - Foi... a pessoa trouxe... Foi o irmão dela que trouxe lá de uma serra, Serra João do Vale, não, Serra... ali perto de Augusto Severo.

Augusta- É, ali é... João do Vale.

DF - João do Vale. Pois bem. Mas nunca mais ele conseguiu, nem a pessoa que trouxe para ele, levou um chá. Mas como ele se deu tão bem com esse chá, então leve, leve isso para estudar lá... Como se aquilo fosse, o estudo fosse... Não pode ser assim, sabe?!

FD - Doutor Delby, quer dizer que a Etnofarmacologia, quer dizer, que a Etnobotânica... Não, desculpe. Vou refazer a pergunta. A Etnofarmacologia sozinha, ela não ajuda vocês?

DF - É meio difícil.

FD - Só o conhecimento etnofarmacológico não adianta.

DF - É, não adianta. Ele tem que ser mais complexo, né? Porque eles podem trazer a planta, dizer que a planta tá sendo usada pelos índios, pelo caboclo, pelas famílias... e serve para câncer, serve para não sei o quê... Eu trabalhei no Hospital das Clínicas em São Paulo com o ipê roxo. Eu fiz litros e mais litros de tintura de ipê roxo para uns cancerosos em fase terminal do Hospital das Clínicas. Só que, pára aí, pára aí. Fez, uns curam, outros não curam, né? Cimino [José Sílvio Cimino], esse mesmo orientador, ele tinha uma oradeira e com câncer já em fase terminal, e os médicos disseram: “Cimino, faça o seguinte, leva a sua fulana lá para fazenda, leva um litro ou dois desse extrato do ipê que você está fazendo, mande ela tomar 3 vezes ao dia essa quantidade e vamos ver. Ela aqui, clinicamente, na medicina nós não temos mais o que fazer com ela mais. Vamos ver.” Cimino mandou ela para fazenda com ela, deu lá um jeito, ficou mandando... Com uns 3 ou 4 meses, sei lá, 6 meses, que Cimino foi na fazenda de novo, lá era um sítio que tinha, distante até de São Paulo, seriam uns 60 quilômetros, uns 70 quilômetros... Menos de 100 quilômetros. Mas Cimino foi lá um dia, quando chegou lá, aquela pessoa ou outras pessoas, uma varrendo... Aí Cimino procurou por dona fulana, não me lembro o nome dela, né? Aí o marido disse: “Tá ali! Olhe, aquela...” “Aquele que tá varrendo?” Porque ela não andava, absolutamente, não andava. “E é fulana?” “Dona fulana, venha cá!” Aí ela veio, conversar muito alegre, satisfeita. “Doutor eu nunca mais deixei de tomar aquilo. Eu estou, eu estou tomando agora, como o senhor disse que eu podia fazer, eu estou mandando buscar não sei aonde. E vou morrer tomando aquilo... o extrato.”

Augusta- Ficou boa?

DF - Bom, se morreu eu não sei, viu, Augusta? Porque eu perdi de vista. Eu vim embora, né? Mas Cimino me disse que ela estava desse jeito. Em fase terminal de câncer. Quer dizer, não é uma coisa extraordinária?

FD - Claro!

Augusta- Mas serve para uns, para outros não.

DF - É, para outros não.

FD - E isso não adianta para Farmacologia? Não vale à pena investir nisso...?

DF - Vale!

FD - ...Se serve para alguns...

DF - Mas Fernando, a Farmacologia, ela é muito... é muito, ela muito radical. A Farmacologia acha que ela não tem o direito de errar. Se ela diz que os princípios ativos dessa, da *bromélia sartorum* desse ácido básico é um hipoglicemiante... Ora, bolas! Ela não permite, ela não aceita que você venha dizer que ele não é e... Sabe, a Farmacologia é muito radical nisso. Então... tem que fazer, seguir todos aqueles trâmites, aí quando ela fizer tudo e passar em todos esses (inaudível). Então ninguém ainda pôde, porque se tivesse conseguido isso, o câncer estava já debelado, estava já resolvido o problema do câncer, né?

TF - Aí – Pegando uma carona na sua fala – eu tenho percebido que alguns, alguns cientistas, alguns profissionais nessa área, fazem uma distinção entre princípio ativo, né, princípio ativo isolado da planta, né, a ação dele e o próprio fitoterápico. Quer dizer, como é que num chá, numa infusão, né, enfim, um preparado da planta diretamente, né? Se comporta de uma maneira ao ser dado a um paciente e aí vocês suspeitam que seja uma substância “X” ... né, faz toda a estrutura, tudo bonitinho... isola ele, coloca num medicamento e nem sempre dá o resultado esperado, né?

DF - É.

TF - Como é que é essa conversa? Porque essa conversa ela é meio...

DF - Olha, isso aí é a grande...

TF - ...variada.

DF - é o grande problema... dos profissionais. É... o princípio ativo, você pega o extrato do ipê roxo e vai pesquisar qual é o princípio ativo que tá agindo na célula cancerosa. Então como é que ele faz isso? Ele faz uma cromatografia líquida de alta precisão. E essa cromatografia mostra numa coluna, “N” compostos existentes naquele extrato. Há extratos desses que têm 20 compostos. Aquele que sobressai, automaticamente o farmacologista vai buscar aquele que é o que mais... aqueles que estão em pequenas proporções eles vão esquecendo. Vão fazendo uma seleção por aqueles que a coluna subiu mais, etc. Não é? Então, eles têm que isolar o princípio ativo... por isso é que demora muitos anos, porque ele vai testar todos os princípios ativos que ele isolou ali. Olha, naquela planta Boa Noite, aquela rosinha, uma branquinha que tem, né? A *cantarantus rosios*, nome científico dela, a Boa Noite, já foi isolado dela, 102, 105... alcalóides, não é? Entre os últimos que foram isolados foi a... para leucemia, né? Foi a ... é ... gentamicina não ... não me lembro, mas eu me lembro daqui a pouco. Pois bem são dois alcalóides fortíssimos, extraídos, depois que já tinha se extraído 90 e tantos dessa planta, apareceu esse. Exatamente ainda hoje, são os únicos alcalóides... importantes na leucemia, né? Importantes no câncer de sangue. Então, a gente trabalhar com plantas é um negócio lindo, fascinante... Mas leva tempo!

TF - E por que são sempre os alcalóides?

DF - Não. Alcalóides, flavonóides, taninos, né? Ácidos básicos...

TF - Mas os alcalóides são os mais... procurados...?

DF - São os mais conhecidos, porque aí...

TF - Bom. Por quê?

DF - Vem as morfina da época, as cocaínas, tudo isso é alcalóide. Mas... mas... as plantas que têm alcalóides, os pesquisadores voam em cima delas. Principalmente para aqueles que não estão conhecidos, né? É... vibramicina e vincristina, os dois alcalóides da *Catharanthus roseus*. Vincristina e vim... (interrupção da fita)

### **Fita 5 – Lado B**

DF - Então eu... eu... acredito que...

TF - Os alcalóides. Mas eu tinha uma outra pergunta, aproveitando essa colocação sua.

DF - Pergunte.

TF - É... que me foi colocado uma tradição na química dos produtos naturais brasileiros, de utilização do método de busca dos princípios ativos ou das substâncias que não fossem solúveis em água. Fossem solúveis em clorofórmio... a gente tinha um professor que eu já não me recordo o nome dele que me foi citado, que dizia que o que não é solúvel em clorofórmio não presta. Fala, meio história assim...

DF - É a... Isso aí é (inaudível). Os químicos, só querem trabalhar com plantas que sejam solúveis em clorofórmio, em éter... em solventes orgânicos, né? Mas, os farmacologistas que são mais voltados para os chás... Porque se um chá, se eu tomo um chá de camomila e consigo tomar aquilo e me tranquilizar, o chá não é dissolvido em solventes orgânicos, é em água quente, não é? Então, o farmacologista deseja que os químicos trabalhem com água. Eles podem trabalhar com solventes orgânicos, mas não para trabalhar com fármacos. Trabalhar para isolar produtos que possam ser sintetizados. Uma estricnina, por exemplo, ela é um alcalóide extraído há muito tempo, ela foi isolada da planta, mas a indústria de síntese foi quem se encarregou de fazer a estricnina, né? Por conta daquela molécula. Descobriu a molécula que tinha aquelas ações. Então a indústria química faz, industrialmente por síntese. Então o químico prefere isso. Mas o farmacologista quer a água, porque se o chá tem um efeito, o princípio ativo tá aí na água. Ele tá dissolvido na água, não é no clorofórmio! Não é isso?

TF - Por que essa tradição?

DF - Não! Porque, a tradição é porque... Olhe, a cultura vem tudo do popular.

TF - Não, sim. Mas porque a tradição trabalhar com os não aquosos? Não solúveis em água?

DF - Porque a... o... a pesquisa de campo, como eles chamam, de fato a Fátima é que conversa muito sobre isso, ela conhece muito isso. Tudo de raizeiro aqui do Nordeste, né? Ela vai lá, ela começa um trabalho de uma planta medicinal conversando com eles, né? Aí ele diz: “Olhe, a senhora faça um chá...”. Nunca diz que faça uma dissolução em álcool. Nunca!

TF - Então por que é que o químico, quer dizer, então o químico teria esse distanciamento do uso prático da...

DF - Tem! E tem muita... e tem uma rivalidade inclusive, porque o farmacologista não aceita trabalhar com aqueles produtos, né, porque eles têm dificuldade de ser solúveis em água, e o químico não quer trabalhar com aqueles porque é muito mais raro isolar um produto que seja, seja... você vai fazer uma cromatografia e com água você não faz! Entendeu? Então, aí vai... ele quer trabalhar... Duvido que o doutor Otto Gottlieb vá trabalhar com produtos aquosos, né? Ele não trabalha, ele não vai perder tempo com isso.

FD - Agora, isso é uma coisa do Brasil ou é uma coisa mundial?

DF - Não! Mundial! Olhe, quando... a gente vê já um sinal disso, quando a gente fez as notas, duas notas pedindo currículo, vieram sei lá... 60, 50 de química e 6 apenas de farmacologistas. Porque são menos os farmacologistas, é em número menor. São... são profissionais mais raros. Porque ninguém quer trabalhar. Agora, o químico quer trabalhar porque aquilo lhe dá mais um *paperzinho* para ele publicar, dá... E pronto, Ele faz, num composto desse ele publica 5, 6 trabalhos. Fácil, que é a riqueza do pesquisador. Ao passo que o farmacologista.... nenhum quer trabalhar com o extrato bruto. Porque ele podia trabalhar com o extrato bruto e dizer: “Não, realmente, baixa a pressão do animal. Você inocula um antidepressivo e nesse extrato dessa planta e baixa a pressão”. Agora, qual é o princípio ativo responsável por essa fase? Não sabe. Não pode saber porque ele usou extrato bruto, não é isso?

FD - Ele não tem como saber.

DF - Não tem como saber! Ou ele isola um por um e para ele isolar é preciso fazer cromatografia, é preciso...

TF - Mas como é que vai fazer cromatografia se for solúvel em água?

DF - Pois é, é complicado!

TF - Então não tem uma técnica? Já tem uma técnica?

DF - Ele tem de fazer... Não! Eles têm outros processos. Ele usa, como é... ... gel. Eles fazem...

TF - Placa de gel? É isso? Placa de gel é com água?

DF - É... é. Gel é com água. Mas eu digo, não chama-se isso. É umas placazinhas também de... gel, mas o nome não é gel. É não sei que gel. Eu não...

TF - Sílica gel. ... Não é isso?

DF - A sílica gel é um dos compostos que a gente, um dos acessórios que... ou um dos produtos que a gente usa, mas não é isso. Pois bem. E então a... a... – O que eu estava dizendo?

FD - Dessa questão do químico e do farmacologista...

DF - Do farmacologista. Então cada um deles, eu dizia para os professores que eu contratei de fora, eu dizia: “Olhe, eu não tenho dúvida de que os melhores profissionais para trabalhar com isso tem que ser farmacêutico. O farmacêutico é o que estuda a Química em profundidade, estuda muita Química e estuda Farmacologia. Então ele sabe perfeitamente essas coisas. O químico só, puro, ele... ele estuda assim a Química... não vê... – é como a pestana do animal né? Que vai na carroça, bota aquilo para ele não ver as coisas do lado – e o farmacologista também ele puro, médico, etc, ele vê só a parte dele, não vê as dificuldades químicas, nem as facilidades da Química. Não tem dificuldade, né? Mas a felicidade de todo isso é que mesmo sem ter o farmacêutico, os químicos, médicos e biólogos, etc, que trabalham chegam a esse consenso, chegam ao bom senso de ter que estudar isso, né? Eu cheguei uma vez, lá no doutor Otto, ele estava pegado estudando num livro, livro grosso – Gulman de farmacologia, Schürman e Gulman – aí ele estava lá pegado, lendo aquilo..., aí eu disse: “Doutor Otto, que livro é esse tão...” “Ah, Delby, se eu não tiver hoje lendo isso, estou desatualizado perante os produtos naturais. (risos) Aí eu apertei a mão dele e disse: “Doutor Otto, é isso aí!” Porque quando eu criei o curso de mestrado aqui, híbrido, Química e Farmacologia, eu não levei pedrada deles por que... – são educados naturalmente – mas todos me bombardearam: “Isso não dá certo! Isso não existe! E coisa... (tosse). Você tem que, ou fazer de Química ou de Farmácia, faça dois e não um híbrido!” Mas deixa que a gente quis fazer isso para evitar ou facilitar a vida do químico ou do farmacologista...

FD - Para trabalhar junto.

DF - Trabalhar juntos, meu amigo! Entendeu? Trabalhar juntos! Que cada um dono daquilo, então aquela disciplina é dele então já se completa, já se satisfaz com o trabalho, a variedade grande de trabalhos que ele pública. Para que mais ir procurar sarna para se coçar, entendeu? Mas o Otto Gottlieb não, ele procura procura sarna para se coçar. Ele estava estudando a farmacologia. Eu achei lindo aquilo, sabe? Por isso que eu disse: uma entrevista com o doutor Otto é uma aula! Ele quando fala é uma aula que ele dá! Ninguém pode contestar aquilo... Não sei. Pergunte mais se eu souber, eu vou dizendo.

TF - Não. Falando ainda dos projetos, não sei se esse assunto...

FD - Não, vai...

TF - Voltando aos projetos que o senhor desenvolveu, tem um projeto que se chama plantas medicinais do Nordeste como fonte de medicamento.

DF - Ah, falei.

TF - Aquela que o senhor já falou antes, né? Eu teria uma pergunta sobre ela. Esse projeto, né, como o título tá dizendo, tá indicando que são plantas medicinais do Nordeste, ele foi... englobou outras universidades ou foi exclusivo da Paraíba ou foi exclusivo da Paraíba e o senhor é... generalizou as plantas, utilizou plantas de outro Estado nordestino? Como é que foi isso?

DF - A... as plantas, nós sempre buscamos...

TF - Quer dizer, o título era pelas plantas ou pela tentativa de...?

DF - ...medicinais do Nordeste. Porque não era obrigado, nós não íamos trabalhar só com plantas da Paraíba, né? E esses aí, ó, entrou o cisal, cajueiro, toda essa... essa... nesse projeto aí, a gente mudava quando fazia a renovação do projeto com a FINEP, agente já tinha estudado aquela ou alguma planta que nós não tínhamos concluído, então entrava de novo para concluir. Mas a gente mudava. E aí foi a *Euforbite educali*, a *Bromélia sartorum*, as dioscoriáceas são várias, né, as dioscoriáceas...

TF - Foram isoladas por isolamento de princípio ativo. Era essa...

DF - Por isolamento de princípio ativo. Tudinho.

FD - E era um projeto só daqui do LTF.

TF - Só da Paraíba?

DF - Só do LTF.

FD - E quem financiou esse projeto?

DF - FINEP!

FD - Só a FINEP?

DF - Só a FINEP, é. Ela financiou todo esse projeto.

FD - E esse projeto gerou um... um banco de dados, um...

DF - Todas essas plantas foram para o banco de dados do Projeto Flora. Agora, aonde está, eu não sei!... (risos)

TF - E gerou teses... trabalhos...

DF - Teses! Todas essas aí, olhe, todas as teses que nós temos, elas entravam no projeto. Era a tese que... para gente trabalhar com mais segurança a gente tinha que ter financiamento. E para ter financiamento tinha que ser uma tese que rendesse... trabalhos publicados, rendesse alguma... ou um produto químico, né? Eu fiz. No 3º SINPRONAT [Simpósio Nacional de Farmacologia e Química de Produtos Naturais, da Universidade Federal da Paraíba] ...



TF - Mas tese, gerou também tese, ou só trabalho?

DF - Tese!

TF - Tá.

DF - Todas as teses eram de plantas desse projeto, né? Todas as nossas teses. Nós não fizemos uma tese aqui que não fosse de projeto.

TF - Quantas teses o LTF produziu...

DF - Agora não sei...

TF - ...na sua gestão? para ser mais...

DF - 50 a 60... Não sei, não me lembro assim.

TF - Sei. E nas áreas de financiamento, já que falávamos disso, o senhor ... Eu queria que o senhor falasse o seguinte: quais são as áreas de maior interesse das fontes de fomento, né, nessa área de plantas medicinais? Quer dizer, poderia separar assim meio Plantas Medicinais, Química de Produtos Naturais e Fitoterapia. Não sei, me aparece essa divisão na cabeça. Não sei se o senhor concorda com ela, né? Se tem outras áreas. O senhor concorda ou... o senhor classificaria outras áreas?

FD - Olhe, a princípio, eu naquele dia, eu ia tocar nesse assunto, mas eu vou tentar lhe explicar... vou tentar explicar melhor. A maioria... a maioria das agências de fomento, só queriam apoiar, inicialmente as pesquisas básicas. Então a pesquisa básica era eu isolar a ecogenina do cisal. Publicar e estava pronta. Não é isso. Eu produzia um composto químico e publiquei aquilo. Então isso aí era pesquisa básica. De 80, meados de 80 para 90, a FINEP pelo menos não queria mais apoiar, financiar mais nenhum projeto só de pesquisa básica. E nisso, o grupo do doutor Otto, doutor Walter... sofria muito e eles, nos congressos, falavam muito e eles tinham razão. Porque de fato, a agência podia apoiar a pesquisa aplicada, mas não podia nunca dizer que não apoiaria porque não era pesquisa aplicada. Entendeu? A pesquisa básica, o nome tá dizendo e pronto: é o básico do conhecimento humano na área de Química, de Farmacologia, etc. Então tinha que ter no mínimo, aqueles conhecimentos. Aí a partir dali, vamos entrar na parte tecnológica que é para transformar a ecogenina ou a diogenina num hormônio sexual. Num anovulatório. Essa... essa pesquisa é que a FINEP e a CEME tá interessada. Hoje mesmo a FINEP apoia esse tipo. Se você tiver um projeto seguro numa produção dessa, a FINEP... Embora ela diga que tem um retorno e pede um retorno, mas bota 10 anos para frente, faz um negócio assim bem mais longo, sabe? E... mas a pesquisa básica não tem retorno. É a fundo perdido mesmo, não tem retorno. As empresas não querem, né? E a pesquisa aplicada toda empresa nacional ou multinacional quer, tem interesse. Então era isso que vinha acontecendo. Os interesses maiores, ultimamente, nesses últimos 10 anos, 15 anos, era para pesquisa aplicada não era para pesquisa básica. Agora, tem as áreas de pesquisa básica... Genética, é... Biotecnologia..., né, os gens hereditários, DNA. Isso aí tem que ser a básica. Porque na Farmacologia quando você vai estudar um produto para transformar num medicamento, você

vai estudar essa parte também. DNA, a biotecnologia dele, os bio-processamentos dele. Mas... eu não digo superficial, mas é num caminho. Não impõe só isso. E a pesquisa básica é só para aquilo, entendeu, gerar conhecimentos novos. Gerar novos conhecimentos.

TF - Mas existe alguma preferência entre produtos naturais... aí incluo os inseticidas, ... bio... enfim, outras coisas que não sejam plantas medicinais, ou como é que estão equilibradas nessas (inaudível)?

DF - Não! Existem os pigmentos na área de Química, por exemplo, tem uma procura... Quem descobrir um pigmento novo, natural, sempre natural, porque sintético tem demais. Mas todos os pigmentos sintéticos são cancerígenos, segundo eles, né? Então isso, a indústria farmacêutica de alimentos não querem usar mais, né? Por isso nós trabalhamos aqui com o urucum, né? E nós fizemos, nós fizemos aqui o pigmento do urucum, uma beleza. Eu botei em ampolas, aqueles cristais lindos, rapaz! Para se chegar àquilo foi uma beleza, coisa linda! Então, isso é de fato uma pesquisa aplicada porque ele vai ser útil a uma cidade, comunidade, à sociedade..., né? E a... a iniciativa privada, inclusive, financia também, quando vê, ela quer, compra...

TF - Quem seria a empresa privada que compraria?

DF - Todas elas. As multinacionais pelo menos, todas elas! As nacionais, essas maiores. O LAFEP, o LAFEP mesmo aqui, que é uma indústria mista... de economia mista. O LAFEP: “Olha, Delby, quando tiver uma coisa boa me liga que eu...”

FD - Doutor Delby, por que é que vocês criaram o SIMCRONAT? Que é um simpósio isolado dos congressos nacionais.

DF - Olhe, você me fez uma pergunta, uma das mais importante, para mim pelo menos. Sabe por quê? Nós existíamos aqui, começamos a existir isolados de tudo e de todos. Quando nós criamos o curso de pós-graduação em Química e Farmacologia de Produtos Naturais, o que é que nós pensamos? Ora, para gente sobreviver a gente tem de chamar os cientistas brasileiros para virem tomar conhecimento, nos dar sugestões... Foi nisso que eu disse a vocês, nesse instante quase que me sacudiram, era pedra, né? Quando eu fiz, na minha apresentação do congresso, do 1º SINPRONAT. Que estava criando, e que queria que eles me ajudassem a dar sugestões etc, fizessem a crítica... É porque eu estava criando uma coisa nova, inédita no Brasil.

FD - O senhor já tinha criado, a pós-graduação...

DF - Já tinha criado...

FD - Tinha acabado de...

DF - Tinha criado! ... É! Já estava, já estava começado o mestrado em Química e Farmacologia. Todo aluno tem dois orientadores: um orientador em Química e outro em Farmacologia. Né? Começa um problema grande porque nem sempre esses dois orientadores se dão.

TF - São afinados.

DF - São afinados, é.

TF - Isso lá no LTF, uma exigência de vocês.

DF - No LTF, é. (tosse)

TF - Já existia um outro... aquele simpósio nacional?

DF - Heim?

TF - Já existia o simpósio nacional, quando vocês criaram as (inaudível)?

DF - De plantas medicinais? Ah, já, já! Aí, quando trouxemos mais ou menos 200 pesquisadores na área de Química e Farmacologia. 200, não era mais do que isso. Olhe, uns 10% me apoiaram nisso. 90% foram contra. Aí eu tive um estalo: e disse: olhe, na última reunião de... de, para fazer as conclusões... eu disse: “Eu não sei como fazer. Vocês foram contra, mas eu não gostaria de desistir dessa idéia assim com tão pouco tempo. Eu queria que vocês, eu pediria para vocês me darem um crédito de confiança, por mais 5 anos.” Porque é quando começa a sair tese... começa a sair...

FD - A produção, né?

DF - A produção, né? Aí foi unanimemente: “Crédito para o professor Delby.” Aí todos deram crédito e etc e tal, e eu fiquei com esse compromisso de com 5 anos fazer o 2º. Aí no 2º SINPRONAT, que eu fiz, em 5 anos, eu convidei 3 professores estrangeiros. Convidei o doutor (inaudível) que é da Organização Mundial da Saúde, ele é farmacologista de altíssimo nível. Convidei Paul Robster da Suécia, que é médico também, farmacologista, com uma experiência de 10 anos na Amazônia. Ele passou 10 anos com os índios na Amazônia. Gordinho, baixo, não sabe? E convidei o (inaudível) Brown da Inglaterra, químico puro. Convidei essas 3 autoridades. Mandeí passagens, reservei os melhores hotéis aqui. E convidei a comunidade científica brasileira, latino-americana... fiz correspondência para alguns. Somente um ou dois: um da Argentina e um da... do Uruguai veio, vieram. Mas do Brasil, no 2º SINPRONAT já estavam presentes mais de 500... alunos de pós-graduação, né, curiosos para ver isso... Tânia, quando nós apresentamos... E esses professores eles vinham fazer a conferência, cada um na sua área. É... as conferências, as 3 conferências deles foram em cima da interdisciplinalidade, a multidisciplinalidade, a interdepartamental como... Foi em cima disso. Mostrando que jamais país algum conseguiria fazer um medicamento se não integrasse esses conhecimentos. Olhe, a conferência dos 3 parece que foram combinados para fazerem essa conferência. E na verdade não foi. Nem por mim, e eu acho que eles nem sabiam que nenhum vinha. Mas 3 conferências coincidiram. O Paul Robster, ele dispôs, deu até de presente ao doutor Otto, ele expôs a experiência dele da Amazônia com plantas medicinais, né? Foi linda a conferência dele! Mas ele disse: “Tudo isso foi a minha experiência para eu saber trabalhar em Farmacologia. Eu não posso trabalhar com a Farmacologia isolado. Eu estou trabalhando inclusive, com uma planta alucinógena lá da... lá da não sei de onde, da África, mas eu a todo instante, pedindo apoio de químicos lá nossos, para eles fazerem o isolamento seja como for, os princípios ativos e etc...” Olhe, isso foi uma bomba na cabeça da turma que não estava acreditando na coisa e foi um alívio na minha cabeça. Embora eu tivesse ali com, nessa época nós já tínhamos umas 3 ou 4

teses, químicas-farmacológicas, teses híbridas. Eu dei cópias a muita gente, pelo menos aos responsáveis maiores. E recebi nas conclusões do encontro do 2º SINPRONAT, inverteram-se os papéis: eu tive 80, 85% de aprovação. “Professor continue.” Foi assim, palmas e etc. “Continue.” A coisa... aí eu disse que com 5 anos eu faria o 3º SINPRONAT. Por isso é que teve, nós tivemos. E o 3º SINPRONAT eu fiz junto com o de Plantas Medicinais, porque o Carlini quis fazer aqui e... Sim, uma coisa também que me ajudou também eles virem para cá, acreditarem, foi que nós nos desdobrávamos, Fernando, em atenção a esse povo. Eu acho, modéstia à parte, mas todos eles eram muito bem tratados aqui. Nos melhores hotéis, carro para ir buscar, para deixar, para não sei quê... Tudo, entendeu? E ele, todos os congressistas. Não eram só os papas não. Todos!

FD - 500 congressistas.

DF - 500 congressistas. Todos assistidos...

FD - Tratados a pão-de-ló.

DF - A pão-de-ló, entendeu? A gente gastava muito, mas a gente obtinha apoio até de... a Rhodya me ajudava, o LAFEP me ajudava, né? E CNPq, FINEP, CEME... Tudo eu tinha ajuda disso, né? Então fazia uma turma. Eles já cobravam: “Quando é que vai ser o 2º, quando é que vai ser o 3º?” Não sabe? Aí no 3º SINPRONAT... Aí vai talvez a resposta do que você disse, queria saber. No 3º SINPRONAT, eu quis fazer o seguinte: fiz uma exposição, uma exposição da nossa produção científica e tecnológica. Na produção científica, eu apresentei um 1º Manual da Produção Científica, com 300 e tantas páginas, né? Toda a produção científica nossa ali. Apresentei todos os trabalhos, livros de (inaudível) que já tinha elaborado. Capítulos de livros, etc. E apresentei o medicamento, um *stand* só de medicamentos injetáveis, comprimidos, drágeas, etc. Apresentei outro *stand* só de cosméticos, né? E a parte de química e cosméticos. E apresentei os fármacos, né, os fármacos onde estavam ali todos os produtos, bem 30: ecogenina, diogenina, é... a bromélia, o ácido básico, cajueiro, as gomas, os taninos, ácidos (inaudível)... E... Eram uns 30 mais ou menos! E aí as iniciativas... e convidei também a iniciativa privada, algumas indústrias para virem, não é? Eu tinha 12, 12 ou 14 *stands*, todos do LTF, né? Máquinas que nós produzimos lá, né? Tinha uma exposiçãozinha só de máquinas. Simples, mas que a gente produziu para ajudar a nossa produção. A parte de alotecnia, de vidraria para laboratório... Quantas coisas nós fizemos, porque trouxemos da Alemanha, fiz um convênio com a Alemanha. Trouxemos técnicos voluntários da Alemanha, e montamos uma oficina modelo de vidro, de alotecnia. Porque não se faz pesquisa só com uma coisa não, se faz com esse conjunto de coisas. Entendeu, Fernando? E então eu montei esses.... acho que eram 14, 12, 13, ou 14 *stands*. Tinha a secretaria, pois bem, tinha a parte de Biotecnologia também. Produtos já desenvolvidos, plantas já desenvolvidas por Biotecnologia. Eu tinha a planta num tubo de ensaio e ela já num jarro, grande aqui. Ela já num jarro já com flores, frutificando, a frutinha pequena, entendeu? Era... ... era... ... era... a... ... Não, não era a acerola não. É... ... é... ... Popularmente é marmeleiro, mas eu queria... Pois bem, e...

FD - É tipo um óleo de rícino, né?

DF - É, dá um óleo lá. E eu sei que a turma via isso. Via isso. Quando chegou aí foi, sim, fiz uma exposição com a Fátima Agra, fizemos uma exposição, isso aí foi numa área grande, uma

exposição grande, de todas as plantas pesquisadas, no LTF. As que a gente trabalhou, classificou, isolou... Tudo! Então, nós fizemos uma exposição de uma produção científica e tecnológica, de tudo que nós fizemos no LTF durante aqueles 3 simpósios, né? Aí, pronto, a turma então bateu palmas e.... na época a gente já estava com o curso credenciado, o curso de mestrado credenciado. Ainda não estava classificado em 'A' não, estava em 'B'. Mas quem tem o curso em 'B' ou 'A', quase que não faz muita diferença. Com dois anos, já o nosso curso era 'A', né? Então, eu acho que a gente fez para ser feito na Paraíba, Fernando. Você imagine isso ser conseguido em qualquer instituição. É muita dificuldade. Agora, transporta essas dificuldades do Rio, de São Paulo, Minas, Porto Alegre mesmo, e transporte isso para Paraíba. Bote dificuldade nisso!

TF - Isso foi em que ano, o 3º?

DF - O 3º foi... 80...

TF - 87?

DF - É, 87, 88. Já foi perto da minha saída.

TF - Depois da sua saída não teve mais nenhum?

DF - Não, não. Aí... Marcelo, não sei se ele lhe disse ontem, eles tão pensando em fazer um congresso em dezembro comemorando os 30 anos do LTF, né? (interrupção da fita)

### **Fita 6 - Lado A**

TF - Entrevista com o professor Delby Fernandes, dia 27 de março de 98, fita número 6.

DF - Pois bem, o SIMPRONAT tinha um objetivo: era... era consolidar o curso, consolidar a filosofia de trabalho nossa que era a interdepartamentalização do nosso trabalho e a multidisciplinidade, trabalhávamos nisso. Né? Gregos e troianos. Como fazia... como fez falta gente como vocês nessa área de História, de ver... porque a gente não tinha aqui. Eu procurei unir aqui, o NUDH, é um Núcleo de Documentação Histórica, não sei quê... Mas era um povo... não sei, não deu certo essa produção. Quem eu achasse que dava certo eu convidava para integrar a nossa equipe, né? E ali eu não podia pagar porque ele era o professor da universidade, mas tinha jetons... tinha as benesses que eu solicitava, né? ... Então, era diferente. Esse outro que o Marcelo vai fazer agora é um... é um de Farmácia... de fármacos e medicamentos. É, é de fármacos... é o 1º Simpósio Nacional... de Fármacos e Medicamentos.

TF - Quem sabe nós viremos falar sobre falar sobre a ....

DF - Pois é. Quem sabe?

FD - Doutor Delby, o SIMPRONAT, ele em termos de conhecimento científico, ele marcava, tirando a coisa voltada, mais endógena do curso, que o senhor mesmo tá afirmando que é a

novidade da multidisciplinalidade, tá agregando áreas diferentes dentro do mesmo projeto. Mas em termos de conhecimento científico, o SIMPRONAT marcava uma diferença grande nos outros congressos da área?

DF - Marcava porque...

TF - Vou complementar: por que fazer, por exemplo, os dois juntos, tá? – Aí acho até que é a questão dele?

DF - Os dois juntos?

TF - É.

FD - No final.

DF - Sim! O de Plantas Medicinais e o SIMPRONAT...

TF - Assim, houve uma ocasião em que ia ser aqui, não sei que lá, tá?

DF - É. Aquilo foi por fator econômico, né? Carlini disse: “Delby, vocês já fazem muito bem o SIMPRONAT, aceite o de Plantas Medicinais lá porque a gente vai economizar dinheiro, né? Os recursos que eu puder obter... para o de Plantas Medicinais, obviamente vai lhe ajudar com passagens, com coisas pra... – E me ajudou muito! – ...e o restante você consegue, como eu sei que tem conseguido até hoje e vai conseguir.” Olhe, o 3º SIMPRONAT foi, eu trouxe quase 10 professores estrangeiros. Trouxe um de Hong Kong que quando ele chegou aqui, ele descobriu uma planta que nós temos lá... na...naquele hortozinho pequeno que vocês viram, que eh... ele descobriu que era uma planta que ele trabalhava lá na... em Hong Kong e já no hospital e... em 3 hospitais... nos Estados Unidos, anti-aids.

FD - É mesmo!

DF - Olhe, ele ficou encantado com isso! Tirou fotografia com a planta, pegando a planta, não sabe?

TF - ...adoçante?

DF - Tem adoçante se você quiser.

FD - Mas então, e a diferença do SIMPRONAT pros outros...

DF - Sim! A diferença era exatamente essa. Enquanto que você trazia um Simpósio de Plantas Medicinais e a linha do simpósio da planta medicinal, a linha dele... a linha dele, era mais fitoterápica, né, fitoterápicos e... um conhecimento mais generalizado da planta. O de Química era mais a parte química. O de Botânica era mais a sistemática, a etnobotânica e etc. E ao passo que o SIMPRONAT, era a parte botânica, química, farmacológica, etnobotânica, não sabe? Ela englobava o medicamento com as suas áreas de pesquisa de um modo geral. Então atingia muito mais o profissional da área do medicamento, da Farmácia, etc, do que, do que aqueles. Era, eles

achavam muito bom esse SIMPRONAT, porque de fato fugia àquela rotina que eles tinham daqueles... Bom, os de química diziam: “Bom, nós vamos para um Congresso de Química, já sabemos: o doutor Otto vai levar tais e tais trabalhos sobre isso. O doutor Walter Mors vai levar, o doutor Afrânio lá de Fortaleza... não sei o que...” Entendeu? Apenas de trabalhos diferentes, mas já sabia aquilo não tinha mais novidade. Mas aqui, os 3, todos 3 foram surpresas, tinha surpresa. Porque isso aqui é uma planta que deu um fitoterápico, mas desse extrato bruto aqui que serviu para um... um extrato. Então se isolou daqui um princípio ativo que é responsável por isso aqui, pela redução do açúcar no sangue, não sabe? Então, da *Bromélia sartorum*, se tomava o chá da Bromélia para diabetes, só que quem sabia o responsável por aquilo? Nós descobrimos, não é isso?! Por isso a Rhodya se interessou por isso, e queria e propôs fazer o convênio com a gente, né? Então isso dava mais Ibope na área farmacêutica.

FD - Agora, mesmo assim nenhuma... vamos dizer assim, nenhuma dessas associações ou dessas instituições... nacionais se interessou ou em assumir junto com vocês o SIMPRONAT ou em manter esse tipo de simpósio.

DF - Não.... Esse simpósio de fato foi um negócio muito particular do LTF. Ele surgiu com esse objetivo de fazer, tornar conhecido um programa, um programa no Brasil inédito. Porque ainda hoje é inédito! Por exemplo: a Escola Paulista de Medicina: Lapa, Aron, aqueles professores disseram: “Delby, nós já estamos contratando químicos para lá. Já vimos que nós sozinhos não vamos passar nunca, da gente fazer uma droga, com um... um trabalho que a gente já sabe mais ou menos em que vai dar. Mas nunca uma novidade grande, porque faltam os conhecimentos químicos.... é... daquilo. E nem botânicos, eles não têm. Chega no LTF nós temos o botânico que eles não têm, temos o químico que eles não têm. Lá em doutor Otto ou Walter Mors, eles têm muito bem os químicos e como têm, mas faltou o botânico, faltou o farmacologista, faltou o homem da tecnologia, entendeu? Então, isso o LTF de fato, ele inovou no país. É tanto que esses professores que vieram de fora, bateram palmas. Eu recebi uma missão chinesa, a China com um... com... 400 anos de existência no laboratório... o laboratório de pesquisas da China, né? E, eram 6 chineses, quando eles visitaram o LTF e a gente mostrando o... o..., como era que funcionava e tudo. Aí um olhou para o outro e disse: “Você vê, eles tão fazendo... – Nós tínhamos nessa época 15 doutores aqui, com uns 6 ou 8 mestres, o resto era técnico, né? – ...eles têm uma besteira de doutores e mestres e fazendo o que nós fazemos há 400 anos no laboratório lá!” Era Laboratório de Pesquisa... – Como é que chama? Não lembro também não. – Pois bem e ele dizendo para o outro. Aí eu perguntei por que essa surpresa. Ele disse: “Olha, os senhores, nós estamos lá com o instituto, é o Instituto de Química de Pequim.” ... Não! O Instituto de Produtos Naturais de Pequim. Parece que é um negócio desses. “Há 400 anos! E o que os senhores tão fazendo aqui nós fazemos lá ou o que nós fazemos lá vocês estão fazendo aqui. Nós temos lá 200, 280 pesquisadores direto trabalhando e vocês estão fazendo o que nós fazemos lá. Nada mais!” Entendeu? Porque nós estávamos trabalhando com objetividade, né? Nós estávamos trabalhando com objetividade. Aquilo que é... ajudava a gente ganhar espaço. Em vez de eu rodear por ali, eu ia por aqui. Se eu não vou procurar em Pernambuco, Fortaleza, Matos, nem nada, porque Fátima Agra aqui cobria a necessidade nossa. Então a gente contratou isso. E tudo isso só foi possível para nós, primeiro porque nós éramos uma instituição nova, a Universidade da Paraíba, segundo porque o reitor Linaldo Cavalcante inicialmente apoiou e disse: “Contrate quem você quiser!” Eu contratei doutores estrangeiros pelo telefone, não é? Eu já disse a vocês isso. Então isso foi uma carta branca muito boa para gente. Como é que isso hoje se consegue? Não se consegue. Não se consegue. Eu contratei um brasileiro, um brasileiro

que estava na Inglaterra, terminou o doutorado, estava há 2 anos lá sem fazer nada ou fazendo besteira, eu contratei: é... Nelson Medel Santos, né? Ele eu contratei por telefone. Como já era um doutor na área que a gente queria, na área de..., né, já falando português. Ora, isso era uma beleza! Brasileiro! Eu contratei o Nelson: “Nelson, você tá contratado Nelson. Não tem disso.” “Mas professor, tem um problema.” Eu disse: “Qual é Nelson?” Ele disse: “A minha esposa é médica e também é farmacologista, não sei quê... Ela trabalha...” “Também tá contratada também, Nelson. Se é isso, tá contratada.” Mesmo assim, entendeu?! Pois bem, foram... esses dois que mais me deram, por incrível que pareça, que mais me deram trabalho. Os brasileiros, que falavam português, entendeu? Me deram trabalho, rapaz, foi preciso botar para fora. ... Não sei se respondi com relação ao SIMPRONAT.

FD - Perfeitamente. Respondeu perfeitamente.

TF - Falando em contratos estrangeiros, eu pergunto o seguinte: o Japão, principalmente o Jaica – Conhece, né?

DF - Ah!

TF - Tem um trabalho, em Pernambuco tem um trabalho grande, de Saúde Pública, junto à Fundação Oswaldo Cruz também, né, junto ao Instituto e tal... Ele não teve nenhuma expectativa de trabalhar com vocês? Projetos, propostas ...?

DF - Olha, eu fiz um projeto um projeto com o Jaica, mandei para o Itamarati... e a nível nacional, eu recebi aprovação do projeto. Era um projeto muito interessante, em que pese Pernambuco aqui pertinho ter. Mas eles acharam, os japoneses que estiverem comigo aqui, eles achavam que a gente podia integrar mais adiante ao grupo de Pernambuco, inovando o de Pernambuco. Porque o de Pernambuco é muito limitado também para um tipo de planta, não sei. Eu não conheço bem o de Pernambuco.

TF - Não, não é de plantas. É de Saúde Pública, atendimento a pacientes...

DF - É, Saúde Pública... Pois é. Eu sei o que eles eram: ...

TF - ...e doenças endêmicas.

DF - “Olha, mais adiante esse aqui vai integrar muito bem o de lá!” Então, eles apoiaram tudinho, mas o governo japonês, o namoro conosco, foi muito longo, demorou muito e eu acho que diluiu-se o namoro e pronto. Mas nós recebemos a carta ainda do Itamarati, que estava aprovado o projeto, né, com a Jaica. E isso foi um... eu lamentei muito porque a gente teria melhorado muito o laboratório, né? Porque eles tinham dinheiro, né? E a FIOCRUZ ela ajudou muito, né?

TF - É, outra coisa que eu queria saber é o seguinte... – Esse assunto tá ...– Ontem o Marcelo estava conversando conosco sobre uma proposta que está sendo encaminhada, de mudança da formação de farmacêutico, né? A mudança que ele estava propondo, que o grupo propõe... seria de o curso de farmacêutico, o farmacêutico sair com 3 anos com uma formação forte em medicamentos. E as análises clínicas e cosméticos ficar como especialização. Não como está



hoje que são as 3 especializações incluindo o... o tecnólogo, digamos assim, de... de... de medicamentos. Quer dizer, todo farmacêutico sairia com uma especialização em medicamento. Como é que o senhor vê, o senhor está nessa frente?

FD - Isso é a sua proposta de currículo que o senhor falou que estava encaminhado...?

DF - Não. Nós... nós... a nossa proposta de currículo, obviamente que ela não está... ela não está... concluída. Ela está para ser analisada, estudada e... aceita propostas boas e etc. Mas na minha cabeça, eu não penso numa... eu penso na farmácia medicamento. Farmácia... Análises clínicas para mim, embora a gente não possa retirar assim porque seria um choque nacional, mas análises clínicas não é uma coisa específica da Farmácia. Mas medicamento é. Não sabe? Mas medicamento é. Medicamento é. E a pesquisa de fármaco é uma coisa muito bonita e a Farmácia tem tudo para fazer bem isso. A Farmácia dispensação, a Farmácia formulação, a Farmácia... é da Farmácia, não sabe? Então, a minha proposta não era assim não. Eu não cheguei a fazer uma grade curricular da coisa, eu fiz um quadro, posso mostrar a vocês, não é? E isso ficou, o doutor Otto até me pediu uma cópia... Várias faculdades me pediram uma cópia, etc. Mas eu acho que faltou a minha visita, a minha... Porque essas coisas ou a gente acompanha... Isso dá trabalho! Isso não assim feito com, né? Um abrir e fechar de olho, isso dá trabalho! E muita gente não tem muita disposição para... “O negócio tá indo, eu estou ganhando o meu assim mesmo. Eu vou agora procurar sarna para me coçar e coisa...!” Entendeu? Então, isso dá trabalho e pronto, ficou. Mas não é isso não. A nossa proposta não era essa não. Não sei, mas medicamento, ele deixa como, medicamento? Ele não me falou nisso, o Marcelo.

TF - É seria o farmacêutico formado... (inaudível)

DF - Em 3 anos.

FD - O básico e o medicamento (inaudível)...

TF - Não (inaudível) em 6 anos não.

DF - Ah, sei!

TF - Seriam 3 anos...

FD - Não. É, mas ele não disse que continuaria sendo o básico em 3 anos. Ele não falou não. Falou?

TF - Foi isso que eu entendi?

FD - (inaudível)

DF - É, porque 3 anos a gente quase que não tem condições nem de dar a parte básica do curso, não sabe? Dava aquela farmácia galênica que eu acho que não tem mais muito sentido...

TF - Mas a minha questão era mais o seguinte: quer dizer, ele levaria... – para ver se o senhor concorda. – ...ele levaria esse farmacêutico para a área de medicamentos. As análises clínicas e

a cosmetologia seria uma...

DF - Uma outra...

FD - Alimento.

TF - ...o alimento seria uma especialização posterior a formação.

DF - É, posterior. Exatamente.

TF - E essa proposta tá andando, tá sendo...? Como é que ela tá sendo aceita ou ainda não saiu daqui?

DF - Não! A minha, a minha ou a dele? Não! A minha parou há muito tempo. A minha eu acho que só andou comigo, não andou com ninguém não. (risos)

TF - Mas a sua também, de certa forma...

DF - Ela era meio revolucionária no curso. Era preciso de fato alguma... Eu vou mostrar ali a vocês.

TF - Tá.

DF - Agora, essa de Marcelo aí, eu acho que valeria à pena é uma reforma de fato. Porque não tem mais muito sentido umas coisas que tem. Eu tenho uma poesia de Álvaro, Álvaro de Carvalho Albuquerque. E ele termina a poesia assim: “Farmacêutico só, para que mais?” Quer dizer o resto tudo era besteira, o negócio era farmacêutico. Ah! Não sei se você já viu? Essa história de globo colorido, bonito, etc e tal... Isso não pode ter mais, farmácia enfeitando de globo colorido mais não. Tem que ser, tem que ser e provar que é, entendeu? É, eu sou dos mais antigos, mais velho não, porque o velho diz que o (inaudível) quer estrada. Velho é estrada, né? É estrada e baú. Nós não somos velhos, nós somos mais usado, mais...

TF - Experientes, né?

DF - Pois é. Mas eu acho que a gente tem que pensar dois dedos adiante do nariz da gente. Eu não gosto de pensar para trás não, eu gosto de pensar para frente, vendo o que a... Aquilo que eu não tive, eu procuro estender para obter adiante, entendeu?! E aquilo que eu não tive foi muita coisa! Muita coisa que eu tenho na minha cabeça hoje, eu adquiri insistindo para ter, entendeu? Fazendo força para que outro tivesse. Fazia aquilo que eu disse do professor de Pernambuco que veio: “Delby, não faça isso que esse povo vem sabendo mais do que você e bota você para fora daqui.” E exatamente isso que eu quero: que eles venham sabendo mais. Aquilo que eu não tive eu quero que outros saibam, né? A Farmácia só caminhará para frente se for com o cérebro. Farmácia ou qualquer profissão, né?! A História se você não avançar, meu amigo, uns palmozinhos adiante do seu nariz, vai ficar contando história do Trancoso. Então não é por aí, né? Você tem que evoluir...

TF - E o seguinte: eu queria que o senhor falasse um pouco sobre um grupo que tem no Brasil

– o senhor. já falou um pouco no meio da entrevista, né – eu queria que o senhor nos desse um leque, do seu ponto de vista, dos grupos que trabalham com plantas medicinais no Brasil. Quem o senhor destacaria...?

DF - Olhe, plantas medicinais no Brasil, a Escola Paulista de Medicina, um grupo trabalhou relativamente bem. Um grupo bom de Ribeirão Preto... Sérgio Figueira... Aquele menino, aquele professor que vinha para aqui...

TF - De Ribeirão Preto é da Universidade da USP, né?

DF - Da USP. É. Ribeirão Preto, muito bom, um grupo bom de Farmacologia. Em plantas medicinais também. É... é... a UFRJ... A UFRJ tá bom!

TF - A UFRJ?

DF - J, no Rio de Janeiro. A UFRJ...

TF - Tá. A Rural.

DF - É. Não!

TF - O NPPM?

DF - O NPPM. A Rural... o estudo lá de plantas medicinais eu acho que é muito pouca. Na Rural. Eu não conheço inclusive. Eu conheço o Brás que é de lá, mas que é da Química. É mais Química, não sabe? É. E UFRJ... Sim, tem um grupo bom hoje, é o de Florianópolis, lá o de Calixto, professor Calixto. Esse grupo tá bom. No meu entender, é o grupo mais forte em plantas medicinais hoje no Brasil é o de Calixto! (tosse)

TF - Ele criou dentro da universidade...

DF - Dentro da universidade.

TF - ...um NPPM ou é outra coisa?

DF - Não, não. Ele tem um laboratório didático. Ele não tem uma... Mas ele tem um grupo bom, ele formou uma equipe boa, de pessoas dele. Ele tá fazendo como nós aqui, integrando Química. Ele já tem químicos lá e botânicos, entendeu?

TF - É de tecnologia, não? É de pesquisa.

DF - De pesquisa. Mas ele, é só a parte... Quem tem isso, só o LTF da Paraíba. Quem tem Química, Farmacologia, Botânica e medicamento e tecnologia... Só aqui! No Brasil inteiro, só tem aqui!

TF - No Rio Grande do Sul tem algum grupo trabalhando...?

DF - Tem. Mas o do Rio Grande do sul é mais de medicamento. E tem uma equipe até boa, mas só na área de medicamento. E faz um pouco de pesquisa também tecnológica. Mas é... é menos, né? Agora... Quem é o outro grupo?...

TF - Minas tem quem?

DF - Minas... tem mais na área de Química, na área de Química. Era com... aquela menina... que por sinal se aposentou agora, não sei nem se ficou alguém. Ela e o marido... ele morreu. Era...

TF - Alaíde [Braga]?

DF - Alaíde!

TF - Ela está trabalhando.

DF - Está ainda, né? Alaíde é muito boa, muito boa!

TF - Vou entrevistar ela semana que vem. Nós vamos.

DF - Muito boa a Alaíde, viu? Sim, tem um pessoal da FIOCRUZ, tem um pessoal de... Gilbert tá lá na Fiocruz?

TF - Tá.

DF - Ah, então vocês tão com a faca e o queijo na mão lá! Sim! A UNICAMP tem um grupo bom também.

TF - A UNICAMP ficou mais com a Agronomia, né? ... Como é que está hoje?

DF - É, eles compraram... eles compraram aquele laboratório... – Diga Augusta.

Augusta – (inaudível)

Delby- 5 horas.

(pausa na gravação)

TF - É em Campinas.

DF - Também. E eles compraram um laboratório de uma... de uma empresa privada... Rapaz, isso tá uma beleza! É onde está aquele menino... é... Vocês falaram nele.

FD - (inaudível).

DF - Não. É um que trabalhou com a Merck no Maranhão em Pilocarpina. Um gordo. Muito bom ele. Eu trouxe ele para cá, para um SIMPRONAT. Né? E tinha uns outros...

FD - O senhor sabe o nome desse núcleo lá em Campinas?

DF - Tem! É muito conhecido! É um Núcleo de Produtos Naturais e Plantas Medicinais.

TF - (inaudível)

DF - É, lá na universidade... Falem com o Barata, o professor Barata da Química, não é? Que ele diz tudinho. Mas você falou nele! Ou foi você ou Tânia. Nesse menino de lá da UNICAMP. Não sei se ele tá lá ainda. Olhe, as minhas informações...

TF - Sharapin<sup>7</sup>!

DF - Sharapin!

TF - Sharapin está na UFF.

DF - Está na UFF. Olha aí, já não tá lá, viu?! Pois é. Sharapin. Pois bem, eu estou afastado, então a minha memória é de 89, 90 para trás, não sabe? Porque depois disso, eu perdi de vista, né? Muita gente eu não sei...

TF - E em termos de países... (inaudível) No Espírito Santo tem alguém trabalhando com produtos naturais?

DF - Tem em Alagoas. Alagoas tem um grupinho até... – Como é o nome dele? Já veio aqui, várias vezes, ele e a mulher dele. – um grupinho pequeno, mas tá com muita vontade. Euzébio, Euzébio.

FD - A Rinalda e a Margareth falaram.

DF - Falaram, né? O Euzébio e a esposa dele... Como é o nome?... Pois bem...

TF - Fora do Brasil...

DF - Fora do Brasil, eu... eu só conheço...

TF - ...os países que mais investiram ou têm investido é...

DF - Olhe, eu acho que a Alemanha. A Alemanha tem uma área de produtos naturais fantástica, né? Eu acho que quem mais investe talvez seja mesmo os Estados Unidos. Mas aquilo ali a gente não sabe nunca, porque eu contratei 28 doutores estrangeiros, eu recebi um americano por acaso. Eles se julgam muito senhores de si. O que eles puderem captar da gente, captam. Mas não soltam nada para nós. Então não é gente para nós! Deixa ele lá com o Deus deles, né? A gente fica com a nossa humildade aqui. E vamos procurar entre os europeus e chineses e

---

<sup>7</sup> Nicolai Sharapin é professor titular na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal Fluminense (UFF). De 1987 a 1995 foi coordenador da área de Fitoquímica do Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (CPQBA) da Unicamp.

orientais, né, as coisas que...

FD - Doutor Delby, olha só, pensando nessa tradição europeia de plantas medicinais, eles lá desenvolveram, inclusive é o berço da ciência farmacológica, Química é na Europa.

DF - É na Europa.

FD - Eles conseguiram desenvolver todo um modelo científico sem abrir mão da Fitoterapia. Será que a gente não tem aqui um modelo equivocado, um modelo radical demais?

DF - Pois é. Pode ser, pode ser. Pode ser. Porque toda a nossa experiência na Fitoterapia a gente vai buscar lá! A gente chega na Alemanha, tá lá: as farmácias fitoterápicas lindas. E como eles têm um núcleo daqueles, né?...

FD - E é receitado pelos médicos!

DF - Receitado pelos médicos! Respeitado e receitado... Quer dizer, na França é outra coisa. Eu visitei alguns da França que eu fiquei besta! Os laboratórios fitoterápicos de lá – puxa! – e homeopáticos, uma beleza de coisa! Então, Portugal mesmo, tem umas boas também, entendeu? Mas já bem menor. Achou não?

(inaudível) - Achou!

DF - Ham. Você vai buscar, né?

(inaudível) - É!

DF - Viu, então eu acho que é por aí. O Japão, lá para o oriente é coisa mais nova. Tem umas experiências... o *ginseng* aquelas coisas antigas, né? Mas aquilo, aquilo não é realmente um estudo, ali é só parte popular mesmo da, né?

FD - Aonde isso? No Japão?

DF - No Japão, né?...Na China...

FD - Mas na China não!

DF - Na China tem já mercados. Inclusive...

FD - Na China tem um cruzamento fortíssimo dessa, do científico com...

DF - Tem, né? ... Tem! O... o próprio... no instituto, Instituto de Química de Xangai, não é de Pequim não. É Xangai. 400 anos!

FD - Pois é.

DF - É muito antigo. Eu tenho lá no meu livro aí de recortes de jornais, eu tenho aí. 6 cabeças,

eu bati fotografia deixei tudo lá.

Augusta- Delby vem ver (inaudível).

(pausa na gravação)

DF - O Instituto de Química de Xangai, aquilo ali é uma coisa fantástica! Eu trouxe... eu tenho até coreano na minha... na minha equipe aí. Por sinal me deu depois tanto desgosto. Mas ele foi quem, trabalhando com a ecogenina do cisal, ele fez um processo biotecnológico para produção da ecogenina e esse processo mandamos para uma seleção de trabalhos para o Estado de São Paulo, Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. E... nós ganhamos, o LTF ganhou, um certificado desse tamanho: “honra ao mérito.” Chamaram a gente lá para ir receber isso, eu e o coreano, não sabe? Foi chamado também o reitor, mas o reitor não pôde ir, nessa época ele estava no exterior. Eu sei que nós fomos no Palácio do Governo em São Paulo, recebemos o prêmio lá, desse negócio lá. Ganho com um trabalho nosso aqui com a ecogenina do cisal com esse coreano, né?

FD - Por que é que ele deu muito desgosto?

DF - Ele deu desgosto porque esses coreanos são complicados demais. (suspira) A gente findou, ele fez tudo isso e nós findamos sem saber se ele sabia.

FD - Sabia o quê?

DF - Fazer o que ele fez, entendeu? Eu não entendia aquilo. Rapaz, ainda hoje a gente não sabe!

TF - (risos).

DF - É um povo tão complicado, tão complicado, uma cultura tão... Que não deu para gente saber! Os indianos que me ajudaram muito: “Delby, não dá para gente saber! Porque a gente vai conversar com ele, aí ele diz: “Ó, ecogenina!” Aí mostra aqui ecogenina na ampola, no vidro. “Pura, pura!” Aí a gente pergunta: “Mas como é que o senhor sabe que é pura, se o senhor não fez a análise aqui?” (risos) “Pura! Não teime comigo não. É pura, puríssima!” Sabe como é? Quer dizer...

TF - Aquele papo de doido, não é isso?

DF - Então a gente fica sem saber se ele de fato sabe...

FD - Se descobriu ou...

DF - Aí como é uma pessoa muito difícil, eu devolvi, mandei ele para Faculdade de Farmácia, ele ficou lá dando física-industrial, operações unitárias... Mas eu tirei da pesquisa. Já estava criando problema... Entendeu?

FD - Tá ótimo, doutor Delby. O senhor quer falar mais alguma coisa?

DF - Rapaz, é agradecer a vocês de terem me dado essa oportunidade de falar sobre uma coisa, a melhor, a coisa que eu mais gosto de falar... é sobre o LTF. E vocês me deram essa oportunidade de falar sobre o LTF. Entendeu? Então eu lhe agradeço... (interrupção da fita)